

QUALQUER COISA

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

Haverá algures um mistério que nunca habitará
a minha consciência, a minha sensibilidade, falta
que me obriga a visitar estes lugares tumefactos?
Imprevisíveis? Quantas voltas não dei em círculos
fechados a qualquer inteligência, como aquela
que pressupõe a sua quadratura? Que diz o dizer
que prodigalizo com uma leviandade incontestável?
Que ser e ser-se não é a mesma coisa? Não haver
uma afirmação no que profiro, sobretudo declarativa,
deixa-me triste e indevido, de vida nem sempre
quem escreve vive, mas pode-se fingir uma argúcia
onde se perdem todos os que deixam o ser ser. Enigma.

SILVA CARVALHO

QUALQUER COISA

SILVA CARVALHO

PORÉTICA EDITORA

QUALQUER COISA

Indefinido até não saber onde começo ou acabo,
acabo sempre por não saber como iniciar
um qualquer porisma exigindo de mim que venha
até aqui para me perder em línguas e palavras
que não domino nem saberia como fazê-las acreditar
que ainda é possível, com algum encanto,
engendrar malícias da emoção casada ao pensamento,
se tal monstruosidade pode fazer parte do real.
Qualquer coisa pulsa numa parte de mim
em excitações descuidadas, será ainda consciência
o que se sente quando um rio de acções mentais
desliza aos ziguezagues? Sem que eu possa
ter mão no que vai acontecendo, como se dentro
e fora fossem a mesma coisa, como se o mundo velho
de um sempre que se perpetua concedesse
a ilusão de um espelho reverberando transparências
que parecem vozes acutilantes no sigilo perdido
do silêncio. Onde estão os homens e as mulheres?
Fazem ainda parte da ideia de mundo,
ou esqueceram-se definitivamente das essências
que outrora pervagavam os mitos ocidentais
como orientais? O mundo não é um planeta, o globo
não é o mundo, o que é o que é? A pergunta
balança em insentidos de uma dança hipotética,
o movimento já não possui alma, o espírito
foi eclipsado pelo desterro de uma negação vígil.
Quem seria capaz, hoje, de inventar uma humanidade
capaz de habitar os meandros de uma aurora,
em que língua o carinho poderia sobreviver ávido
de futuro e de permanência, quem ou o quê
deixou de surgir nos livros que irrompem feridos,
derramando sangues vulgívagos perante o comércio
que intenta absorver a fatalidade de uma época?
E no entanto qualquer coisa se mexe no imponderável
mecanismo da existência, uma contradição acesa
exigindo desfazer-se do surrado da história
para advir uma desejosa e acmástica respiração.

9/11/2020

O TEMPO DA ATMOSFERA

A tarde como acontece trespassa qualquer tentativa de acontecimento, ora um sol provisório no azul do céu, ora um arremedo de nuvens mais ou menos brancas cortando a luz em limitações de alegria, os sentidos um pouco perdidos por não saberem para que realidade se virar, tanto o movimento que se adivinha na relação que se mantém com o tempo. Rosas percorridas de alguma brisa estendem-se ao olhar, ousarão subsistir com os primeiros frios de Novembro, com suas noites iniludíveis e transgressoras? Cores que ascendem e se suspendem, esses luzídios vermelhos incapazes de uma concentração, esses amarelados de pétalas franzinas tamisadas pelo olhar de quem saiu de casa para espairecer no pátio. Sobre a relva onde o rocio se retém dois pés comungam da ideia de prazer, tão bom sentir no chão que há um atapetado subir e descer, teclas do piano que resiste a qualquer música que se queira ouvir ou tocar. Onde paira a peste? A morte? Envolto de natureza quem passeia entre as árvores volumosas, palmeiras talvez estrangeiras, sente como um sortilégio a desenvoltura de um sentimento, um carinho sem mãos nem dono percorre-lhe o corpo terrestre até esse limite que é carne, alguma dor algures nos nervos que se dispersam em arritmias pouco conciliadoras. Não é solidão o isolamento a que se entrega, desde sempre viver foi um diapasão balançando ao sabor do acaso, a música uma paisagem fraternal. A atmosfera húmida convida-o a avançar na esperança de uma aberta que se faça sol e luz, ele pode esperar, nada tem que fazer, e fazer o nada é tarefa desde sempre cumprida com uma devoção secular. Pinheiros à volta, bosques sombrios onde as rolas rolam em lacunares manifestações da sobrevivência viva que anima os ares, o prazer que é pressentir no silêncio que depois advém um começo e um fim, o prazer que é sentir que está vivo e pode ainda durar.

9/11/2020

TERRA A TERRA

Imbuído de um sentimento percluso
atravessa as palavras que lhe sulcam a consciência,
esses rituais que não o demovem, essas perplexidades
que não se coadunam mais com a efervescência
do vivido e do sofrido, nefastas manifestações
de uma ignorância que nunca tomou o conhecimento
como uma ociosidade óbvia ou um desejo de verdade.
Basta-lhe o verosímil do real, essa possibilidade ténue
de sobreviver aos cataclismos como às catástrofes,
ousando mesmo assim avançar onde a senda
não existe. Não busca nenhuma clareira, a metáfora
é-lhe nociva, avança cada passo um passo,
ora numa direcção ora noutra, observando o sol
que lhe dá as coordenadas da terra, tentando passar
despercebido da crueldade do mundo, ousando
o mimetismo para se confundir com uma paisagem
capaz de se transmutar num horizonte habitável.
Imbuído de um selvagem desejo alonga-se
pelo tempo como se merecesse uma estadia alegre
e uma lenta digressão pelas metamorfoses do eco
que o tenta nesses momentos em que a língua lhe fala
de obsessões e de desencontros, o que procura é a paz,
pertinente arrojo e arroubo da acuidade que jaz
na terra sem que o advento lhe seja uma limitação.
A fala divide-se em fragmentos de esperança alivelo,
a voz que o inunda soletra o mericismo da terra,
mas é o fogo que o envolve de uma ustão
só comparável com o arremesso de um sol seguro
de se fazer ouvir no eco que lhe oferece a anterioridade.
Ecoa no espaço em volta o que nunca foi pensado
ou mesmo sentido, que sentido dar ao acontecido,
como dar a conhecer aos outros a ignorância arguta
de um saber que vive da despossessão e da abstracção?
Entre o oriente e o ocidente descobre que só o intuído
lhe é inato, mas poderá alguma vez fazer da fala
a faúlha de uma presença, ou será sempre o falhanço
que virá coroar-lhe o desejo de outra coisa?

9/11/2020

A JANELA IMPERFEITA

A janela virada para o sul dá-lhe o sol
e os sons de jovens vozes em precários pátios
de precárias escolas, não se levanta para ver,
ouvir basta-lhe para conceber a realidade
que o subtrai de qualquer entendimento prévio.
O país procura esquecer a batalha que trava
entre a economia e a saúde, jovens em casa
são pais em casa, percebe-se pois esses sons
desalojados de jovens vozes inconscientes
como abreviaturas de uma sobrevivência
que não escapa à necessidade nem à história.
Não se sabe o que fazer. A governação
é porética. Estranha ironia, vir ao mundo,
muito casualmente, uma intuição periclitante
que não esperou por nenhum estado de sítio,
o sítio era a vida de todos os dias, a porética
uma tentativa de solução dos problemas
que assolam os homens e as mulheres vistos
de todas as janelas confinadas à solidão.
Nenhum preço paga a descoberta de uma vida.
Nem o apreço que nunca existiu saldou o amor
percebido na prática de uma teoria baseada
na observação dos factos mais mesquinhos
que a contemporaneidade tinha para oferecer.
A escravidão não é uma servidão disfarçada
em consentimento, é-lhe anterior como a dor
de uma chaga que deveria ser insuportável.
Só os corpos se rebelam, as consciências
sopesam e aceitam o estado de coisas, são
coisas, humanidades coisificadas, artefactos
de factos apagados para que não seja visível
a condição dita por muitos humana. A janela
imperfeita de onde se divisa os sons jovens
não dá a dimensão do que vai pelo mundo,
nenhuma conclusão ousará pois meditar
e mediar o destino das populações atónitas
por não saberem onde se esconde o inimigo.

9/11/2020

ORA AQUI ORA ALI

Serei ainda capaz de me atirar para dentro do nada,
que é a inexistência do porisma a escrever,
como outrora o fazia num gesto quase suicidário?
Terei a coragem de não saber que a ignorância
poderá significar um passo em frente na aventura
de uma vida que decorre como um mistério?
Não estarei demasiado velho? Aguentar, aguentar,
dizia-me em incestos de pensamentos benfazejos,
não continua a vida e com ela esta dor quase
ininterrupta no âmago do corpo incompreensível?
Que mudou? Envelhecer é deixar que a morte
finalmente venha levar quem nunca se foi, quem
sempre soube intimamente sentindo que algo estava
errado? Entre mim e a carne não há um quem.
Houve, quando houve alguma coisa, o sofrimento
dilacerando o corpo de nenhum delito que tenha
testemunhado. E do prazer, que por vezes irrompia
na amorfa tessitura do acaso e da excitação, só posso
dizer que foi muito raro. Fiz do não me sentir quase
desumano uma larvar panaceia, não saber onde estava
ou quem era eram momentos de uma felicidade
que gozei como se não estivesse em mim, fora
do alcance da habitual presença do medo ilógico.
A dor não me larga. Ora aqui ora ali, o lúrido mapa
carnal onde sobrevivo é uma dança de espinhos
já que não pode ser de estigmas, a medicina moderna
impotente para descobrir a origem do meu mal.
Estar vivo, ser vivo, deve ser, pelo exemplo do outro
com quem se convive, uma coisa boa. Ninguém está
sujeito a estas vicissitudes, o sofrimento planetário
não é do corpo, mas da injustiça que se pratica
sobre populações desprovidas de escudos materiais.
Não haver um nome para a minha doença. Dizer-me
hipocondríaco é colaborar com as ciências dévias.
Que dia vai ser hoje? Que hoje se esquecerá de mim
para que possa dizer: tudo bem. Vejo a luz tímida
que entra pela janela, não é símbolo para a esperança.

11/11/2020

A MAIS

Homem de excessos, sei que fui, sei que sou. Saberei?
O impulso que me leva a não obedecer à ordem
das coisas não nasce da minha vontade apocalíptica,
é um a mais que me toma sem que possa evitá-lo
ou desmerecê-lo. Não deveria ter feito isto ou aquilo?
Certo. Poderei desculpar-me dizendo, não fui eu,
não sou eu que me aventuro por essas loucuras trágicas
que me arremessam para lugares intempestivos, eu
não cometi esse acto, algo se insinuou em mim, algo
que me dilacera com imperativos e injunções nefandas.
Olho siderado de horror para um mim que não sabe
onde se reflecte quem sou e nada vejo, ou vejo
apenas a presença de alguém, um homem carcomido
pela idade, um velho olhar, desconhecendo o ser
do sentido que não alcança nenhum conhecimento,
nenhuma perspectiva, nenhuma conclusão definitiva.
Olho em redor e ignoro se esse redor é plausível,
real, uma insofismável evidência. É um conforto,
mesmo assim, como se houvesse uma amizade forte,
mesmo um amor, no que se divulga silenciosamente.
E a pergunta, insidiosa e banal, o que perdi da vida?
E o seu eco, achei alguma coisa algures na viagem
que encetei desde o nascimento? Possuí ou fui
possuído? Esses excessos, essas excrescências,
como explicá-los, como explicá-las? Não há razão
capaz de formular um relatório mais ou menos
convvincente das suas causas, há apenas o sofrimento
dos seus efeitos sobre a figura figulina onde me revejo.
Poderei dizer, sem que me ria de mim, não sou
quem sou? Levar-me-ia a sério? Que sentido pois
em tudo o que me acontece nestes inacontecimentos
em que me sinto envolvido, nesta insolvência
deplorável em que me perco no pouco que achei
plausível e humanamente necessário para passar vivo
no tumulto de uma existência imperceptível e muda?
Nunca a terra me foi tão cara, a sua natureza inútil
abrindo-me a uma perplexidade onde me escondo.

11/11/2020

AQUÉM OU ALÉM

Cicia, não tenho que ir a nenhum sítio,
o que me cerca basta-me, ver é um prazer,
sentir, quando a dor está ausente, um dom
da natureza de que ninguém sabe falar.
Ei-lo pois entregue a um abandono feliz,
o sol batendo-lhe no rosto num afago
quase animal, os olhos herméticos, cegos,
contentes por não terem que observar
o que se passa em redor, essa roda rito
de sensações que se confundem às vezes
com percepções saídas de dicionários.
Os livros esquecidos e apátridas jazem
apocalípticos nas estantes da casa vizinha,
quem seria capaz de lhe sussurrar a vida
que não compreende, a língua que insulta
o real introduzindo na consciência parca
uma realidade nem sempre convincente?
Está bem este isolamento onde aufere
o que mais lhe fere o sentimento audaz,
sentir o quer que seja não é uma treta
violação dos protocolos extrovertidos?
Não se lembra de nada. Consente o sol
que o propele para dimensões ferazes,
que verbo, pensa, o consola e consome,
como definir o momento que respira?
Perdeu a língua materna? Que insonte
discurso lhe promete uma inspiração,
e precisa de ouvir os dislates que rolam
nas redes associas? Viver não é, onde
um verbo que consiga dar a noção certa
de uma aprendizagem ao longo dos anos?
A vida alonga-se numa demora afásica,
insere no que subsiste uma ilusão dócil,
afinal, ouve ele vindo de um não-lugar,
o que se passa precisa da temporalidade?
Não, cicia, nenhum sítio aquém ou além,
só este sol aquecendo um corpo outonal.

11/11/2020

POBRES E RICOS

Nenhuma voz, e no entanto ouve a cantilena
excruciante, pobres e ricos, pobres e ricos,
como se contemplasse a eternidade da história.
Livros lidos aos milhares, e nenhum conta
a persistência da melodia, pobres e ricos,
como se fosse uma evidência incontestável
a origem e a continuidade da canção vulnífica.
Que fazer? será sempre a pergunta, não fazer
nada, a vergonha. Tudo o mais é suxo paleio
de chacha, eruginosos conteúdos do informe,
aventuras da alienação sem remorsos, fazer
de conta que está tudo bem. Dizem-se apogeus
da democracia, e nada. Justificam o capital
como capital para a sobrevivência da espécie,
enquanto a terra deblatera cataclismos, e logo
aduzem, a natureza não é uma complacência
estática ou captável. A natureza não é natural.
Nada se transforma nessa cantilena abstrusa
e insultuosa, desde quando, senão de sempre,
o mundo deixou de ser mundo para ser dor?
Dói ver que com os primeiros frios as rosas
de um outono pacífico ou não vingam ágeis
ou crescem corrompidas nas suas pétalas finas
e frágeis, o verão uma memória do que poderia
ser se não houvesse ciclos ou estações. Mas
a pobreza e a riqueza andaram sempre de mãos
dadas, indiferentes aos ciclos e às estações.
Há senhores porque há escravos. Há escravos
porque há senhores. Perspícuos truísmos, ele
sabe, não resolvem nada. A rude humanidade
não obedece a nenhuma natureza: é humana,
é sempre igual a si mesma. Este sempre eterno
parece não poder ser combatido ou mudado.
Mudo de um espanto ancestral, milenar, ele
devolve o seu olhar à abstracção do céu azul,
pensando, como muitos o fizeram antes, eu
não sou deste mundo. E a solidão é planetária.

11/11/2020

DA INCOMPETÊNCIA

Transposto a um desconhecido, nada tendo que fazer,
faço das horas absurdos gestos da rotina, ler
livros de desconhecidos é às vezes um prazer,
não a caquética poesia, não o romance desesperado,
não a filosofia que se presta a ideologias da época,
antes ensaios onde ensaio sentir como uma emoção
a genuína disposição para abraçar os contemporâneos.
Do mundo nada sei. Da terra alguma coisa. Do céu
é só olhar para o alto vendo se o sol epulótico virá
mais uma vez povoar a minha consciência.
Tenho escassos planos para a tarde que se avizinha.
Há coisas a fazer nesse terreno que só não é mítico
porque o mito deixa muito a desejar. Desejo
intimamente passar a tarde a tratar dos afazeres
que me encerram na concomitância da terra outonal.
Há palavras que não domino, imperiosas manifestações
de uma fuga de mim para o exercício da incompetência,
quem poderá dizer que entre a língua e mim
há uma verdadeira aliança? Meus versos há muito
deixaram de ser versos, são aparências porque parecem
sobrevivências de idades históricas, mas mesmo assim
o que é disto tudo ainda está eivado de excrementos,
elações desmedidas, desmedidos enganos,
gritos insulsos e peremptórios cansaços, ou a velhice
não fosse um dado adquirido. Concomitante
de mim mesmo, a fórmula porém gasta, débito
em razoados só fictícios os planos para esta tarde,
como se fosse possível no isolamento do horizonte
encontrar ainda uma paisagem susceptível
de uma beleza que não obedeça a cânones
ou à exorbitância artificial dos tempos modernos.
Ver as coisas até sentir um carinho pervagando
minha estesia aberta ao que pode acontecer, acontece
muitas vezes que a fealdade substitui a ilusão
da beleza, aceitá-la como um evento não é mais
que ferir o real com realidades que lhe são perniciosas,
esses incestos da sensibilidade contemporânea do horror.

12/11/2020

ESPERANÇA

E depois tudo pode ser mentira.

Quem me diz que planos alicerçados no nada
podem resistir à contingência do imprevisível,
vive-se numa corda bamba, a imagem de um futuro
à mão não é de semear, são tantos os contratempos,
são desmedidos os contralugares onde o espaço
ingurgita alcances que lhe estão vedados.

Tenhamos mesmo assim esperança. Afinal
o que é viver, senão pensarmos que somos eternos
na devolução que fazemos à certeza da morte?

Não ficou bem expressa a ideia?

Não era então uma ideia, o que irrompe
ou diz ou não diz, ou fala ou não fala, se não diz
nada de nada é porque nada havia a dizer.

Mas fala-se. Falo estupidamente com as rosas
que amo, fico triste quando as vejo definhar, o frio
não é um perigo metafísico, mas existe sem saber
os prejuízos que faz. A terra laiva-se de inconsciência,
indiferente ao meu amor e ao cuidado que ponho
em estabelecer uma relação saudável

com a natureza. Nem sempre se consegue.

Às vezes, deitado displicentemente na espreguiçadeira
acuminosa, sou sensível à brisa ou ao vento,
invento mesmo conversas com o incomensurável
mutismo que me inebria em disposições
para o convívio, não sou romântico nem simbólico,
estou apenas disponível numa deiscência
às vezes timorata, outras vezes plenamente
disposta a fazer o jogo do que poderia acontecer.

Nem tudo é mentira, embora a verdade
poucas vezes seja verosímil como penso que deveria
sê-lo para sossego das nossas convicções.

Estou a brincar. Não acreditem numa só palavra
que se arvora ao desplante de se arvorar,
sempre amei as rimas involuntárias, desajeitados
trejeitos de uma música que transparece no ambiente
em que se tem que viver, felizes ou desgraçados.

12/11/2020

TUDO E NADA

A alegria pode não ser eficaz, mas tento a alegria em cada passo que dou, a respiração quase insensível, o movimento do corpo concertado com a ideia que se faz da vida. No apartamento virado para o sul, da janela inviolável mas periclitante, precipito-me para o olhar. Agora mesmo, que vejo? Tudo, diria uma criança. Este tudo rouba ao ser a sua militância, o seu fervor, este tudo absorve a consciência de quem vê, sou eu, um homem com sete décadas de experiência exprimindo a sua presença nos sons salubres de algumas palavras. Tudo passa diante dos olhos, estar, estar aqui, junto à janela que me dispõe a voos de uma imaginação icástica mas não icónica. Ctónico sentido do momento, do instante, do ápice enganador porque se alonga no movimento das coisas como se a paragem não pertencesse ao caos do universo que nos alimenta de sonhos. A ciência de hoje preocupada em saber se há vida noutros planetas, haverá vida neste planeta onde dizemos que habitamos? Sondas que enviam por esses espaços frios e comumente siderais, siderados arroubos de tentativas de quê? Tanto a fazer na terra que pisamos, tanto a descobrir, ninguém encontra um lugar da convivência humana. Não se explora a sociedade no sentido de se resolver o que nos consome, a morte em fomes assassinas e guerras políticas, a verdadeira exploração, nada científica, dos homens por alguns homens indiferentes há humanidade onde nasceram e se criaram. O universo está aqui, mesmo às nossas mãos, e todos pretendem que nada vêem, que nada é o lugar de uma vivência ainda ultrajada.

12/11/2020

MÚSICA A MÚSICA

Canais de televisão anunciam-nos dezenas de mortes no país, milhares de mortes no planeta, a peste contemporânea infesta sem que se saiba muito bem porquê. Então, e a ciência? E a tecnologia? Trabalham, procuram encontrar em várias partes do globo a vacina. Lembro-me, quase por acaso, do aspecto mitridático da porética, fala-se em textos desprovidos de leitores de inoculações, não de vírus, compreende-se, mas de fenómenos da língua que trazem a devastação e a insofismável aporia, que existe no mundo, nas sociedades, no próprio corpo. Um silêncio realista, de quem não sabe o que pensar ou dizer, abate-se sobre mim, o escrevedor. Que raio de teoria andei eu a engendrar durante a vida para uma prática impraticável e voraz e feroz? Saberei responder? Não sei responder. Reagi apenas ao que me atormentava, procurei na escrita desviar o mal para outras paragens da existência, não podia contar com a ciência para resolver os meus inacessíveis problemas. O silêncio alastra, o silêncio inestético de quem assiste ao desastre. São os velhinhos, dizem-nos, que mais sofrem com a pandemia. O corpo fraco demais para soletrar uma escrita, realçar uma voz que não seja só lamento. Muitas vezes, na acção de escrever, pensei aflito que não duraria mais do que a próxima palavra que irrompia no discurso, a tensão incomensurável, o medo triturando o espaço e o tempo que me envolviam. E a estúpida esperança, melhor, a ilusão ingénua, de que enquanto estivesse a escrever não poderia morrer, pois raramente se podem fazer duas coisas ao mesmo tempo. O que era falso, mas a ilusão apagava qualquer acuidade. Não ouvia, muitas vezes, música enquanto me atarefava nessas circunvoluções de uma outra música? Música a música passei horas a inocular-me mitridaticamente de mundo, venci a morte? Não tenho ilusões. A vida cessa a qualquer minuto.

13/11/2020

SOZINHO

Um silêncio terno, um pouco espavorido,
não remetendo para nenhuma hipostasia,
avoluma-se em volta como uma ausência
de língua ou de realidade, não sei se vejo
o que vejo, a janela muda dando-me surdo
as formas que alimentam o ambiente à volta.
Árvores disseminadas em parques ávidos
de gente, ninguém, nada, o tempo estático
e fluindo mais pelo sentido da respiração
que me alastra do que pelo movimento. Há
uma mesquinha brisa bocejando nas folhas
dos eucaliptos, a manhã mastiga a luz baça
onde o sol não tem a coragem de intervir.
Serei o único sobrevivente de um inóspito
cataclismo, o homem reduzido a uma nova,
novíssima solidão, involuntária a decisão
de me apartar do mundo? No apartamento
as coisas parecem-se com objectos diários,
silenciosas e imutáveis parecem também
não se importar com nada, não foi sempre
assim? Quem sou eu é uma irresponsável,
mas verdadeira, pergunta? A outra fórmula
para a pergunta será, onde estou eu? A casa
não arfa uma amizade conciliadora, a janela
não dá dela o melhor de si, que si é este, já
agora também pergunto. Um silêncio arde
aflogisticamente, um fogo mádido de suor
morde meus lábios um pouco estarecidos,
quanto mais tempo terei de vida? Partidos
os outros, que parte me cabe da existência
humana? E isolado poderei verdadeiramente
ser humano? Ou transformar-me-ei pouco
a pouco numa coisa, num objecto adiposo
exposto a uma medida que não me concerne?
Sentirei alguma coisa? Ousarei emitir sons
capazes de língua? Que comerei? Sozinho
não resistirei muito tempo à morte invicta.

13/11/2020

REFLECTO

Despossuir a depressão, a apatia, buscar num dentro hipotético um mim capaz de se vingar da intrusão que capturou a terra distribuída em populações mais ou menos vizinhas, às vezes tão distantes de uma mão estendida, de uma amizade lúcida, de uma companhia. Onde os risos das crianças que brincavam nas apoplexias dos jogos sonoros e amínticos, onde a actividade daqueles que sempre souberam fugir à tortura do trabalho convidando a criatividade a fazer parte de um quotidiano feliz? Onde as mulheres, mães, esposas, filhas, no concerto da alegria? Todos se escondem numa alegoria fática, obedecendo à ordem da sobrevivência, compreendo, só espero que saídos da aporia, acabado o espanto, se despojem de vírus mais subtis, os preconceitos activos que a mecânica capital lhes incute, na escola, nas instituições adrede levantadas para manter vivos os antagonismos, as invejas, os desejos espúrios. Sei, combater a depressão só com a ilusão precária poderá não ser um bom método. Mas como outrora, para não dizer, como sempre, só o futuro aquece de labaredas anabáticas o corpo de que sou a justa expressão. Só quem não se sente mal pode viver do presente, não como memória, mas como crime. O dia não ajuda, um sol coevo mas indeterminado não consegue ultrapassar as barreiras espermáticas das nuvens fixas em ilusões de paragens eternas, como viver sem o seu carisma e a sua companhia? Fazer um esforço, instigar o corpo a movimentos mesmo se incompreensíveis, o melhor está ainda por vir, diz a canção traduzida, é isso, compormos um canto contemporâneo poderá ser um processo não só saudável como prometedor. Mas reflecto. Penso, este texto não tem por onde se lhe pegue. Importa? Reflecto. Só importa achar uma porta, abrir caminho, não importa como, em jogo está a vida, a minha vida percorrida de acasos ilícitos.

13/11/2020

A JARDINAGEM COMO EFABULAÇÃO

A jardinagem tornou-se um peso,
uma enxada pesa nas minhas mãos senescentes,
plantar árvores ou arbustos obriga-me
a um suor que inunda meu corpo parco de sal.
Não sei se o sal da terra ainda significa alguma coisa,
há textos que perduram pelo tempo como chagas
de leprosos expostos ao calor do sol,
esta última imagem terá pernas para andar?
A relva do jardim atapeta um chão despossuído,
a terra neste terreno deixa muito a desejar,
mas eu terei ainda idade para desejar alguma coisa?
A coisa transformou-se numa obsessão,
na causa de um caso psiquiátrico merecendo
o concurso de uma ajuda mais ou menos profissional?
Sou um amador. Em tudo. Aceitando
todas as interpretações que se possam adunar
a esse vocábulo, deixando a liberdade ser dos outros
que tiverem acesso a este recanto do meu estar.
Estou cansado de plantar e de regar, felizmente
o outono trouxe alguma chuva, felizmente
encontrei alguém que uma vez por semana vem
pôr em ordem uma vegetação que não pára de ser natural.
Mas há tanto que fazer! Devo, na minha idade,
deixar ao abandono a pouca beleza que ainda aufigo,
aprisionando-me em casa, lendo alguns livros
que nada me dizem, como se o mundo não permitisse
mais nenhuma invenção dos senhores da palavra?
Há perguntas que nunca merecem, não sei porquê,
uma resposta. Talvez porque não sejam ainda perguntas,
ou não sejam mais perguntas. Que sei eu?
Sei que o terreno não envelheceu enquanto os dias
passavam por mim com sibilinas gelhas, tiques
num rosto tábido, dores ciáticas e costas
duvidosamente explorando o cariz duvidoso da coluna.
Mas às vezes um sol tacitífero, mesmo melífero,
com um pouco de fantasia que não de imaginação,
surge no vazio do céu infrene, e o prazer é tanto, sentir.

16/11/2020

A FECUNDIDADE

Sentir que se está a sentir qualquer coisa dessa coisa que circula diante de mim como uma transparência da delusa ubiquidade onde evoluo.

Não é a vacuidade que me abraça num retorno do sentimento ou da sensibilidade multisciente, é antes uma forma muito subtil de um amplexo álaçre, como se fosse possível no envelhecimento a sugestão de um imperecível minuto, mínimo deslize da consciência, fogo, ardência, queda esdrúxula num fora como nunca foi pensado ou vivido. A ilusão faz o tempo andar para trás, não traz o passado ou a memória doentia do que foi, não rejuvenesce a imaginação do começo ou a fantasia da origem, não, a ilusão faz viver o que passa e flui como um estranho e indelével futuro, sem que a morte venha coroar o limite e o fim.

O fim está em cada segundo da respiração ávida, na dúctil atenção que se põe em cada gesto que surge como um aceno para festejar a irrupção do nada diluído na sua contemporaneidade.

A disponibilidade não sendo uma teoria talvez possa ser a manifestação de uma prática, de uma praxis, sentir no que se vê, ver no que se sente, introduzindo o corpo numa simbiose plena com o desconhecimento que paira em toda a parte.

Saber a ignorância, eis o fito. Não ignorar o mundo quando se constitui e assume como planeta, antes prevê-lo no zelo de um amor irreprimível, num derrame de sentidos onde o carinho desenvolva uma apetência de convívio com toda a gente.

Estarei a sonhar sem estar a dormir? Utopias não são mais vendidas nas praças do ocidente lúcido, bálsamos são irrerealidades tentando desfigurar a força e a crueldade do real, melhor permanecer talvez na irrazoável melancolia de uma impossibilidade.

Que digo? Não, não deturpo com um bom senso fácil a fecundidade do meu delírio. Só vivo quando sinto.

16/11/2020

ESSA INCÓGNITA

Ouço velhas músicas sentado na devoluta cadeira
do enorme salão, desfaço-me em corrente de consciência,
inconsciente do que se passa à minha volta.
Os livros envelhecem, a música não. Estabelecer
um cânone, mesmo se só ocidental, é o atributo do poder,
de interesses tantas vezes ideológicos que governam
a cultura em muitos sentidos e intuitos capital.
Que me diz um Platão? Nada. Que me diz
um Dante? Nada. Que me diz Shakespeare? Nada.
Todos revolutos, perdidos na mesmice de quem crê ser
possível uma história das palavras multifárias.
A música traz no seu bojo outros sons que não das palavras,
espraia-se pelo espaço circundante como poços
de sensibilidade insuflando de oxigénio o ar que nos falta.
A música, em certo sentido, é a liberdade.
Não necessita da política para sobreviver ao caos
que se insurge contra a harmonia de uma frase musical,
vive de congruências sintomáticas, arvora-se
ao pináculo que nenhum homem ousará subscrever.
Só as canções, misto de música e de voz,
fazem os poetas, contemporâneos ou de antanho.
Quem se deixa perder no pequeno texto cerebral ignora
a hora que passa, a dimensão de uma medida.
Dizem, o homem não precisa de nenhuma medida,
quem ganha com tal dizer? Os pobres, ou os ricos? Dizem,
a complexidade do mundo impede-nos de saber
o caminho da humanidade. Nem sequer há mais um Homem.
Quem ganha com tal opinião? A música desliza
ao sabor das suas inexplicáveis leis, instiga os ouvidos
a verem para lá do que está em redor, inspira alguns
homens e algumas mulheres facilitando-lhes actividades
atinentes a um desejo de futuro capaz de decência.
A humanidade não vem de trás, se alguma vez a houver
estará sempre em frente, esses apelos, esse sons,
essas vozes chamando-nos para uma vida digna de ser
vivida entre o corpo que se é e a ausência do que não há.
Estar para vir é o que a música nos dá: essa incógnita.

16/11/2020

UM VERSO ANTIQUÍSSIMO

Levanto-me de supetão, deixo a música entregue a si própria, desço as escadinhas e dirijo-me ao roseiral. Plantar, plantar. Mais rosas, de estaca, mesmo nesta época do ano, o outono difluindo como se nada tivesse que ver com ele, um tempo onde alguma chuva, sempre necessária, cai mansamente elíptica no horizonte da terra velha. Há um grito que não grita, há um desejo de ver as pétalas pintalgadas de cores, esqueci-me de trazer a tesoura capaz de arrancar à roseira a possibilidade de outra roseira, e fico desatinado sem saber o que fazer, se regresso a casa em busca do utensílio, se me perco na contemplação do eucalipto que se ergue para um azul quase prístino. Nem frio nem calor. O corpo vivendo a ausência da dor como um sortilégio amíntico, sou um homem, sou um homem, repito agora calmamente, a pacacidade não é uma paz dentro da cidade, é só sinónimo de acalmia. E um verso antiquíssimo, de Morrison, dos Doors, salta-me à consciência: Que fizeram da terra, que fizeram da terra? Ninguém acalenta uma resposta. Todos suspeitam, ninguém ainda sabe. Há-os que acumulam dinheiro como se acumulavam deuses nas histórias que nos chegam fatídicas de civilizações que pereceram ou de culpa ou de desleixo ou de debilidade, que amor subsiste na nota fiduciária, que consolo comove quem não vê no planeta a terra castigando as suas populações, as suas comunidades? Estranho fascínio, o daqueles que são indiferentes ao destino dos seus filhos e dos seus netos. A competência não é nenhuma verdade insofismável. Nem os sofismas tiveram origem nos sofistas. A história está mal contada. Poder-se-á ainda falar do mal? Ou só de insanidade? Haver rosas, mesmo se algumas já híbridas e insusceptíveis de se reproduzirem por estaca! Há muitas soluções e formas de tecnologia, algumas são benfazejas e amigas dos homens, outras corrompem as ligações, tantas vezes atávicas, que procuram perdurar. Onde estão a minha filha e a minha neta? Como estão os meus irmãos e todos os meus amigos? Isolado no jardim, as mãos na terra, ignoro.

16/11/2020

ESTE PORISMA

Uma tentativa de luminosidade solar
parece produzir-se em frente dos meus olhos,
será possível que ainda hoje eu sinta o sol
num azul perdido na desmedida do universo?
As árvores varridas por um vento persistente,
talvez mesmo perspicaz, se aceitar a personificação.
Não me custa nada. Afinal a retórica nem sempre
é pergunta, e não há ninguém aqui a quem possa dirigir
uma palavra. Somos animais sociais, dizem, e até
posso concordar com o veredicto. Sofro a solidão?
Não. Tenho coisas para fazer, isto é, para não fazer,
como ler um livro e ouvir música, deitado no sofá
um pouco desbotado e algo esbatido, importa
o estado das coisas quando a coisa que preocupa
hoje o globo é a saúde das populações e a economia?
Sou económico, vivo de pouca coisa, julgo eu.
Um pedaço da couve, uma cebola, duas cenouras
será o meu almoço. Verdade que não preciso
de comer muito mais. Consumo? Consumo-me
às vezes com nonadas, há talvez um aspecto
um pouco obsessivo nas minhas acções,
nos hábitos com que me conformo à realidade.
Sinto este final de frase um pouco especioso,
vou deixá-lo flutuar no pobre porisma
que alinhavo com um desejo tão grande de dar
do dia a sua interpretada dimensão agónica.
Nada mais tenho a dizer. Mas ver o sol a tentar
irromper no horizonte não deixa de ser um espectáculo.
Essas árvores em frente da janela onde me alojo
começam a perder algumas das suas folhas,
exceptuo os pinheiros desprovidos de pinhas,
não sei porquê, já que na região são os mansos
que abundam como quando abundo em sentidos
que me deixam muitas vezes perplexo. Pela ousadia,
pela coragem. Engraçado, não me custou escrever
este porisma, estarei a rejuvenescer, a ganhar,
e não a perder, os tais neurónios que se esgotam?

17/11/2020

A CONTEMPLAÇÃO

A luz da tarde neste pequeno escritório,
as lombadas dos livros agitando as estantes
em menos que reflexos, e as cores, outras
rosas para outros jardins, algumas palavras
sobressaindo num conforto nada estético.
A casa perpassa uma música que vem inútil
da sala de estar, ouvem-se vozes atapetadas
de um coro, parecem ser de mulheres, são
vozes, é o que há a reter, enquanto a tarde
decorre na temperatura da sua luminosidade,
afável carícia da atmosfera que se instala
como um facto que não admite contestação.
Haverá mundo neste recanto da expressão,
ou só olhos capazes de verem o que vem
até ao olhar, esta luz que envolve o corpo,
este corpo que não sugere nenhuma dor?
Mãos que tocam no teclado com a alegria
de sentirem uma certa resistência seduzida
pela pressão dos dedos, a vida é boa, diz
quem se escreve, a vida é um bem, cicia
quase embriagado quem ousou sair de si
para vir toldar a tela com palavras simples
e incapazes de lombadas outras que aquelas
que nenhuma imaginação parece caucionar.
Não é um momento que se sublima apogeu
de um qualquer eu, o mistério não tem lugar,
o espaço convida os sentidos a compreender
um tempo sem horas nem relógios, um tempo
urdido de malícia e de bondade, este longo
agora ambicionando uma estadia por que não
humana, se humana é a linguagem visceral.
A contemplação é uma estratégia táctica,
parece paradoxal dizer assim o que de real
se presencia numa memória que aspira a ser
história de uma ocasião, mas a verdade tal
como se concebe aqui não tem nada de mais,
é um mais que vive da luminosidade quente.

17/11/2020

UMA ABERTURA

E um amor tímido humedecendo os olhos, este odor a mais do que madeira, um ardor que não queima nem faz mal, o outono quase derretido na sua interpretação feliz, um abrigo onde o vento não diz nada. Tudo parece bailar numa reverberação apodíctica, é a imaginação sem dúvida que comanda esta passagem intuitiva, aceitemo-la como um descanso sazonal, uma feérica indeterminação do desvelo com que se aspira ao alor do estar bem. Nem todos os dias são sensações viáveis, nem sempre o sentido do corpo arvora esta capacidade de viver no abandono da consciência, vogar pelo pacífico mar do carinho exige gente, onde essa gente que converte o mundo em comunidade? Será este amor inútil? Será que sentir já não faz mais sentido? Mas o sentido sente-se. Ressente-se este aceso amor por não encontrar ninguém, nem nada, a quem se dar? Mas como desmerecê-lo ou evitá-lo? Não há nada a fazer, é amor o que brilha na luz dos olhos fecundos, é o desejo de um encontro, de um afago, de um convívio onde se possa estender as mãos para um abraço. A luz do sol também faz companhia, é bem verdade. Dar ao sol o olhar, sem medo de se ficar cego, de se ficar para sempre no mutismo de uma língua inalcançável por não saber onde o alcance pondera uma entrega vágil. Estranho instante da vida, estranho amor aparecido na colusão das emoções várias que irromperam nas vísceras do corpo. Houve talvez um fogo, uma humidade apetecida, houve em haver uma abertura.

17/11/2020

NADA A FAZER

Trago nos meus olhos a fotografia do meu rosto
que acabo de tirar, a velhice é um dado adquirido,
a visão do meu rosto assim tão exposto
às inclemências do tempo deixou-me triste,
não sei porquê, já que esse rosto é uma verdade.
Que poderia esperar da relação do meu corpo
com o tempo? Há dias, porém, que pareço outro,
como se meu rosto devastado pelo tempo
pudesse por vezes adquirir uns traços mais felizes,
uma composição plástica capaz de me dar
a ilusão de que sou outro, como se a velhice
ousasse por vezes não merecer a verdade aflita
de uma constatação à medida do real.
O que mais me compunge é sentir no rosto
hoje revelado uma maceração dos traços habituais,
uma maior fundura e uma maior penetração
dos efeitos do tempo, como se finalmente a vida
que vou vivendo se confirmasse na carne.
Eis o meu rosto, repito sibilinamente, sem profecia
nem alegria, eis no que me transformei, um rosto
que não me obedece nem esclarece a ousadia
de permanecer vivo no tempo que passa.
Não estou, agora, a refugiar-me neste porisma,
evidencio apenas o acontecimento, talvez
mesmo o espanto por o rosto denunciar o estado
do meu corpo, e, por conseguinte, o meu dúbio
mas real estado. Quantos mais anos de vida?
E valerá a pena viver-se carcomido pela senescência,
auferindo dores que só me trarão sofrimento?
Que me prende ao mundo? Apesar da família breve
que amo, nada. Nada a fazer, aliás é esse nada
que me dá tantas vezes o contentamento secreto
de permanecer vivo, não ter obrigações estrangeiras,
deveres extemporâneos, viver a vida sem como
nem porquê, numa dança sem esperança,
exercitando o pouco que sou em actividades
como esta, inocentes porismas da liberdade frágil.

18/11/2020

ESTÉTICA DA ESTUPIDEZ

A manhã devolve-me a realidade do tempo
não só existencial como também atmosférico,
um sol sem brisas, copas de árvores incertas
na certeza de que as vejo com ternura
e algum amor. Que vou fazer hoje? Pensei,
vou ao terreno, tarefas esperam-me,
arbustos a plantar na periferia desse pedaço
de terra que a convenção social consente
que faça parte do que se idealiza e realiza
como uma propriedade. A terra espartilha-se
ou reparte-se com donos, nem todos
têm o desejo de plantar o quer que seja.
A terra atrai-me, a vegetação delicia-me,
até as silvas, tão nefastas, dão no verão
amoras onde um sabor edifica um gosto raro.
Vivo entre a terra e o mundo, por isso
emundo tão bem que mal o que atrevidamente
persiste em ser natureza exposta à liberdade
do acaso, essas sementes que voam, penso
eu, nos ares para caírem em terra de ninguém.
Não me importo de ser esse ninguém,
mesmo sabendo que sou o proprietário
dessa minúscula parcela de terra. Meu pai
aconselhou-me, compra um terreno,
quando pretendi desfazer-me do dinheiro
amealhado. Achei o conselho tão disparatado,
talvez por isso mesmo o tenha seguido,
não é o disparate uma das peças fulcrais
da estética da estupidez que fui dispersando
também ao vento, semente que não achou
terra onde germinar? Plantar, bem pensado,
é escrever livros de uma outra natureza,
às vezes a língua surpreende-nos, como agora,
quando joga com a palavra natureza
de uma maneira tão ardilosa e hábil. A língua
é um tesouro inalcançável, persegui-la
passo a passo com denodo foi o meu destino.

18/11/2020

AFINAL

Sinto que poderia continuar nesta ruminação,
nesta lengalenga, todo o resto da minha vida.
O cansaço desapareceu, sumiu-se, o corpo
aceitando a sua carne num convívio visceral
que me deixa um pouco abstruso, intruso
de uma verdade relativa que se expande
em consciência e confirmação da muda hora.
Não tenho tempo para parar. As palavras
irrompem como se fossem notas explícitas
de uma música viável, vívida, apodemiálgicas
e quase epulóticas. O prazer que estou a sentir,
de mim para mim, aceitando os vocábulos
mais desconexos da língua que ninguém fala.
Quem fala nesta língua? Talvez seja eu,
talvez não seja eu, às vezes apetece abrir
os olhos e enfrentar o real para que dele surja
uma realidade dando conta da experiência
que se desenvolve no remoinho dos factos
e das emoções. A crueldade de estar desperto
às vezes transforma-se num desejo secreto,
como deixar passar o tempo sem alegorias
do desastre nem da discrepância dos actos?
Às vezes, disse-o tantas vezes no mutismo
de mim mesmo, as vezes são vezeiras, mais
cruéis que a simples respiração de quem se é,
que a visitação ao mundo em que se vive.
Por mais que tente afastar o mal destas nuas
paragens, destas passagens tentando ludibriar
a aporia, a deiscência dá entrada aos vírus
que circulam nas sociedades deste mundo
disperso em conflitos, em guerras, em náusea.
Tenho resistido. Até quando? A corrupção
não é uma falsa ideia, acontece todos os dias,
no corpo dos homens e nos homens ávidos
que procuram o poder, o poder do poder,
como se o pão não significasse mais nada.
Mas a maldade trouxe-me afinal o cansaço.

18/11/2020

AS COISAS

Venho disponível para aceitar o que a realidade
me quiser oferecer, o que está aí que deseja ascender
a uma língua impregnada de emoção e de prazer?
O que estou a sentir? O que estou a pensar?
O que estou a perceber com os sentidos expostos
ao redor, ao escasso horizonte onde o meu corpo evolui
como se tudo fosse natural e possível?
Ah, que bom exclamar. Há algum mal em fazê-lo?
Uma alegria quase intempestiva alaga o meu estar,
estarei à altura desse traço temperamental?
Que dizer que não tenha já dito? Sei, este momento
nunca foi vivido por ninguém, nem por mim
que vivi as experiências mais abstrusas que se possam
imaginar no despalante indesculpável do real.
Sonhei esta noite cenas repetitivas de uma intrusão
do que nunca me aconteceu, haverá imaginação
plausível nos sonhos que adornam os sonos domésticos
onde o nosso corpo descansa da tanta luz
que nos invade durante o dia perdido na sua breve
nomenclatura e na sua púria concatenação?
Venham até mim mundos imundos ou emundados,
aceito tudo com um amor e um carinho nunca visto
nesta parte da terra, neste país fadado
a não ser mais do que um fardo para quem nele
vive sem poder desembaraçar-se do seu inenarrável peso.
Mas nada me alcança, só a luz do dia me desvela
a rua aracnídea onde deposito olhos para o seu silêncio,
alguém, um sucateiro breve, trabalha, desmantelando
artefactos para atingir o seu acme ou o seu imo.
É o metal que procura, como outros outrora
procuravam almas e espíritos no recesso dos seus corpos
exangues e desejosos de ser mais do que corpos.
O esqueleto não lhes bastava. Embora lhes desse
o equilíbrio e a sensação da verticalidade animalesca.
Onde quero chegar, se o que quis foi vir disponível
para testemunhar um fenómeno ou um acontecimento?
As coisas parecem não precisar de nenhuma história.

19/11/2020

MESMO SE

Deploro todos os esquemas em que caí a pensar
que estava a organizar a minha vida
de uma maneira que me desse sustento e sustentação.
Iludi-me com ideologias idiomáticas, aspirei
a estéticas desprovidas de leis e de regras,
soube alguma vez, verdadeiramente, conviver
com o acaso? Ocasões houve em que um arrebol
me arrebatava na sua beleza consuetudinária,
a vida às vezes foi comumente aprazível, indiferente
ao lugar comum que me abrasava de um fogo icástico.
Li livros que pareciam conter o universo,
e nele o planeta terra, os seus mutismos multifários,
as suas abreviaturas exploradas pelos autores.
Pensei mesmo que algures na paisagem do homem
havia génios tocados pela loucura e lucidez do verbo,
odiei as sociedades onde se incrustavam servidões
e escravidão, julgava que a democracia
se tinha desembaraçado dos demónios do bem
e do mal, um terreno fértil para a humanidade.
Ilusões. Setenta e tal anos de vida num país pobre
empobreceu-me irremediavelmente,
irremeáveis os gestos e os surtos de esperança,
talvez amanhã, quem sabe, tudo se modifique, mude,
mas era a mudez das instituições que governava
o poder tumefacto. Olhei tantas vezes em volta,
talvez um motim se levantasse contra as indústrias
fiduciárias, talvez uma algazarra se fizesse ouvir
capaz de comandar a bravura de um sonho,
de destruir as fábricas onde o tempo mecanizado
diluía os homens e as mulheres feitos homúnculos,
confundi-me, como tantos outros, julgando
que o essencial era a liberdade. Houve-a e há,
mas para explorar os mais fracos numa miséria
que atroa aos sentidos dos mais sensíveis esguardos.
Desolado com o que não me foi dado nem possível
viver, deploro a minha vinda ao mundo, ser nada
teria sido uma solução, mesmo se absurda.

19/11/2020

O MITO

Tenho enclausurados numa sala de prazer
os desmandos da sensibilidade aracnídea,
truísmos neste enorme terraço da vigília
onde o apaziguado desvelar das intuições
do futuro assume uma semiótica confiante.
Não é uma esporádica ou indelével leveza,
nem um visceral apelo enervando a lucidez,
é qualquer coisa em inexplicável fluxo.
Se ousasse sem palavras dizer o que sinto,
ou confirmar tuitivamente o auge do tempo
na mais desfigurada marca da confissão,
irromperiam de mim fáceis sigilos férteis.
Nada do que no passado temi num tremor
ainda hoje persevera como um dado lábil!
O que bruxuleou em mim, dentro da esfera
da minha carne ou dos meus sentidos ágeis,
permanece como um reduto de um resíduo.
De sorte que nada é insonte e permanente,
mesmo quando se desdenha do presente:
- há verdade em todas as difíceis mentiras,
o relativo desdobra-se no ilativo do que é.
Mas os absurdos cantos do choro imanente
arvoram em alacridade a crueldade do real,
servem as taras da acuidade e da estupidez
e a secura inteligente de um artefacto banal.
Será por isso que a memória do presente
desvanece-se em imagens da núbil natureza?
Será por isso que o futuro da humanidade
consome-se no terror de pensar o passado?
Louco! A deluzida eclosão deste mutismo
de manhã aspiciente, que aconteceu ao sol?
Sim, quero saber-me vivo, quero assumir
este redor furtivo, abraçar-me ao desvelo
e aí transpor a minha condição de animal.
Desapareçam as ignavas formas do poder,
as chamas da minha meditação não aceitam
o mito nem o brilho de um espírito ilusório.

19/11/2020

A VITALIDADE

A vitalidade! Procuro uma tela acesa para escrever, escrever o que posso viver, rimar na breve aventura de uma escrita recente, nova como um raro sibilo, embora sibilo como palavra seja uma concessão que a solidão desenvolve para encorajar o tempo a dizer mais. Que seria de mim sem as palavras? Que fazer desta pletora, desta onda onde o som deslumbrante das palavras adjectiva uma magia, este feliz fogo destruindo a ideia de uma ausência! Sinto que a esperança não se deturpa em malogro, a alegria no rosto suspende a máscara dos outros, o quotidiano traduz-se por eventos e mnemónicas, o que escrevo pode talvez merecer a sinceridade. Vejo, desmedidamente, a artificialidade da ideia no lazer histriónico do meu coração acusmático, lugar nem sempre comum de uma porética irónica, - mas músicas e danças perfazem o que pressinto mais estritamente que as vozes despertadas em cantos. Um vigor que não o é porque o termo não diz mais que nada, e nada deveria advir mais qualquer coisa. Começo agora a sentir, vindos da vivência vespéral, estranhos sons de uma inexpugnável sexualidade, algo demorando-se num apego inesgotável e óbvio, outras sugestões de percepções e de sensibilidades, húmidas manifestações de sentidos incomensuráveis, túrbidas presenças de um inexorável desconhecido, risos como nunca ouvi na mais fervorosa atenção, contorções selváticas que fogem ao domínio do corpo, surtos de gazes onde o odor rejuvenesce a velhice, vexilos para a revolução esdrúxula do largo planeta, clangores sulfurosos da terra desvairadamente prófuga. Um suor madefica o suspiro árduo deste tempo vago. O mundo, se é que existe sem uma etimologia acertada, parece lincar a intelectual discrepância do meu sentir. Confesso, nada disto desejava escrever. Contudo, é-me permitido, na minha aflição, sonhar com um futuro capaz de trazer ao presente a justificação do desvelo.

19/11/2020

O SIGILO

Sulco de sigilo em sigilo a capacidade
de viver como se estivesse ainda vivo,
estarei ainda vivo? Que devo pensar
para que sentir não seja a mesma coisa
que meditar um discurso enredado no alor
que se projecta como clangor e como luz?
Que devo ser? Este homem que sou,
ou a amorfa ideia que se faz do que é
um velho? Olho para ver. Vejo este redor
compungido na sua imensa tristeza, a voz
que não deblatera ausenta-se até advir
uma perturbação da consciência ignóbil.
Ignóbil, sim. Não me perguntem porquê.
Não há em nenhuma parte sulcos de mim,
não cabe ao impoder que me identifica
espairecer em óbvias mentiras da razão
ou da sensibilidade, como pois sobreviver
neste mundo onde as sociedades ditas
humanas estão sujeitas à morte mártir?
Quem é quem e porquê? Alguém merece
estar acima dos que ninguém reconhece
como iguais? E no entanto é a injustiça
que prevalece, atiram-se à fogueira mordaz
populações que ignoram como se defender,
ou dá-se esmolas em travestidos salários
de um suor semanal impregnado de nada.
Ouvi dizer, o pensamento dos dominados
é o dos que dominam, estará tudo dito?
Terei que sofrer até morrer num futuro
mais que certo a pobreza tanto milenar
como planetária, assim, as mãos caídas
ou abanando para afugentar as moscas
dos inexpugnáveis mortos, ou, também,
desses mortos-vivos que trabalham dia
após dia em fábricas ou em oficinas onde
a riqueza que alcançam não é repartida?
Como pois destruir o sigilo que escraviza?

19/11/2020

CANSAÇO

Difícilmente consigo agora extrair
qualquer coisa ao cansaço,
o fim de semana que passou
deixou-me o corpo dorido de tantos
afazeres no pedaço de terra
que cuido num descuido de mim
mesmo. Arrasado, é como estou.
Olho para a árvore em frente,
sem brisa as folhas mal sabem cair
num trejeito de movimento
vertical, que discurso, banida
a meditação, poderei arrancar ao zelo
de dizer, de testemunhar?
Mas as palavras que não possuem
voz nem vontade chamam-me
há dois dias para lhes dedicar
algum tempo da minha vida, pensei,
que se lixe o cansaço, e vim,
antigamente diria, canino, sucumbir
nesta desdita de vocábulos
tentando passar por sentidos
mais fecundos que os facundos
desvios da minha imaginação.
Já fui poeta e consumi ilusões fundas
como a própria carne, escrever
nesta língua o que nunca foi escrito,
era o lema, o escopo que desejava
alcançar. Fi-lo algumas vezes,
ninguém soube encontrar sentidos
novos como a experiência
a que me entreguei e entregava.
Entregar-se é um belo verbo,
ressoa aos meus vígeis ouvidos
como a expressão de uma sexualidade
onde se pode extrair um mundo
e a sua plausível experiência.
Será plausível um cansaço do mundo?

24/11/2020

OUTRAS DISPONIBILIDADES

Este sentimento, às vezes, de que não é o sentir
que me preenche o que em mim parece haver de nada
ou de vazio... Este sentido quase ocluso na mente
aflita de que me faltam inauditas palavras
para poder estabelecer com o real a mínima ligação
que é possível a um homem como eu.

Verdade que não sei que homem sou, que ideia
seria capaz de engendrar para me dar uma impressão
mais longa e vasta do que me acontece no dia
a dia em que me disponho a viver?

Há acontecimentos que de tão díspares
ou inusitados não possuem um espaço para acontecer,
chamei inacontecimento a certos efeitos desse facto,
valerá a pena chamar o que quer que seja
ao que quer que seja que surge sem um aviso prévio
nem uma concordância com a bondade do hábito?

Nem sei se é um limite ou uma limitação
o que passa por mim a passos incertos, inseguros,
indecifráveis, julgo muitas vezes que estar em mim
não corresponde a nada, ou então que o nada
faz de mim uma ressonância do assim assim
que deseja afirmar a sua presença benévola.

Não coloco em termos de felicidade ou infelicidade
o que ocorre entre a minha consciência
e a consciência do fora, esse redor onde se alarga
a visão olfactiva de qualquer coisa a que chamo
mundo. Poder-se-á dizer que se ama o mundo?

Fará algum sentido? Mas amo a terra.

Mesmo imprevisível não me mete medo
nas suas oscilações ora apaziguantes ora brutais.

É o que é, como eu sou o que sou.

Mas o mundo pode ser-me, e foi, nefasto.

Sejam homens, sejam instituições, sejam sociedades,
muitas vezes temi as suas acções, perdido
num vórtice de incompreensão e de espanto.

Gostaria tanto de achar um termo capaz de sugerir
o aparecimento, em mim, de outras disponibilidades.

24/11/2020

VICE VERSA

Ofuscado pelo que não sinto mesmo quando sinto
abeiro-me das coisas que transformam o real
em realidade, tudo está bem, alguém sussurra em mim,
é mesmo assim o que é, um assim assim inconfundível,
uma mensagem que não necessita de mensageiro.
Viver é uma colusão de movimentos mais ou menos
intuitivos, fazer isto ou fazer aquilo, não fazer nada
quando não se pode fazer tudo. Este tudo é incomensurável.
Abrange todas as esferas da existência, solicita a mente
a exercícios do impoder como da desposseção,
às vezes a raivas que nascem sem origem na humanidade
de que os nossos corpos são parte indelével,
quase inefável. O tudo que nos alaga corrige os erros
que perpetramos nos escaninhos da ignorância,
são desvelos de uma liberdade que se assemelha à prisão
onde tantas vezes escabujamos e esbracejamos
concutidos por uma urgência que torna indefinível
o tempo que se memorializa numa extensão do espaço.
Ou vice versa. Haver luz para que se possa ver.
Haver sons em tudo o que desliza, essas vozes nada
anímicas ou animistas, essas intrusões na percepção clara
de que um gozo pode ser fruível no amplexo ontológico.
E passar, e viajar, e percorrer essas sendas abertas
pela ousadia que se apodera de nós quando os obstáculos
se acumulam como tantas formas e deformações
da aporia tratada em tratados do pensamento histórico.
O coração dos homens e das mulheres não pode ser
céptico, aceita com emoção o que sucede à volta,
tenta compreender os rudes distúrbios e as afabilidades
compensatórias, os corações só sabem amar, o sangue
que neles passa, o que passa por intuições amantes.
O ódio é outra coisa. Não tem corpo, não tem carne.
É um sopro vindo do desencontro entre imaginações
que não puderam sopesar o que estava em causa:
em causa está o acaso de uma casa onde viver assume
um assomo de sorte e de perspicácia: o ódio não é
a outra face. É uma doença possível mas inalcançável.

24/11/2020

SOBRE A TERRA

Choveu e eu estou contente. A terra estava precisada.
Abre-se agora um solzinho pouco solícito e algo mortiço
e eu estou deveras feliz com a pouca luminosidade
que se espalha neste compartimento da casa.
Contentamento e felicidade são coisas raras
nos interstícios mentais da minha presença na terra.
Não vou dizer, patético e intemporal, tudo está bem,
mas não está mal este sentimento que eclode
como uma expectante expectativa da redundância
e da repetição. Tenho tanto que fazer no terreno
a que dedico um cuidado às vezes desleixado, às vezes
incompreensível para quem pensa que a terra
é o único destino da sua humanidade trágica e fatal.
Choveu, e logo penso, deveria ainda chover mais.
Há quantos anos não ouço o gorgolejar da linha de água
que delimita a sul a minha exígua propriedade?
Mas choveu esta noite, e eu estou comovidamente
contente, como se fosse em mim que qualquer coisa
tivesse acontecido, sei lá, uma boa notícia, sei lá,
receber do livreiro que expõe alguns dos meus livros
a notícia de que tinha vendido um exemplar,
um só exemplar, pois sei que não posso contar
com a benevolência estética dos leitores mais
ou menos contemporâneos. As gerações passaram
e a ideologia literária continua sempre a mesma,
o país e suas gentes não exigem grande coisa
da coisa que se apresenta nos escaparates em ilusão
de livro. Nada a fazer. Na natureza sempre cai
de vez em quando alguma chuva, na cultura pátria
nada sucede de relevante. Mas comer batatas cozidas
ou um arroz branco é um crime? Não é. Guloso,
eu sempre procuro fazer dos meus marmeleiros
algumas malgas de marmelada para o ano que é sempre
transacto, não sei se já repararam. O tempo, agora
a sério, é uma música que se não ouve, é um espaço
que revolteia sempre em redor dos nossos passos.
Sobre a terra, sobre a terra, não se enganem, por favor!

25/11/2020

NEM ENIGNA NEM MISTÉRIO

Do outono o que haverá a dizer?
Das pessoas que o vivem sem dele dar conta,
dizer que suas vidas foram interrompidas
pela peste, esse mal estar de um mal
que mata, sobretudo os mais fragilizados.
E eu? Entre o que vivo, a ansiedade ou o medo?
O medo, sem dúvida. Faço parte,
não porque queira, das pessoas de risco,
descobriram agora a medicina e o estado.
Quando, todos nós sabemos, eu sempre fui
frágil, sempre me senti frágil, cheguei
a escrever alguns textos sobre essa fragilidade.
Entre ser jovem e ser velho apenas
se deu a passagem do tempo, doou-me
o tempo alguma coisa? Não quero ser injusto.
Não vou responder. O silêncio às vezes
pode ser a melhor resposta. Poder ser,
se estou correcto, é a expressão bengala
que me ampara neste tempo algo controverso.
As pessoas morrem, aqui como noutras partes
do planeta, é ver essas notícias ignaras
nos jornais mais ou menos televisivos,
é ver o contentamento disfarçado em dor
dos locutores que divulgam o poder da morte.
E do vírus, essa face escondida da natureza
onde estamos inseridos como outras
naturezas, sempre frágeis doenças perante
o incomensurável das possibilidades terrenas.
O inimigo não tem um rosto. Parece
possuir características que a ciência descobre,
tentando resolver o problema de uma luta
um pouco arbitrária, sempre tentativa,
algumas vezes desesperante. Que é feito
do outono? Ele passa, sem que o dizer
alcance uma real novidade na sua passagem,
as estações um dado estabelecido, por quem
já não é nem enigma nem mistério.

25/11/2020

UMA VIAGEM

Lanço-me compulsivamente como uma criança
para dentro do porisma e não encontro nada,
é nesse nada que tenho que sobreviver alguns minutos,
o tempo de perfazer uma viagem sintagmática
escolhendo a melhor maneira de sair do imbróglio
que eu próprio, estúpido, criei. Não gosto do verbo criar
como não gosto que me tomem por um artista
das letras, afinal nada mais faço que tentar nadar
como uma criança envolta nas ondas de um mar manso,
sentindo, quando posso, que posso alcançar a costa
com algumas braçadas destemidas e delirantes.
Onde estou? Algures no espaço de uma esperança,
a vida só é fácil para os que não vivem mas comandam
ou dominam, uma língua, uma arte, outros homens.
Não sou desses. As palavras que alcanço, fáceis
ou difíceis, não vivem de nenhuma magia, aparecem
em mim como se eu contivesse um outro eu
nas entranhas estremecidas pelo desejo de abrir
um caminho onde tenha a oportunidade de respirar
o que o meu corpo exige de oxigénio e de génio.
Onde estou neste preciso momento? Se um porisma
ousasse ter um centro diria que a meio caminho
desta aventura feita de soltura e de dolorido sofrimento,
nado, nado, sinto o sal na minha boca, não é corpo
de mulher ou do desejo, infelizmente, é antes a dúbia
tensão entre um começo e um fim, como se
criança de mim soubesse intimamente que é velho
o corpo onde evoluo, cansada a carne onde me alongo
numa preguiça que busca encontrar a redenção.
Ir mais longe não é tocar a morte com um dedo profético
ou uma voz altissonante, o porisma não tem ilusões,
quem o escreve não tem ilusões, alçapões surgiram
no tempo de vida, caí em alguns, de outros consegui
libertar-me, nadando, sempre nadando, ou andando pé
ante pé com um desvelo próximo do amor
e das suas fímbrias mais complexas e tonitruantes:
estar aqui é um refrigério no sortilégio caligante.

25/11/2020

SUSPIRO

Não é bem uma tristeza, mas o sol quando desaparece
e se deixa substituir pelas nuvens cinzentas
acho dentro de mim um abandono inexplicável,
como se sem sol não valesse a pena viver.
Abandono a janela indesculpável e embrenho-me
um pouco sisudo nos escaninhos da casa
que é na realidade um apartamento suburbano,
que vou fazer desta tarde? Amarrar-me a um livro,
dispor-me a ver um filme que me distraia autenticamente?
Não me apetece nada. Procuo fugir a esse nada inútil,
que os há úteis, procuro uma breve que seja cura
para a ocasião, para este momento perdido
na sua inconclusa maldição, se isso for possível.
Às vezes só se diz asneiras, estultices, dislates, tenho
que escolher qual desses três vocábulos
é o mais apropriado? Todos se valem nesta efusão
vaga de um periclitante sentimento adstrito
à minha consciência, como se estivesse a viver o fim
do mundo. E não estou? Que sei eu? Sei
que este talvez simulacro de tristeza pretende
simular um estado de espírito, mas como, pergunto eu,
se há muito perdi o espírito e conceitos quejandos?
Estou mais pobre? É bem possível. Afinal a pobreza é
mais do que um dado estatístico, é um estado
de ser, e mesmo assim o escrevo com uma certa relutância.
Vou descrever a sala em cujo sofá me sentei?
Não há pachorra, peço desculpa. Queria o sol no sul
de um céu azul, mas o sol abandonou-me miseravelmente.
Pobre e miserável é como estou. Intragável
para qualquer futura leitura. E no entanto, suspiro
num singulto maníaco, e no entanto a vida, apesar de tudo,
é boa, vale a pena de ser vivida, tento encorajar-me.
Em vão. O dia está perdido. Chovesse ao menos,
o cinzento da atmosfera poderia tornar-se pragmático.
Não é. Não se pode contar com a natureza.
Poder-se-á contar com alguma coisa? Uns dizem que sim,
outros dizem que não. Suspiro. Quem terá razão?

25/11/2020

UMA SAÍDA

Uma inacreditável leveza deseja ser ontológica, mas não lhe permito. Pois se não acredito em levezas, como consentir que uma coisa em que não acredito possa ser qualquer coisa? Frases que surgem em nós para nos assaltar, para desvirtuar o real com sugestões falsas, como conseguem imiscuir-se na consciência que em princípio deveria estar sempre atenta? Manter um equilíbrio mais ou menos estável não é fácil. Dizem que não se sabe o que é o eu, mas eu sei. Dizem que não existe o homem, mas eu sei que sou um homem. Diz-se tanta coisa e faz-se tão pouco. Por exemplo, acabar com a pobreza. Dizem, os homens são maus. Digo, tenho dito, qualquer homem do mundo em que se vive é bom em certas ocasiões, é mau noutras. Entre a bondade e a maldade dispersamo-nos no universo da experiência, há quem tenha mais sorte do que outros, não duvido. É tudo um acaso. Estar aqui, agora mesmo, não é um acaso. Preciso da linguagem como quem precisa de comer, e isto não é bem um truísmo. Sinto-me melhor assim, rodeado de palavras, façam ou não sentido. Não busco uma expressão ou a beleza. Procuro apenas sentir, sentir-me, viver numa outra dimensão que não a alicerçada pelo ávido capitalismo. Modernidade, dizem os que dizem, ninguém ousa chamar a este tempo que dura há séculos, a esta maneira de se estar, de se viver, de se ser, de civilização capitalista. Dizem que se trata apenas de uma economia. Ninguém se importa com a mentira. Destruiu-se mesmo o conceito de verdade, para não incomodar. Tanto medo diante do que é. Efabulam-se histórias disto e daquilo, as histórias, perguntem às crianças, ajudam a adormecer. Para quando uma saída?

25/11/2020

O BEM E O MAL

Tão bom, saber que vou escrever, que agora mesmo começo ou comecei a escrever, o que não fica nada mal a um simples escrevedor. A escrever o quê? Há sempre um quê pedindo para passar a limpo na fácil escrita de uma temporalidade que nem se distingue do tempo como não é concebido por ninguém, afinal as coisas a fazer não se compadecem com um dúbio pensamento, por mais improvável que seja viver-se sem se estar a pensar. Diante desta aparente (porque se dá a ver, porque aparece) contradição, o contínuo da escrita não se dá por vencido, avançar, na aporia se for preciso, se estiver em risco, como está, a vida de quem escreve e a necessidade do incauto porisma. Não era este o adjectivo, tenho a certeza, o acertado perde-se na memória, se por acaso ainda prorromper na feitura desta viagem linguística terei todo o prazer de o indicar, para que fiquem com uma ideia precisa do que intentava dizer. Quero, neste momento, dizer alguma coisa? Sim, por exemplo, que estou vivendo a alegria de um sol nem tão fértil como deveria ser, dever ser coincide ainda com alguma coisa? Há ética nesta época dessangrada, ou só mecanismos infantis de persuasão, como dizer-se que apesar do mal tudo está bem, sem que as pessoas se zanguem ou sofram com o humor da ironia. O adjectivo que há pouco não compareceu salta agora à consciência, incoativo era o que foi substituído por incauto. Logo, o uso que fiz de incauto não foi uma catacrese, antes foi o sentido de uma velhice que se perde na história da memória. Minha. Vejam como levanto um muro espesso, cada simulacro de verso tem a mesma extensão, a barreira pode parecer uma brincadeira aos mais incautos, sim, agora até me parece razoável o emprego desabusado deste adjectivo, poderia ter escolhido também céptico ou desconfiado, não o fiz para não denegrir os seres humanos. Fiz bem? Nunca se sabe. Mas o importante é a ideia de muro ou de barreira, ignorando porquê!

26/11/2020

A CARÍCIA DO BONITO

Prometi a mim mesmo nunca mais abordar
a problemática do acto da escrita,
se o faço é porque a sua importância
não depende de mim, mas talvez do momento histórico.
É só uma suposição. Não tiremos conclusões
apressadas. Ou de fazer comentários como exclamar,
que bom servir-me desta linguagem desprovida
de enfeites metafóricos, já que de retóricos todo o discurso
é construído como um baluarte incontornável.
Não tenho nada contra as metáforas, tenho contra os enfeites.
As decorações estertoram-me em dores ingentes,
para quê colocar-se uma moldura para realçar a beleza
que existe prístina na sua simplicidade?
Que há de bom no bonito? Ou o bonito joga
com a possibilidade de uma carícia que nos falta?
Sei, os seres humanos sofrem, de todas as maneiras,
nos mais pequenos detalhes da existência,
às vezes uma carícia, um carinho, mesmo se por interposta
pessoa ou meio, alivia-nos do peso que nos amarfanha.
E desejamos ser crianças, de recuperar uma mãe
ou um pai que nos abrace dando-nos esperança
e ânimo. Eu compreendo. Sou sensível às razões expostas.
Se vos fizer bem, pois decorem-se e enfeitem-se
em feitiços da irreabilidade periclitante,
há tantas maneiras de sermos monstruosos
na nossa mais lídima humanidade. Chamem os artistas,
eles têm o poder e a técnica (que são etimologicamente
a mesma coisa) para vos alagar de sonho
ou de uma intimidade fictícia que vos atija a talvez alma.
Tudo é possível, não é o lugar-comum?
Aqui, infelizmente para os que não podem viver
sem o bonito, não há um artista, é um homem que diz
apenas que respira, e que ao respirar encontra também
uma beleza, uma sensação boa, não uma carícia
que nos transcenda em disposições para o esquecimento
de que no fim, no fim de tudo, é sempre
a morte que nos abraça numa carícia inquestionável.

26/11/2020

PORÉTICA

Um voraz formigueiro apodera-se de sua carne,
que vozes ainda lhe ressoam aos ouvidos,
que falas clivam o espaço de sua experiência,
que assaltos intentam avivar-lhe o desejo
de se perder no que poderá achar escrevendo?
Estupefacto até perder o sentido do acontecimento
não sabe como agir, que apetrechos possui ainda
capazes de o lançarem a um alcance indefinível?
Ouve esses sussurros animais, esses quase gritos
destilados em palavras inacessíveis, que fazer?
Nunca soube, a bem dizer, se escrever
lhe fazia bem ou mal, se era uma solução veraz
para o que o consumia em vislumbres de doença
ou de sofrimento, existir num mundo cruel
era o apanágio da sua dor, um mal no corpo
que se tecia das lucubrações mais repugnantes.
Havia a ingenuidade: enquanto escrevesse
não teria tempo para morrer, não se podendo
fazer duas coisas ao mesmo tempo. Mas pode-se,
compreendeu tardiamente, e abrir caminho
nessa selva clara onde não havia sendas visíveis
acumulava-o de um cansaço indescritível.
Avançava quando podia, os liames decepados
jaziam sem imaginação na sua passagem porética,
muitas vezes, confrontado com a impenetrabilidade
concutida pela civilização de que era um membro,
era obrigado a voltar atrás, procurando
cegamente uma outra possibilidade de caminho,
num vaivém que o desfigurava, o humano
nele uma sugestão esquecida. Encontrava às vezes
uma clareira esclarecida, nela pontificavam casas
e abrigos, e gente de bem que o acolhia.
Algumas vezes, deitado no chão da terra
que grandes folhas cobriam, no silêncio da noite,
alguma lua iluminando, recebia a visita
de uma breve companheira, e nela finalmente
se achava entrando no calor da sua carne húmida.

27/11/2020

PESADELOS

Minúsculos pesadelos apoderam-se do seu sono,
acorda para uma meditação desabusada,
é sempre a mesma coisa, o medo de instituições
e de alguns componentes, nem tão fictícios
como isso, da sociedade onde irrompeu nascido.
Não haverá esquecimento no cérebro
envelhecido? Tantos neurónios desaparecidos,
por que não se esvanece de vez o temor
que o assalta porque o assaltou outrora na vida
que pretendia levar a bom porto, a outra porta?
São minutos, talvez horas, de um reviver
infecundo, para quê perder tempo com o tempo
que aparentemente passou? A memória,
mesmo quando sepulta na mente, não é um mito?
É uma verdade? Procura dormir, mas quem
comanda um corpo, que vontade consegue fazer
regressar o sono ao convívio com a noite?
O sono, benfazejo que é, quase lhe parece
um inimigo soturno. O tempo dos onirogmos
há muito devoluto. A vida não escreve
nem por linhas tortas nem por linhas rectas,
a vida não escreve. Nem meditar algumas cenas
é escrever. Frases passam pela cabeça febril
dissolvidas em inconsequências, soltas
manifestações de um medo muito semelhante
à aflição e à angústia e à ansiedade vulníficas.
Não há como fugir ao desenrolar rápido
da consciência, compenetra-se ele num mutismo
em que não se reconhece como si mesmo.
E a noite passa numa acmástica e acusmática
indagação do passado, dos passos dados
pela errância do mundo, o planeta uma triste
manifestação do que se faz dele nos dias de hoje.
Não duvida do que foi. Às vezes, percebida
a desumanidade de certos acontecimentos, pensa,
estou a inventar, sou um mitomaníaco, não
é possível que tal impossibilidade fosse possível.

27/11/2020

A LEI DE HOJE

Não vou escrever sobre o escrever,
fi-lo tantas vezes que cansei.
Não vou escrever sobre a música,
pouco teria a dizer que não fosse apenas
o que estaria a sentir.
Sobre o que poderei escrever
hoje que seja algo de nunca dito?
Não faço a mínima ideia.
Já quis trazer à língua uma outra língua,
não sei se o consegui,
se o não consegui tanto pior.
Perdi a ambição? Qual ambição?
De ser uma voz glotorando imanências
sonoras como se soubesse cantar
a realidade de estar vivo?
Vivo ainda na indefinição de mim,
mas sei que existo, que sou
um eu, a identidade um mistério
que nos lança para os discursos mais
adstringentes que se possa
imaginar. Imagino pouco? Talvez.
Em escritas antigas sonhava muito,
ou dizia que sonhava,
o que não será a mesma coisa.
Não vou dizer que envelheci, seria
verdade, mas quem se importa
com a verdade nos dias de hoje? Algo
ocorreu no ocidente no século
passado, aquelas duas guerras deram
cabo da esperança na humanidade
de que o homem deveria
ser um feito, um facto indesmentível.
Ninguém mais chora, nem aos mortos
se oferece esse diapasão
das emoções e dos sentimentos.
Todos têm medo de sentir.
Só competir parece ser a lei de hoje.

1/12/2020

UM COSMO

Antiquíssimas palavras ainda emergem na consciência
como se quisessem fazer parte de um discurso,
independentemente da história que o planeta
está a viver neste momento de aflição e de susto.
Mas não seria uma traição aceitá-las na inconsciência
de que se revestem, perdidas apenas no desejo breve
de vir ao cimo como metamorfoses da alegria?
Afasto-as de mim como aberrações e descuidos,
procuro desviar a atenção para tarefas mais maduras,
plantar algumas estacas de marmeleiro no solo húmido
pela chuva que caiu neste fim de semana soturno.
Amo o sol, mas também me dá prazer ver a chuva
inundando o nosso olhar tão preso à secura dos estios
incapazes de apaziguarem a sede das árvores.
E quando um sol se esgueira por entre as nuvens
que descarregam na vertical as suas lágrimas,
se me concedem a metáfora desflorida e selvagem
que agora se apropriou deste porisma, então
a sensação transforma-se num sentido de bondade,
a ideia de uma beleza sem arte transborda
quase como uma acção que tem que ser levada a cabo.
A natureza não precisa de artefactos para dizer
o que nós intimamente pensamos que estamos a sentir,
o acontecimento vive da sua contingência, do acaso
que mexe com o nosso corpo numa leveza icástica
onde descobrimos que mais alguém habita
o nosso corpo tão compungido com a dor do mundo.
Somos antiquíssimos como uma emoção acesa
que passou de geração em geração ao longo dos séculos,
um selvagem sorri perante o espectáculo ignoto,
uma voz sensual expele sons inarticulados
que em certo sentido nos desfiguram e desnudam
das civilizações que prosperaram pela terra invicta.
Animais somos incapazes de encontrar uma explicação
para o que sentimos, esse sol molhado libertando
uma luminosidade húmida em toda a atmosfera,
a matriz antiquíssima onde poderá nascer um cosmo.

1/12/2020

A VERDADE

Nada de exageros, nada de exageros,
aconselho-me com uma prudência que me desconhecia.
Dois porismas num dia já não é nada mau.
Mas a verdade é que não me sinto cansado,
e depois este sol que bate nas janelas
viradas para o sul é um iniludível chamamento.
Ouço: fica, fica mais alguns minutos na luminosidade
que te ofereço e faculto, que irias fazer assim
de tão importante? Nada, eis a resposta.
Entre dois nadas, por que não habitar este espaço
onde o tempo até parece reviver no seu desaparecimento
nem catastrófico nem apocalíptico? Apetece
ser, assim devagarinho e diminuto, uma passagem
pelos meandros do acaso e da insolvência,
virando aqui e depois ali, indo, indo sempre em frente
como quem não teme um fim, uma morte mais
que anunciada, uma morte capaz porém de ser feliz.
Nada de exageros, nada de exageros.
Que tolice! A vida já não arde, mas arfa
numa acusmática respiração, palpitando o coração
dentro do peito afeito a mimetismos e a comparações.
Tão bom sentir que se está a sentir, foi um verso
que já sulcou livros escritos por estas mãos,
por estas mãos passaram as mais dignas experiências
do sentido como do insentido, deixei-as acariciar
tudo o que vinha ao meu encontro, afinal
a solidão também necessita de alguma companhia.
A história do sol nunca poderá ser feita
sem que se tenha em conta a minha história,
ou vice versa, contar o que quer que seja é ficcionar
uma aprendizagem e uma travessia através dos escolhos
que não acolhem aqueles que pretendem ir
um pouco mais longe em direcção ao futuro
de uma humanidade dispersa em populações reversíveis.
Navego em mares desconhecidos, cada gesto fende
as águas de oceanos ora tímidos ora bruscos.
Por isso, nada de exageros, nada de exageros.

1/12/2020

A NOITE

A história dos pesadelos que actualmente
me perturbam as noites profilácticas
não será fácil de escrever neste clima azedo
em que me encontro, neste quase
entressonho que me devolve a certos hábitos
do mimetismo e de sua degradação.
São uns atrás dos outros, de cada vez ferinos
como desprazeres absurdos, ácidos
que me acordam numa exaustão da acalmia
que tento acalentar como processo
de vida entregue à inescapável desmedida
do tempo. A noite suspende-se muda
numa intelectual absorção da velha estética,
as emoções entrechocam-se espantadas
por não saberem exprimir-se como sessões
da psique humana, que há a fazer?,
sobe a pergunta até à consciência, nada , nada,
ninguém comanda um sono perverso
e suas imagens mais ou menos fantasmagóricas.
Acordo sem acordo de mim mesmo,
ainda bem que acordo, suspiro na aflição
aflogística em que me debato, e logo
adormeço para ficar sujeito a outro pesadelo
que me deturpa naquilo que mais sou.
De onde vêm estes desvaios da ignomínia,
que percepção do mundo se instala
na minha mente para florir nocturnamente
como fricções do mal, outras pústulas
derrotando a ideia que se poderia talvez fazer
do ser humano? Ignoro. De manhã,
desperto para o real de mais um dia pérvio,
sinto-me cansado, a batalha agónica
deixando marcas no tecido do meu corpo,
no desejo de me alastrar pelo mundo
em acessos de sentimento e de sóbria razão.
Serei o mundo? Seus sofrimentos cruéis
e sua azáfama numa sobrevivência inóspita?

2/12/2020

O ANSEIO BIOLÓGICO

É pois com um grande cansaço que estou aqui,
imbuído de uma sensação estridente, embebido
numa fraqueza inenarrável, frente à janela
para sorver o matutino sol que explora o céu.
Ninguém nesse parque levantado pelos eucaliptos,
nenhum automóvel deslizando pela rua solitária,
serei o único homem à face da terra? A terra,
obviamente, não possui nenhuma face, mas o rosto,
que já foi rasto e resto em tempos revolutos,
surge diante de mim como uma calamidade sesga,
que catástrofe inundou este local, que fenómeno
alcançou a desmedida de um apagamento?
De tanto olhar e de nada ver que se mova na dança
dos corpos humanos fico um pouco nervoso,
mesmo estarrecido, se quiser ser mais preciso,
para que serve o sol se ninguém dele usufrui
o seu calor e a sua cor desprovida de quadros
ou de telas? Sento-me no sofá num desconsolo
imperecível, que vai ser de mim salta-me em frente
como uma pergunta absurda, que nós me fazemos
falta para que uma população desapareça
da visão tutelar onde me instalei com os anos?
O mundo deixou de ser sociável, o convívio
não obedece a nenhum desejo de companhia,
eis o vazio das coisas caindo sobre mim certo
de que reproduz uma língua nunca por ninguém
falada. Levanto-me e dirijo-me novamente
à janela, alguém, lá ao fundo, na intersecção
das ruas, passa como se nada fosse, é um homem
ou uma mulher, não diviso, é certamente causa
de uma alegria que me abrasa, não estou só,
não estou só, a espécie sobrevive, penso então.
O anseio biológico aplacado afasta-me da janela
e permite-me percorrer as dependências frias
do apartamento, reconheço as coisas, os objectos,
os móveis que contraditoriamente permanecem
imóveis como se tudo estivesse bem num todo.

2/12/2020

ESTA AVENTURA

Valerá a pena esta aventura, fazer-me livro
sabendo de antemão que o mundo não existe
para culminar simbolicamente no livro,
esse absoluto que transmigrou para o soluto
em que se diluiu o luto de ideários
idealistas? Ignorando que pena me ilude
hoje como me iludiu no dedáleo passado,
transmito à escrita que desenvolvo
o parecer de uma sensibilidade tão recente
que não há história capaz de a cativar
numa efabulação mais ou menos precária
como todas as histórias que se fazem do que é
ou foi. A memória é um passo em falso,
sobretudo quando não foi vivida testemunha
dos vívidos acontecimentos ocorrendo
no tempo da imprevisibilidade e do acaso.
Poderei pois fazer-me livro? Talvez,
caso a memória seja do presente. Como é.
O verbo ser às vezes deixa-me imbuído
de uma alegria que se tauria na pele porosa
do meu corpo, é uma carícia que faz,
pelo som, aos meus ouvidos, uma maravilha
cuja origem não remonta a nada, e o nada
imponderável não estabelece um ser
capaz de ceder aos sentidos a breve verdade
da sua presença ou da sua ausência.
Estar entre é uma maneira provisória de dizer.
Este vocábulo, entre, introduz-se muitas
vezes na acuidade da realidade discursiva
como uma intrusão do que se pensa
que é pensamento, às vezes há emoção
e excitação no decorrer de ideias céleres,
como se o movimento trouxesse em si
uma disponibilidade para se compreender
o incompreensível da humana existência
e do mundo correlato onde assenta a aventura
de um convívio ou de uma frágil relação.

3/12/2020

O SACRIFÍCIO

Embora ouça o som do piano que transpõe a sala de estar para desaguar neste escritório minúsculo, não posso dizer que me sinto bem ou que sou feliz. Nuvens obscuras perpassam evidentes e silenciosas sobre a minha cabeça, um vento frio empurra as árvores para limites da circunstância, alguma dor no corpo mudo eleva-se ao domínio da consciência e penso assim tão inadvertidamente que o fim está mais próximo de quem me fiz e faço e não sei se me farei. O futuro é um absurdo zelo que não me chama mais, sofrer no que dói parece quase ser um destino outrora perdido nas convoluções do desgaste, será possível que a morte predisponha de uma linguagem? O vento que zurze as copas das árvores nada me diz, mas sinto que me afronta e desafia, não sou árvore, as folhas onde escrevo são hipotéticas virtualidades em telas sucessivas, não se deixam cair neste outono já invernosos. Não haverá um chão para ser enterrado morto. Mas cinzas ou nem isso, não pretendo deixar nada de nada do que fui, este corpo habitado por sonhos e mistérios e anseios e realidades que não couberam na história que me coube. Como poderia ter sido deste inefável mundo se nunca soube o que era o mundo? Alguém, alguma vez, me explicou de onde a onde ia essa ideia que absorve os discursos antigos como contemporâneos? Li nas etimologias eruditas que o mundo era a terra emundada pelos homens para que pudesse ser cultivada, mas quando empregam esse termo não bispo nada dessa origem, antes pressinto a alusão vaga a uma indeterminação que serve eficaz para quase tudo. O mundo, para mim, afinal é apenas o sacrifício das árvores derrubadas.

4/12/2020

ENFRENTAR

Terei ainda força para enfrentar a natureza?
Ou deixar-me-ei corromper pelas soturnas imagens
que ela agora me envia, a violência de um vento
que não apazigua, antes desfaz o pouco que somos
em abreviaturas do que nunca pudemos ser.
Vou ficar macambúzio e triste perante o espetáculo
que diviso desta janela aberta ao vário suceder
das coisas? Mas como inventar a alegria na ocasião
que se vive, como realçar um sorriso ameno
perante a morbidez quase fanática do que se chamou
desde sempre natureza? Terei sempre que sofrer
um a mais que se distingue do meu corpo, excesso
que me faz pensar que talvez eu seja parte
dessa realidade hoje tão incompreensível? A chuva
é um bem, quando humanizada na brandura
de uma queda que se faz sem a arrogância do poder.
O vento pode ser uma fonte de hábil riqueza
para a tecnologia das energias limpas, não discuto,
mas inserido no processo do temporal invicto
é uma força tão destrutiva como as guerras atávicas
que se perpetuam na história das populações.
Vou abandonar a janela, como sempre soube afastar
de mim a ideia idiossincrática de um qualquer
poder. Não sou escravo da natureza, já da humanidade
e suas disfarçadas artimanhas não poderei dizer
o mesmo. Sei do que falo. Não, prefiro a música lábil
que se faz ouvir nesse recesso em que o humano
se revê no seu mais íntimo imo. Esqueço a violência
do que se passa lá fora? Não. Mas não a vejo.
Ver o que o real tem para nos oferecer exige não só
coragem como algum sangue frio. Nem sempre
estou à altura. Invento pois uma realidade habitável,
à medida da minha fraqueza e da minha cobardia.
Não sou diferente dos outros. Esses homens e mulheres
que também ouvem música. A pergunta e a resposta
impõem-se assim sem tergiversações, sem embustes.
Teria ainda força para enfrentar o real? Duvido.

7/12/2020

TOLA CONSCIÊNCIA

Às vezes a consciência obriga-nos a meditar sobre o que se passa nesta terra onde habitamos, e uma tristeza simples alaga-nos de vergonha, como se não tivéssemos feito qualquer coisa, como se a um chamamento não tivéssemos respondido, essa injunção banal que alicerçou a nossa juventude: mudar o mundo, mudar o mundo. Não o fizemos. Talvez porque não houvesse um mundo, mas só homens e mulheres que nasciam e morriam com uma displicência que ainda hoje nos encharca de espanto e dor. A riqueza de alguns ainda não deixou de ser riqueza, a pobreza de muitos ainda não deixou de ser pobreza. Tanta fome que perpassa inútil pelo planeta, tanta doença sem cura, tanto ódio indispondo os homens contra os homens, cegos mecanismos de uma lógica quase perenemente ancestral, razões que se aduzem para justificar o crime que se perpetra como inevitabilidade. Todos aparentemente têm razão, muito poucos terão alguma sensibilidade. O próprio planeta onde habitamos não é o berço que deveríamos proteger, antes se revela como a oportunidade de um lucro. Futuro, que futuro?, soam a vozes de quem mais ordena. Com ordem, servidos pela tecnologia que a ciência soube engendrar, destroem para criar, riqueza, postos de trabalho para os escravos contemporâneos. Ninguém faz da vida outra coisa. A imaginação só serviu para imaginar, quase tudo, grandezas e abjecções, menos a vida. A vida de bilhões de terrestres soa a uma horrível cantilena, pobres e ricos, pobres e ricos, e ninguém a ouve. Os pobres não sabem o que fazer da vida. Não ousam planos futuros, prospectivos, gostariam apenas, numa esperança vã, de ser ricos. Não se sai disto. Nem da tola consciência que faz sofrer este trágico porisma.

7/12/2020

TALVEZ

Envergonhado pelos dois ou três últimos porismas,
ter caído na mitologia da ideologia
que me fustiga dia após dia de intemperança
e de insubmissas lucubrações, procuro
agora sair dessa aporia num desenlace furtivo,
às vezes temos que nos socorrer da inteligência
matreira para nos desenvencilharmos
do sofrimento que nem se manifesta em corpo.
Penso eu, não estando assim tão seguro.
Alguém me disse, o teu problema é que somatizas
o mal do mundo, deixas-te levar pela sugestão,
não consegues elevar um distanciamento com o de mais,
daí as doenças que florescem na tua carne.
Será? Como é que algumas pessoas sabem tanto
sobre os outros, neste caso esse meu amigo
que abunda em opiniões que me fazem até inveja.
Que sei eu do que sei? Que aprendi
com a experiência da existência, com a idade?
Algumas coisas, sem dúvida. Mas sinto-me às vezes,
só às vezes, como um estrangeiro na minha terra,
o que é terrível e deplorável. Amei tanto
a alegria, mas vivi-a? Claro que sim, apresso-me logo
a dizer, mas essa pressa não será suspeita?
Quis sempre viver, sem contudo saber muito bem
o que era isso, viver, porque sempre senti e compreendi
que realmente não vivia, embora parecesse que sim.
A vida, qual delas, é estranha. Estou aqui como poderia
muito bem estar num outro sítio qualquer,
a paisagem não nos enforma, o redor circundante
não nos dá a consistência que gostaríamos de possuir,
mesmo que se chamasse a isso alma? A essa coisa
bruxuleando dentro de nós, esse alor, esse impulso,
essa fala. Mas que dentro é nós?
Porque dizemos fora somos obrigados a conceber
um dentro para o que somos, que somos sem ser espaço?
Que somos? Contento-me em dizer, somos homens
e mulheres e crianças. Não é verdade? Talvez.

7/12/2020

A ESTUPIDEZ

Suspendo-me alguns instantes observando as nuvens
que passam num céu conturbado, nunca quis
ser céu, nunca quis ser terra, quis apenas ser eu.
E fui-o, mas de que maneira! Não é estúpido
o que acabo de escrever? Poderia acrescentar,
nunca quis ser nuvem, a estupidez desapareceria?
Acho que não. Entre achar e encontrar vai uma distância
incomensurável, mas não vou elaborar
nenhuma argumentação sobre o assunto.
Não vou colaborar com o ocidente em acidentes
que são sempre de percurso, estou um pouco farto.
Não me farto de observar a gaivota que sobrevoa
as redondezas, que faz por aqui, tão longe do mar?
Sei, alimenta-se do lixo, estranho cibo,
que recolhe nos contentores espalhados pelo bairro.
Confesso, já quis ser gaivota. Há muito tempo.
E não era estúpido, esse desejo sufragado
pelos companheiros da adolescência nessa vila
que me viu, se for possível dizer assim, nascer,
ao ponto de escolhermos esse nome para um grupo
musical cuja existência nunca levamos a cabo.
Sonhos, outros diriam, quimeras. Cheguei a brincar
com uma delas, na costa leste americana,
ignoro se ela gostou da brincadeira. Infligimos
tanta crueldade aos animais com acções
que pensamos inócuas, humanizando-os talvez
porque não sabemos suportar a solidão que nos agasta.
Só fiz asneiras, quando fiz alguma coisa.
Nunca dominei o real, e quando dominei foi sempre
sobre os mais fracos ou os indefensáveis.
Estranho bicho, o homem. Ou melhor,
e para não generalizar, estranho bicho, a minha pessoa.
Dizê-lo assim até parece que estamos a falar
de um desconhecido, de uma entidade que nada tem
que ver com quem somos. E não serei um desconhecido,
de mim mesmo para mim mesmo, o que é mais
angustiante? Vá-se lá saber!

7/12/2020

O CAMINHO

Minutos absorto numa contemplação inútil até que duas mãos sobre as teclas negras começam a marcar o passo numa dança de letras que sobressaltadas saltitam ávidas de fazer parte de qualquer coisa que possa existir. Existe, a olhos vistos, este início que poderá muito bem ser uma iniciação, mas iniciação a quê? Este quê interdito nada tem a comunicar, reflecte-se na percepção do sentido que se institui pouco a pouco como uma inevitabilidade do desejo humano em perpetuar uma leitura do que advém real. A sintaxe claudica, isso importa? Outrora houve portas que se abriam sobre parcelas muito restritas do mundo, escreviam-se inocentes estilos que perfilavam indecisos diante do que desfiguravam: a loucura agia como por magia na consciência dos leitores convictos de que estavam a compreender, afinal para que aprenderam a ler? A parte da inocência que não mais cabe na escrita contemporânea deixou de ser contemporânea de qualquer coisa de palpável e de existente, mas a vontade humana continua a perceber a razão profunda ou mesmo obscura que luz nesse oco incapaz agora de fazer eco, ler não será um tempo perdido, mas pensar-se que se está a compreender é uma ilusão objecta. Embora ablutora, pode-se acordar. Mas o caminho trilhado se se resumir apenas a um método (e segundo a etimologia) não levará o leitor à deiscência de um novo olhar com que poderia enfiar na sua própria vida. Um caminho já aberto e configurado traz apenas a consolação e a segurança de um fim consabido, mas morto, essa meta da estrada estragada pelo seu significado mais íntimo.

8/12/2020

INTIMIDADE

Não há intimidade entre quem se é e o que é à nossa volta, uma sensação não advém sensível nem se transforma em sensibilidade, pois sentir é uma fala do corpo alçado a consciência afectiva, não depende do real que nos cerca ou enclausura, consome-se antes na intuição vígil que nos abre à presença de quem somos quando nos dispomos a ver no fora a possibilidade de uma companhia. As partes íntimas que tanto nos obcecamos são íntimas porque são nossas, fazem parte integrante do nosso corpo, a nossa intimidade exige quase sempre aquilo a que chamamos, erradamente, de solidão. Seria melhor dizer-se, isolamento. E quando somos íntimos de alguém, esse outro, é porque nos desnudamos até à raiz do corpo, efectivamente ou simbolicamente, um amplexo mais arguto, um cicizar de vivências uníloquas. A intimidade, ou a vocação íntima, refugia-se do mundo, concebe-o como uma monstruosidade cruel e obsoleta, adivinha o mal que pode advir das suas garras intempestivas e das suas leis arbitrárias. Sendo o mundo o que é, e ninguém sabe o que é, ser-se íntimo de um objecto vale por um obtuso paradoxo ou obnoxia contradição, já é possível, sabemo-lo, estabelecer uma feliz intimidade com as coisas. As coisas não são apanágio do mundo nem decorrem do seu poder castrador, as coisas são inefáveis exteriorizações do que nos acontece no tempo que nos alcança com as suas surpresas e as suas vicissitudes. O íntimo não vive de profundidades ilusórias, de esmeros escondidos nos aléns da memória, é antes a assunção de que há ser no que há, e o que há para a extravagância dos homens e das mulheres é uma pele povoada de poros, essas aberturas exsudando mais intimidades que todas as confissões exortadas pelo engano.

8/12/2020

AUSÊNCIAS

Noites eclipsadas por ingovernáveis lucubrações, porismas dispersos em impossibilidades de livro, palavras solidificando-se em frases obsidianes que atestam a envergadura de uma oração inócua e dessacralizada. A insônia delirante enriquece-se de apanágios de súbitos corpos incapazes de carne, configurações de esplenéticos desenlaces na dor de uma alquimia que não tem mais razão de ser, faltando-lhe a história para a escorar com efeitos de estilo ou convocações de inesperados impulsos de revelações e de sortilégios. Os olhos fechados, fachadas de improváveis casas edificadas no surto da escuridão, quem se sente sente apenas eventos que ultrapassam a significação do que é a demora como conceito mais ou menos estético, a noção não admite ao pensamento que o pense, fica pois a palavra nua como um eco, terebrante respiração de quem já não se aflige por não dormir um sono. Nada se perdeu da acumulação de sentidos ínsitos nessas peripécias de palavras em filigrana, a teia não dependeu de nenhuma aranha, dizer aracnídeo é aquele que não diz mais do que uma divagação tecida na disponibilidade que o lazer sabe augurar. E no entanto, quando se acorda, um insofismável acordo estabelece-se com o que aconteceu de noite, pressente-se que houve língua nessa imarcescível realidade, um real explodiu sem abrir no espaço da meditação uma forma, uma fórmula, a amizade. Sentir e pensar são constelações perdidas no frio do universo, tiveram o seu tempo de ser, não são hoje mais do que palavras desprovidas da icástica intumescência em que iluminaram as experiências filosóficas mais disparatadas, disparos cerebrais de crenças na possibilidade de uma resolução feliz dos problemas da humanidade sempre impróvida. No eclipse de um sol taumatúrgico, resta só a ida e vinda da inspiração tentando colmatar ausências.

9/12/2020

PESADELO

Um tonitruante clangor de gritos ciclólicos
levanta-se no espaço que me é dado absorver,
estou no centro do ignorar que não corresponde
ao não saber, e vejo incêndios apopléticos
saindo do chão revelador, gentes que correm
de um lado para o outro empunhando forâneas
armas com que atacam e se defendem, prédios
exalando odores corruptos lavados de fumos
que parecem inverter a razão da lei da gravidade.
Que faço ali, espectador? Quero fugir de medo,
uma angústia atropela-se no vácuo dormente
onde existiu já uma consciência, que sucede
diante do meu olhar, que perigo espreita feroz
na voracidade do clima que vivo, sou capaz
de respirar nesta atmosfera de ignava confusão?
Sinto-me preso à ustão que me acalenta edaz
e sem grilhetas, crianças choram desvairadas
junto às fachadas ignóbeis da cidade putrefacta,
não consigo suportar tanta dor, um vento insano
explora cada superfície em que esbarra, bombas
apocalípticas num fundo de nervos fazem poças
de sangue, tudo tão perto, tudo tão longe, ver
corrói o olhar que não alcança uma razão veraz
para o que se desenrola na tortura do mundo,
sinto que a terra desliza sob meus pés frágeis
e tremebundos, onde estou, onde estou, ouço
a voz que pergunta, será minha, será daquele
que me acotovela quando raspa conturbado
meu corpo inexplicável, que é isto, que é isto?
O movimento acelera-se num vórtice fléxil,
haverá tempo quando os relógios analógicos
e digitais derretem em especulações impróprias,
que turbilhão é este que se traduz num rodopio
que me asfixia, onde o ar, a água, só vejo o fogo
queimar o que subsiste de real, não vislumbro
uma realidade capaz de fazer a relação lógica
com o que acontece, acordo. Oculto o pesadelo.

11/12/2020

ACORDADO, ACORDADA

Acordo, não transpiro, não há suor algum
atapetando o corpo, nem o coração estremece
em solavancos arrítmicos, estou calmo,
vejo apenas o que não pode ser visto, a escuridão
do quarto onde durmo, ouço apenas suave
a respiração da mulher estendida ao meu lado.
Imagens do que acabo de sonhar invadem
a disposição para a memória, sinto contudo
que se esboroam lentamente, perdidos mundos
que contendo em mim sem que aceite
essas existências. Nunca houve um acordo,
uma suspeita, uma suspensão das possibilidades
significantes, que raio de fantasmas vão
mais longe que a fantasmagoria, que delitos
subsistem na velhice do meu corpo? A lei
nunca conseguiu aspirar a uma leitura, seria quase
uma aventura conceder ao irreal a sua fuga
em frente. Que estou a lucubrar? É noite,
dorme-se nas redondezas, no bairro onde se vive,
por que não durmo? Depois dum mau sonho,
acordado, é sempre um alívio. Nada se passou
comigo, são artimanhas do inconsciente
que com certeza até se ignoram, vou virar
o corpo para o outro lado, os olhos escurecidos
em pálpebras oclusas que desdenham da visão,
mas não obscurecidos, afinal para quê
mantê-los abertos se o que perpassa é escuridão,
do quarto, da noite, de um candeeiro inútil.
Não vivo o que durmo. Não sou esqueléticas cenas
obtidas pelas imagens da arbitrariedade adiáfora,
deixo para a vigília a passagem da minha vida,
basta-me uma zelosa existência acordada
com o hábito, o que tenho a fazer é respirar,
ver o visível, ouvir o audível, sentir o sensível
que escoram a experiência que faço dos dias.
Não há mistério que me invada a estesia,
nem busco no vivido um falso e dévio sublime.

11/12/2020

SUICÍDIOS

Entre um sol tímido e uma música vigorosa
encharco-me de convoluções tentaculares,
não sabendo ao certo o que estou a sentir.
Não é uma fogueira nem uma ustão, mas ecoa
como um futuro esta presença da luz oscilando
nos escaninhos da mais dolorosa perversão.
Estar vivo não é estar? Não é ser? Que advém
na carne que parece até repudiar o corpo vígil
onde me envolvo e desencadeio, não percebo
o que compreendo, este sentido ascendendo
para dimensões que derrotam qualquer medida
humana. Serei monstruoso? Ou o homem
sempre foi mais do que o homem, uma dor
onde a aragem pretende confundir-se difusa
com a viragem para uma outra perplexidade,
como se o mundo não tivesse razão de ser,
como se só a terra pudesse admitir um futuro
para aqueles que quiserem sobreviver à ignóbil
catástrofe. Mas a terra reduzida a planeta
convulsiona aterrada pelas sevícias insanas
que os poderes contemporâneos explicitam
com explorações e explosões de lucros fáceis,
as populações divisam o que acontece, estarão
minimamente conscientes do dolo e do crime?
Nenhum sol poderá salvar a terra. No tempo
em que se vive as gerações civilizadamente
degeneram em ignorâncias institucionalizadas,
não há falsos profetas nos mercados vulgares
da ganância, apenas as sobras que sobejam
caindo nas mãos dos escravos consentidos.
Sem sentidos, a vida arfa e arde, talvez, talvez,
balbuciam temerosos os mais esperançados
que nada seja nada, mas nada é qualquer coisa
que se infiltra sub-repticiamente num tudo
descomunal. A sintaxe deixou de ser rentável,
de redentora não tem nada, resta apenas a solta
sensação que há suicídios à escala planetária.

14/12/2020

UMA PERGUNTA

Há um precipício precipite em frente que se ausenta todas as vezes em que se lança um olhar espevitado sobre o que poderá ser o futuro, ninguém pressente aparentemente que algo está a acontecer, faltam antenas aos homens mais expeditos da humanidade vigente e conservadora? Previsões são ouvidas como disparates, a estupidez deixa de ser estética para urdir nas mentes dos mentecaptos razões desrazoáveis, quem se importa verdadeiramente com o estado do planeta, do globo, da terra, tantos nomes que não inspiram ninguém, quase falácias para os que governam o mundo e as sociedades, que não são nem nunca foram eleitos pelo sufrágio democrático. A alma subsiste apenas no apogeu financeiro, os deuses estão mascarados de chefes ou de patrões, gritam a vácuos pulmões, liberdade, liberdade, para se explorar legalmente os pobres imbecis cuja fraqueza franqueia a colectiva doença. Que dizer do espírito? Transformou-se no ardil da competência, as aristocracias médias e sempre coniventes olham com desprezo para a injustiça que se arvora na superfície visível das sociedades e explicam as razões de certas realidades atroz. Sempre com razões, nunca como sensibilidades capazes de nutrirem um equilíbrio e uma medida. Onde aprenderam a ser malandros? Na educação veiculada pelas escolas da civilização desfigurada pela ambígua igualdade, pelo exemplo dos pais que vivem sem consciência acerada ou esplendor fraterno a oscilação do pobre e do rico, um diapasão para a música que amam em horas de recreio ávido. E o precipício? A frente transformou-se num atrás histórico e tecnológico, o mal é sempre apanágio do passado, da ignorância, da ausência catalogável de inteligência, da esperteza histrionica. Repete-se: E o precipício? Pela primeira vez uma pergunta não é formulada por ninguém, não precisa de voz.

14/12/2020

A CABEÇA

A cabeça, na sua dor um pouco truculenta,
não ascende a um clímax da sensibilidade intuitiva,
abrsa-me antes o olhar ao ponto de não saber ler
o que acontece à minha volta. É um peso que atordoa
e limita e everte qualquer tentativa de escrita,
se soubesse não teria vindo espairer o momento
com a certeza das palavras que proliferam
interinas no acesso indubitável da consciência.
Com a dor de cabeça ousarei dizer que sou um homem,
que sou feliz? Ou só que estou doente, talvez
de mim mesmo, se este mesmo e este mim ainda
significam alguma coisa para as culturas do ocidente.
Estou mal. Há cura? Talvez um comprimido
comprimisse a dor num recesso insensível,
são tantos os remédios que se tomam, para isto
e para aquilo, medidas drásticas para não se sofrer
o que advém como um cataclismo do corpo
incapaz de refrear as peripécias malevolentes da carne.
Deliro. Digo coisa com coisa, mas o que digo
é desdito pela experiência de agora, há uma distância
que me separa do mundo e da materialidade
das partículas cósmicas que dizem se movimentarem
ainda na perdição de uma história da física
antiquíssima. Não há homem aqui. Nem passado
nem futuro, há apenas este deslizar onomatopaico
zurzindo em zunidos periféricos a sensação
adventícia de que algo impera na relatividade incerta
da falta de poder que me atribuo. Perco-me,
mesmo assim, neste sol matinal, sulco a luz ferina
até fazer dela uma luminosidade que possa inserir-me
no advento de quem sou quando sou a impossibilidade
da saúde. Não serei mais jovem. Que infortúnio.
Não serei nunca velho, mesmo se pejado de gelhas
na pele dorida pela aluvião de poros ultrices,
o corpo carcomido pelas mais insuspeitas paralisias
que o compungem numa obscena precariedade
em muitos sentidos paulatina mas também definitiva.

15/12/2020

ANISTÓRICO

E continuo. Continuar é preciso, quem o disse?
Talvez toda a gente quando desperta como todo o mundo, variações linguísticas dizem mais do que hábitos ou convenções, expõem à vista de quem quiser viver da realidade a dimensão de uma diferença significativa. Não importa. Dizia. Continuo, não caninamente, já houve esse tempo e essa essa onde julguei sacrificar uma periclitante mutação da sensibilidade, mas convencido que é fundamental prestar um serviço à história que se desfaz nas abreviadas manifestações que apodrecem em livros de peritos. A história é uma ilusão como outra qualquer, quem pode manda, diz o povo, quase nunca cabe ao povo ou às populações do planeta explanarem uma experiência e um olvido. A história pretende justificar em relatos expeditos o sentido abstracto ou concreto em que pensam que a civilização se civiliza, trazem-se factos e datas, e dados tantas vezes imiscuídos dos interesses que avultam nesses conluíus entre o poder estabelecido e a ideia que se faz do que deve ser dito mas que nunca foi vivido. A travessia porética, esta que se distende até onde deixa de haver horizonte, alicerça-se dia a dia, estação a estação, na memória do presente, apresentando as sensações das percepções que se deslindam do real como efeitos de uma arbitrariedade onde o acaso se descobre ocasião para subir ao palco onde o sentimento e a razão dão as mãos num enternecido diapasão da amizade. A coexistência, de tudo e de nada, só faz sentido quando é pacífica. Devo pois continuar como se tudo fosse, ou devo suspender o discurso no seu mimetismo mais especioso? Não sei. Valerá a pena contrapor à evidência ecuménica uma fissura diminuta, embora a sua origem seja um gesto e um rasgo ingente levado a cabo pelo fogo que prevalece na solidão de alguns homens? Continuo? Estou a ficar cansado, talvez seja tempo de me recolher à luz que aflora nesta manhã como um percalço levemente anistórico.

15/12/2020

ANALOGIAS

Um sol um pouco assustadiço elabora no céu
toldado por algumas nuvens brancas um certo calor,
é tempo de pôr mãos à obra, e a obra consiste
muito simplesmente em utilizar a motosserra vibrante
no corte de alguma madeira para que esta
advenha lenha. Estes são os meus dias de um Dezembro
chuvoso, trabalhar mesmo estando reformado,
mas trabalhar para mim, sem ser um salariado recebendo
ordens de um patrão que muitas vezes ignora a ordem.
Faz sentido descrever a realidade sinuosa do real?
Não haverá neste arrazoadado uma acuidade
capaz de dar conta do que acontece de essencial
(como ainda se diz) no mundo, nas sociedades, nos ecos
de culturas que teimam em se definir por identidades?
É bem possível. Que dirão ou exporão os romances
que não leio e saem todos os dias dos bolsos
das editoras como das livrarias? Que histórias
terão a coragem de contar? Ignoro. Conto só, e não é
pouco, com a minha história, a imaginação
foi-me sempre estranha. Dizem-me amigos atentos,
não há nada que preste, o romance não dá mais
um passo. Estagnou. E histórias, sempre é mais fácil
ver os filmes que a indústria acalenta com um fervor
de quem ignora o fim do mundo, ou, talvez
melhor, de um fim do mundo. A peste deflagra
no ocidente como se a história se repetisse, poder-se-á
dizer que a repetição é uma farsa? Não creio.
Milhares de mortos indevidos entram-nos pela porta
adentro sem serem convidados, mas os noticiários
pensam que estão a fazer o seu trabalho, a informar
as populações adversas de que o mal existe,
material como essa madeira que vou cortando dia
após dia, desde que possa. Os noticiários podem sempre,
não é por dever, mas as audiências contam histórias
que se repetem todos dias numa comédia pegada.
Moral da história? Não há analogias mesmo quando
parece haver frases apostadas em se macaquear.

16/12/2020

UM VIOLONCELO

Tenho um violoncelo na periferia dos ouvidos que se parece com um inexplicável selo ferindo a propínqua realidade que realizo pela percepção do que passa mesmo ao lado e está a acontecer. Música, já que não benefício da ideia de musa que toldou durante séculos o ocidente, e nela deixo-me embalar um pouco embevecido, sem saber porquê, mas pode-se evitar sentimentos que eclodem na materialidade do corpo despidos de preconceitos como o razoável e o protocolo, seja literário, seja social? A vida que me faço faz-se de tudo o que excita os meus sentidos, mesmo que não faça sentido o que se consente que surja à superfície da consciência disponível. O mundo dos homens e das mulheres que vivem disseminados pelas populações do planeta terra não é suficientemente poderoso que me impeça, às vezes, de eu ser eu, sem máscaras ou grilhetas. Há alegrias tão íntimas que não ascendem ao rito do visível, há emoções tão vívidas que aparecem onde menos se espera, os senhores que mandam e comandam e governam as sociedades vigentes, por mais tecnologia que inventem para conhecer o que vai pela imaginação dos actuais escravos, que somos quase todos, não têm acesso ao sigilo do corpo. Felizmente que não há alma nem sequer espírito, realidades que subsistem como palavras longínquas de épocas passadas na ilusão do zelo, há apenas a carne sem cerne, a pele que concita o sol a transmitir a sua luminosidade insinuante e quente. É nessa pobreza que surge a sonoridade de um violoncelo nesta demora devotada à escuta. Um cálido prazer ser percorrido pelas vibrações acalentadas pelos sons, essas carícias tão sensuais que se pressente uma certa sexualidade ainda viva onde mais se é, como se uma memória imprevisível de um orgasmo se distendesse pelo tempo evidente.

18/12/2020

O NATAL

Aproxima-se o Natal como eu me aproximo
do meu próximo aniversário.
Será verdade? Que quero eu dizer com esta afirmação
quase peremptória? Como me aproximo
do meu próximo aniversário? Devo dizê-lo, ignoro.
Por que empreendi essa analogia?
Não sei. Sem saber, ignorando, gostaria,
mesmo assim, de continuar a escrever, afinal passar
o tempo nem sempre é fácil para quem
não tem tarefas a cumprir ou deveres a obedecer.
O que vai pelo mundo que possa
passar a porisma, estas frágeis palavras palpitando
ainda por terem irrompido na minha cabeça
sem que um pensamento se conjugue
com uma insondável emoção? O mundo confina-se
em isolamentos de pessoas, de famílias,
a época natalícia parece que não vai ser como outrora,
nos anos transactos onde as acções humanas
se repetiam em ritos consuetudinários,
a reunião da família mais próxima, o festejo
muito longínquo de um nascimento
de quem poucos se lembram, os que vão à igreja
naturalmente mais conscientes da data que se celebra.
Não me celebro no que escrevo. Não dou
por mim por mais extática que seja a expressão,
às vezes sente-se uma guinada no turbilhão do sentido
que aspira, parece quase, a fazer-se sentir
em cada palavra que o conjura a surgir do nada.
A experiência desta experiência é avassaladora, fértil,
como se a juventude fosse sem estado,
muito menos de espírito ou de alma, mas antes
ou sobretudo uma estadia no tempo
que, sem sabermos porquê, nos emociona, nos detém.
A juventude deveria perpetuar-se na velhice,
pensa-se agora, indiferente a asserção
à sua implícita contradição, mas pode-se confinar
um desejo, um sentimento? Acho que não.

23/12/2020

O SILÊNCIO

O silêncio que ouço não é o efeito icónico de uma chegada ao sublime, a esse sítio que dizem existir mas destituído de palavras, a essa imaterialidade onde, dizem, a divindade acolhe a emoção dos homens predestinados. O silêncio do apartamento é tão material que não consegue subsistir muito tempo como ausência de som, há sempre o indício de subtis ruídos perfilando-se nos ouvidos abertos à atenção do que vai acontecendo. O redor, se não fala, está sempre ciciando linguagens terrestres e terrenas, a ventoinha do computador, o desleixo de uma folha, o ranger quase imperceptível de uma porta retirada da madeira, e sobretudo, no caso presente, o som musical do teclado onde letras de um alfabeto ocidental dão forma a uma tela quase abstracta de tão concreta. Não vou deslindar ou tentar perceber a razão por que tantos músicos e tantos poetas, tantos artistas, por conseguinte, aspiraram e ainda aspiram a um absoluto, o silêncio divino: é da ordem do mistério e talvez do enigma o que lhes vai no coração. Há homens, há mulheres, que sempre odiaram os homens e as mulheres com quem têm de conviver, há homens e mulheres que se pensam, ignoro se com razão, diferentes dos demais da tribo. Meu percurso foi antagónico. Muitas vezes, na solidão silenciosa em que vivia, desejei um par de ouvidos que reconhecesse o ser da minha presença, daí a escrita dos gritos aflitos e confusos que fenderam o espaço, daí a existência desses improvisados livros plagiando mãos estendidas e abertas a quem me quisesse receber. Poucos me acolheram nos seus braços. Esses poucos são humanos.

23/12/2020

REDUTOS

No eversor mecanismo do impulso, da vontade,
passar alguns minutos esquecido de mim
e do mundo que me indefine e indetermina,
venho tentar com as palavras reduzir a sensibilidade
a algumas frases que denunciem a humanidade
que me aflige, me enforma, me culmina.
Estou algures no tempo de um espaço quotidiano,
respiro lentamente ouvindo comovido o redor
a manifestar-se como uma festa compreensível,
reconheço as coisas que me cercam numa familiaridade
que perpetuo com olhares de reconhecimento.
Devo tudo ao tudo que se distingue do ser,
a vida passa sem grandes discursos benevolentes,
aufiro-a perpetrado por uma energia
que se arvora à difusa consciência da hora.
Não vivo um momento extraordinário, perfeito,
sinto contudo um certo apaziguamento,
como se estivesse finalmente liberto das dores
que me dilaceraram com pretextos da carne doente.
Sou um homem, repito apaixonadamente,
percebendo nesta assunção uma alegria amíntica,
um esdrúxulo contentamento, de quem soube
apesar de tudo sobreviver até esta idade desmedida.
Que me falta fazer? Fiz alguma vez alguma coisa
que me possa distinguir num afluxo mental
de todos aqueles que nascem sem comprovação
na arbitrariedade do real? Somos biliões de pessoas
apostadas em durar nos nossos corpos ínvios,
labutamos tarefas que nada nos dizem,
os felizes sempre podem confirmar uma vocação.
As vozes que se propagam nas esferas icásticas
do mundo parecem mais interessadas
na propaganda, na mistificação, na manipulação
daqueles, como eu, que não possuem um poder
onde se refugiar dos impropérios mais
ou menos aguerridos. Ouço pois as palavras viscerais
como redutos de uma resistência ao mal vulnífico.

24/12/2020

DIZEM

Qualquer coisa, talvez o medo, crepita dentro de mim, este corpo, como uma suspeita de que a morte ronda indefinida em busca de um sujeito sujeito às vicissitudes históricas que está vivendo. A doença infesta e mata. Televisivos testemunhos mostram que a cura chega pela ciência planetária, injeções injectam de um líquido outrora miraculoso os braços jovens e velhos da população dos países perclusos na sua riqueza e na sua geografia. A esperança esperou, dizem, concertados os esforços da investigação tecnológica nunca vista nos anais da história achou-se um processo para debelar o mal. O mundo emunda-se da doença que irrompeu na ignorância da humanidade, sabe-se ao certo o que é a natureza, e qual é a natureza do que nos invadiu e invade sem propósito? Desde sempre foi assim, dizem, resíduos de nada dissimulam-se em perspicazes máquinas de morte, eclosões de qualquer coisa que espreita na tessitura febril da natureza como um flagelo da crueldade. O real não dá tréguas. A realidade procura agora adaptar-se ao acontecimento e aos factos, quantos pereceram e perecem ainda neste surto do imprevisível? Imprevisível meu corpo sente o medo de estar vivo sem licença ou por acaso, que moral tirar da história tão contemporânea que ainda nem mereceu de ninguém uma filosofia ou uma sabedoria futura? Poder-se-á pensar um vírus? Albergar na memória uma lição que nos proteja dia a dia do inexplicável? Qualquer coisa se instalou no meu corpo, como expulsá-la?

30/12/2020

A NORMA

Passam os dias tão acrisoladamente certos
que nos é difícil perceber a incerteza
dos nossos passos, no roseiral duas ou três
rosas tentam resistir ao frio polar
que ciranda por estas partes do globo.
Conseguirão atingir a deiscência gloriosa
das suas pétalas, ou perecerão mirradas
sem nunca terem passado pelas fases
em que culminam na sua inescapável perda?
Olho-as e sinto quase o desejo irrisório
de bafejá-las, mas que calor poderia expelir
o meu corpo que as devolvesse breves
a uma naturalidade desdenhosa da natureza?
O vento frio que sopra anularia o sopro
dos meus pulmões, e depois as flores
não vivem de fantasias antropomórficas.
Não deixa de ser triste vê-las imóveis
e paralisadas sem o benefício de uma seiva
que ousasse escapar à lei do mais
forte, mas o inverno não convida a flora
a transformar-se em flor, estas duas
ou três rosas são quase monstruosidades.
Que deu à sua natureza para não serem
naturais? A vegetação contém em si
uma rebelião que a faz disparatar, sair
das estribeiras em que se alicerça a ideia
de uma medida, de uma harmonia,
de uma aceitação da fatalidade: cumprir
o que aparentemente lhes foi destinado.
Amo as rosas, mas não gostaria, devo
confessar, de ser uma rosa. A lei
é-me adiáfora. A leitura das coisas
que me rodeiam nem sempre é minha,
muitas vezes concorda com quem
não sou, esta natureza humana exposta
tantas vezes a uma condição tão
desumana que apetece perder a norma.

30/12/2020

CALENDÁRIOS

Fim do ano, dizem os calendários arbitrários,
e apesar das nuvens espessas que abarrotam o céu
de brancuras porosas e informes em deslizos
que comprovam um vento mais ou menos do norte,
o sol por vezes dardeja quente acariciando a terra
onde coloco imaginariamente os pés devolutos.
Dezassete graus de temperatura entre os tijolos
que fabricam prédios e neles os apartamentos,
num deles, escrevendo, faço de conta que vivo,
mentir não é assim uma falta tão grave. Ou não
deveria ser. Tanto que fazer, para quem está
despedido de qualquer trabalho assalariado, e eu
aqui, inútil como uma pedra, apregoando o real
com vicissitudes de uma realidade sempre aparente,
movendo-se no remoinho do tempo que ao passar
não ultrapassa a sua condição de tempo. Não vou
dizer nada deste espaço específico onde me acho,
mas achar-me não é outra mentira? Oscilo
pois neste vaivém que nem sequer advém ideia
ou mesmo um pensamento carente de filosofia,
oscilo vibrando como uma pedra arremessada
ao sol, esporádica tentativa. De quê? Não, não vou
dizer. Um pouco de mistério, mesmo se convulso,
ainda ganha adeptos nas hordas contemporâneas,
afinal de que vivem os homens e as mulheres
de hoje? Não vou dizer. Seria sempre um dislate,
prefiro ficar calado enquanto finjo que escrevo
este porisma tão desgarrado de qualquer livro.
Livre para dizer o que me apetece apetece-me
tecer um imbricado rendilhado de palavras
sonantes, mesmo se vazias de conteúdo. Importa
esclarecer quem nunca me lerá do que se passa
em redor? Há este sol e esta luminosidade avulsa,
fim do ano, dizem os calendários, para quê
adjectivar a tentativa de dar crédito aos ciclos
e às estações? Uma estética interrogativa arvora
estas palavras como se algures houvesse respostas.

31/12/2020

AS PALAVRAS

Ah, o sol, ah, a língua, e sorrindo sem lábios realistas
espraio-me neste rodopio caligante de areias vesperais,
tão bom sentir seus grãos em fantasias de toques
quase humanos, tão bom perder-me na impossibilidade
da imaginação, as praias tão longe da sensibilidade
de agora, de aqui, deste fúlvido e icástico instante.
Não, não me perdi. Acho-me. Encontro-me feraz
no conluio do silêncio com a consciência, eis a ciência
que me alaga de sugestões e de visões impróprias
para a minha idade. Há símbolos que pretendem urdir
presenças nesta falha da língua, esbarram contra
meu corpo como se eu fosse viável como um muro.
Há palavras que desertam o exercício desta tentativa,
não ir mais longe que o alcance do olhar, ficar
tão junto e perto que se possa apertar num abraço
o acontecimento que deblatera em tons quase musicais.
Um carinho enorme açambarca de sentimentos vivos
o tesouro de que ninguém fala, será uma faceta do amor
a máscara que atravessa esta predisposição túrgida
para o devaneio, para o sonho que cumulativamente
calcorreia o sentido quase impreciso de um inexplorado
vazio? Alguém vive em mim e eu não o sou, serei
por isso mesmo invisível aos olhares que vasculham
as palingenias do real, os fenómenos feéricos
onde a vaga história persiste em ser uma memória
falível e falida, se a expressão aguentar a facúndia
de um jogo que se transmuda em brincadeira
quando menos se espera. Ah, o sol, essa imagem
de um sublime depauperado pela contingência mais
contemporânea que outra coisa, ah, a vida, a vida,
e diante desta desastrada revelação a língua humana
de quem a usa abeira-se célere de uma emoção,
o corpo do amor arfa, o amor desentorpece o clangor
que brada aos céus numa disposição para o mutismo.
Onde se vive? Como se vive? Viver é só isto?
Incapaz de resposta as palavras apagam-se virtuais
como uma indecisão procurando abrir caminho.

31/12/2020

A ESTESIA

A pergunta é só uma: O que vai pelo mundo? E não se fica satisfeito com as notícias televisivas que se perdem ou desvirtuam em estereótipos de uma banalidade dita não só confrangedora como desmedidamente repetitiva. As nações com suas noções abrasivas parecem pensar que depois do susto a vida como foi poderá novamente ser possível, isto é, pobres e ricos continuarão a coexistir para felicidade do fado que perdura como uma natureza ou condição humana. Mudanças previsíveis para o globo? Nada. Alguns remendos, aqui e ali, mas o mal tauxiado na corrupção maquinal dos homens e das mulheres sobreviverá como um conceito ainda rentável nas explicações do que persiste. A terra esquecida, as convulsões climáticas ignoradas, as explorações da natureza vazias de um qualquer conteúdo contestatário. Tudo foi dito para que nada fosse ouvido. Sentir o sol no rosto parece ser a única saída. Sair deste discurso não é só uma desesperança, é o desespero de quem nasceu e vai morrer na pobreza das inteligências que governam o planeta sem ferro nem fogo, a demagogia tem a sua lógica e a sua população, manipula o estado de ignorância em que se encontram as comunidades planetárias. Há discursos diferentes do que aqui se evidencia no logro de um cansaço sem alternativa, a diferença é que não se faz real nem facto. Ensinam-se ou ensinaram éticas em educações sigilosas, sem uma estética nunca se chegará a lugar nenhum. A estesia terá que ser uma sensação de desconforto e de dor diante da existência do pobre e do rico, caso contrário o mundo nunca saberá viver uma verdadeira alegria. A falsa impera nos poderes que se governam.

31/12/2020

UMA OPORTUNIDADE

Qual porética solar, qual cegueira crítica, isto que aparece no que irrompe tão desprevenidamente em cada ficção ou fracção de frase nada mais é do que a necessidade de extroverter e exteriorizar a falta de sentido que gravita no fulcro da realidade como da acessória consciência de um homem. De um homem que escreve o que lhe acontece sempre em frente e sempre presente, mesmo que seja do passado o relato que faz com as poucas palavras onde se insere ínsito na insolúvel mediocridade de uma existência que nem sequer é votada ao votivo destemor de uma angústia ou de uma jubilação. As palavras exprimem experiências e acontecimentos, o que dizem não fala da história de uma memória que desertou o mundo e o seu incenso, cada catacrese cataloga o desembocar de uma impressão feliz ou infeliz, mas quem vive aí capaz de determinar a razão ou as razões de um julgamento perspícuo? Tudo revoluteia em indesculpáveis manifestações de opiniões e de convicções, eu penso isto, eu acho aquilo, eu estou convencido que tanto eu deflagra no aspecto sombrio das sociedades contemporâneas porque ninguém, no fundo, sabe o que fazer da sua vida e das suas obrigações. Que mundo a mudar se não se sabe o que é o mundo, nem o globo, nem o planeta, importa desmerecer a inteligência ou a sensibilidade com rodeios mais ou menos afectivos e sensuais perdidos zelos de uma mentalidade que não tem coragem de urdir outros planos e outras perspectivas para um futuro que fosse digno da humanidade? Somos todos homens e mulheres, vivemos, despedaçamo-nos em trabalhos ignóbeis, tarefas que não levam a nada, e esse nada seria a felicidade das populações. Quem ousa não sentir nem pensar para poder assegurar uma oportunidade visível às entranhas que se revoltam contra nossos corpos?

5/1/2021

UMA TRAGÉDIA

Esvoaça a tarde dissimulada pela luz quente
do sol, o prazer que é sentir no ávido rosto
a outra face do universo que se perde todos
os dias na indiferença das nossas acções.
Os afazeres desfazem-se em nítidas migalhas
estendidas ao longo do tempo surdo, os anos
passam no que sulcam de gelhas e de dores,
um corpo torna-se um delito, uma cava voz
deslizando aflita pelas intempéries obtusas
do pensamento inaudito. O que há a dizer não é
dito por ninguém, ninguém assume a sua parte
do desastre que assoma pelos míticos meandros
da experiência planetária, tudo é substrução
e desleixo e mudez, uma vida violada pelas leis
da cidade há muito morta no ocaso do acaso.
Económico o coração, tecnológico o olhar,
as forças vivas não compreendem a educação
que lhes outorgaria a possibilidade pervigil
de um outro mundo mais habitável, todos sabem
o que ignoram, mas o medo é uma tragédia
no pesadelo da mudança que se teme, que ideia
capaz de prever o caos e a matéria do futuro,
que disponibilidade para o real, que habilidade
para se evitar as ratoeiras do poder e do mal?
Ninguém se transforma em alguém no governo
de um sentimento, no inesperado vislumbre
de uma sensibilidade afeita à passagem afoita
da desmedida atroz dos tempos, ir mais longe
não cabe em nenhuma lógica nem faz mover
comovidos passos pelas areias do renovo.
Que resta da tarde? Será já tarde demais agora
que a história se divorciou da humanidade?
Não haverá mais saída? Ter-se-á que gramar
a vida ao diapasão da injustiça e da pobreza
que prosperam no mundo como um imundo
insulto alijado ao mar do insentido e da carne
onde se alojam sensíveis as esperanças vãs?

5/1/2021

O DESEJO

Mas o desejo é tanto de se fazer prazer em parques prazos da animalidade saudável, que gosto no gozo de uma imensidão de sensações alicerçadas nos dispositivos do ócio, do descanso? Vidas não são vividas na plenitude de uma realização ontológica, a civilização ignora a cultura dos passos, cada vez que se ouve uma canção demora-nos o sentimento de que algo não foi desvelado, um temor e um terror e um medo assaltam de inviáveis vicissitudes a possibilidade de uma linguagem que nos levasse breves à comunicação. Quem somos? Sumos de um deplorável fruto fruímos o presente ausentes de nós mesmos, que tempo nos ludibria, que espaço da terra se desmembra da terra até não ser mais que uma experiência de uma rotina intraduzível? Que sonhos nos povoam? Que sonos nos permite o giro metafísico do capital, esse mito alçado a deus a desoras? Livres exigimos do corpo todo o amor da liberdade, não será um engano pensarmos que a justiça é assalariada? Não será antes uma prisão tanto desejo de nada? Que dizemos aos nossos filhos, como acariciamos os nossos pais? Ainda há países na mentalidade do século incoativo? Para quê, se tudo é terra e a terra é planeta? Por que aceitamos a ilusória liberdade que nos prende às raízes da escravidão moderna mais ou menos contemporânea? Que tempo te subsume se não consegues eleger um corpo que te ocupe de nonadas, esses toques de dedos em dedos apetecidos, esses abraços onde a dimensão do prazer pode ser sentida como um inesperado desejo de outra coisa, isto é, de uma vida revelada.

5/1/2021

BLUES

Chris Smither entrelaça-se nos seus blues filosóficos
como se ainda se pudesse cantar um pensamento
enrodilhado em emoções tão céleres
que nem se dá conta do que acontece no instante
em que se ouve essa música despida de predicados.
A música pode ter perdido a sua musa, concedo,
mas ainda descobre ou inventa um homem
no corpo que se presta a audições disfarçadas
de uma sensação estética, embora não seja a beleza
que interfere na consciência, antes é o ritmo,
vou dizê-lo, profundo, que faz o corpo sentir a voz
de um perto distendendo-se em horizonte,
perspectivas de um presente solidificado em estase
rebelando-se contra o seu próprio conteúdo.
Deixo-me embalar por esses sons amínticos
e siderais, esplenéticos sentidos emergem em mim
como se eu pudesse ainda ser viável. Serei viável?
Lá fora, nas ruas adjacentes, ninguém.
Nem uma sombra de uma sombra, a paisagem
vista da janela contém nela uma premonição
obtusa, como se o mundo fosse acabar,
ou uma humanidade desaparecida, extinta, exaurida
na inclemência tivesse sido tragada na eclosão
de uma catástrofe há muito anunciada.
Ah, mas a música trespassa esses pesadelos
desfigurantes, há uma companhia na voz evidente
que transpõe a disponibilidade para um futuro
capaz de rever o passado com outros ouvidos
e outros olhos. Seremos capazes de aprender a vida
com uma compreensão diferente, haverá
uma lição a tirar de tudo o que se passa à volta,
haverá a coragem de se pensar e desejar um planeta
auferido por toda a gente, de uma vez por todas,
todos integrados num bem comum e amigável?
É a pergunta, tantas vezes proferida ao longo
dos séculos históricos, consciente de que os homens
e as mulheres nem sempre estão à altura desejada.

6/1/2021

AMORDAÇADO

Quando o silêncio quase abstracto
se acasala com o céu invito onde o sol
desespera por não chegar à terra com a luz
que incendeia de perspectivas a razão humana,
apetece tecer-se na consciência furibunda
uma teia de palavras, a rede do discurso
onde se possa saltar sem que o chão
nos esborrache numa morte miserável.
Inventa-se então uma lengalenga ávida
de espaço onde o tempo saiba desenvolver
uma estadia à altura da angústia inexplicável
que assola em assomos de um sofrimento
incompreensível. Frases libertas do peso
da história da língua assaltam então
o desejo de uma harmonia nos ritmos
que emergem sabe-se lá donde, a vida arde
numa convulsão de alegrias e contentamentos,
a experiência do segundo quase assegura
em quem se é um conforto e uma paz
condizentes com a respiração que se faz
sentir no peito anteriormente amarfanhado.
Estupidamente ouve-se dizer, a vida ama, a vida
é bela. Um sorriso absconso acaricia os lábios,
não se está só, pensa-se, e mesmo se não há
ninguém perto ou muito próximo, tudo
se confunde numa contemplação profusa
onde a confusão clarividente evidencia leve
a levitação do que de mais íntimo nos arvora,
uma companhia, uma disponibilidade abrindo-se
imo e acme, lugar por excelência da verdade
que nos tinge de uma realidade invicta.
Quando se atinge esse furo na estesia
dos sentidos e das sensações selvagens
compreende-se que mais alguém respira
pelos nossos pulmões, um ser que sempre
viveu ao nosso lado, uma possibilidade onde
se faz gente o que permanecera amordaçado.

6/1/2021

A EMBRIAGUEZ

Ébrio de uma hipotáctica bebida bispo no céu
um incoativo sol ocultado pelas nuvens altas
que esfriam este lugar da terra, meu olhar
deixa de ser meu, meus sentidos eclipsados
pela demora extravasam-se em dispêndios
de um sentimento ainda não catalogado.

Ignoro o que estou a sentir, sei que respiro,
que vejo, que ouço um silêncio assimétrico,
com as mãos quase suadas apalpo meu corpo
para ter a certeza que sou eu neste intervalo.

Árvores defronte da janela muda, seus ramos
húmidos balouçam concutidos pelo vento
fraco, onde estão as crianças que habitam
a escola? Não será a hora do recreio, receio
que não seja mais a hora para mais nada,
o país impedido de se extroverter em seres
mais ou menos humanos, que o optimismo
quanto à humanidade da humanidade seria
posto à prova pela história das civilizações.

Não sinto como uma violência a ausência
dos homens e das mulheres que costumam
desfilear diante do apartamento, às vezes até
penso que há um sentido obscuro na razão
de uma emergência, não se pode respeitar
as economias sem que haja uma economia
dos meios humanos, mas ousaremos desejar
que os que morrem e vão morrer nos saúdem?

A embriaguez da língua desflora o apogeu
do momento, quem a usa desta forma ultriz
não condiz com a gravidade da iminência,
haverá condições plausíveis para se anular
as precauções que o capital está apostado
a empreender nos mais variegados pontos
do planeta? O mundo, dizem os governos,
não pode parar. O dinheiro que substituiu
a alma é a essência metafísica e material
da dura sobrevivência. Falta saber de quê.

6/1/2021

A DEMOCRACIA

Uma caneca de chá preto bem quente
para afugentar o frio que indecoroso impera
neste atijolado apartamento, nem o sol matinal
consegue acalorar a dependência onde, estranho
de mim mesmo, assinalo a passagem do tempo.
Tudo é envolvimento, estar no meio pode ser
uma aparência e uma ilusão, mas isso importa
quando os sentidos nos entregam a realidade
de uma certa maneira? Ignoro se há mundo
ou se nos embrenhamos em abstrações
acomodatícias, a comunicação, essa sim,
é fundamental para que os homens
se entendam. Mais um gole desse chá
imprevisível, às vezes há soluções
para problemas que nos deixam felizes
e extáticos, parece, e há um salto prosódico,
que a democracia no seu berço moderno
está sujeita a turbamultas assanhadas
que em acções questionáveis abordam
a experiência dos governos contemporâneos
com uma leviandade inexplorada outrora.
Mas estarei a ser justo com o acontecimento?
Quem é essa gente que sai à rua e manifesta
o seu descontentamento, quem foi o instigador
dessas práticas sentimentais? Um capitalista.
Que relação poderá haver entre pessoas
comuns e muitas vezes de estratos ditos
ou percebidos como inferiores, os pobres,
e a riqueza individual de um mentecapto?
Em que ponto do real se juntam os ricos
com os pobres, que linha os une, que afinidade
no despalante de vidas tão assimétricas?
A democracia parece não fazer mais sentido.
Sentido o problema assim, o que há a dizer
dos factos televisivos que inundaram
de estupefacção o planeta e suas democracias
mais ou menos liberais? O dizer não diz nada.

7/1/2021

CRACIA VERSUS ACRACIA

Mas as instituições funcionam, mas as instituições funcionam, replicam os devotos do poder do diabo (essa cracia do demo, essa democracia), mas como explicar essas passagens da cracia à acracia, como muitos jornais intuíram em títulos que borraram as primeiras páginas? Verdade que disfarçando esse termo especioso com o mais corriqueiro, anarquia, o papão histórico. Funcionar, convenhamos, não é um verbo apropriado no apogeu da contemporaneidade, e instituição, como substantivo, denota o que conota, uma etimologia que não alegra as éticas que predominam ainda hoje. Há que refazer a cidade, dizem alguns especialistas, mas a polis grega não nos brindou, original e originária, com a instituição, o sistema policial? É difícil pensar a humanidade, foi difícil compreender que as civilizações vêm e vão, por isto ou por aquilo, muitos dizem, pela corrupção. Corrupção é uma palavra que adquire vários matizes em várias línguas, fértil de sentidos alaga as consciências das pessoas com paradoxos inexoráveis. O melhor dos males, disseram ontem, a democracia. O pior dos bens? É só uma pergunta que ascende ao raciocínio de quem não sabe reflectir. Os homens e as mulheres parecem não ser nem homens nem mulheres, qualquer coisa foge ao paradigma, há uma clivagem, uma intrusão, que necessidade temos de criar inimigos, adversários? Cada um pensa ou deve pensar pela sua cabeça, dizem, mas até parece que todas as cabeças pensam antagonicamente a mesma coisa. Porquê sempre a dicotomia, a dualidade? O vizinho não é um vizinho? Que distância separa o homem do homem? A emoção? A paixão? O visceral? O medo? É complicado, desabafa compungido o homem comum, sem saber o que fazer.

7/1/2021

REVOLUÇÃO

A música transporta os sons para todas as dependências do apartamento, viver assim não arrasta nenhum mal, passar de compartimento para compartimento deixa no corpo uma quase apetência de ancestral maravilha, mas é um facto que a rotina destes passos ligeiros não engendra nem o maravilhamento nem o sublime. Constata-se o esperado, as coisas e os objectos indistintos apelos para a visão, a audição continua a ser a da música de fundo, esse pano profundo onde se ouve a voz descortinar uma invenção do real como nunca foi possível na história das civilizações. É, pelo menos, a suspeita. O apartamento estirado entre a luminosidade do sul, o sol pleno batendo numa portada e em duas janelas, e o norte cabisbaixo e frio, obscurecido e sem dimensão, induzindo os passos para um regresso à deiscência material do sul caligante. A acção perpetua-se na direcção de uma tela acesa que espera de quem ciranda o estigma negro de sinais que possam absorver o momento desta icástica estadia, dizer o quê quando a música pervaga multisciente como uma abreviada desatenção do que acontece? Acontece que estou sozinho e sem emprego, dividir o tempo em actividades sempre foi uma sabedoria, mas agora, diante da língua que se insere no pano de uma superfície branca, um atónito espanto espalha quem escreve para os lugares mais inexpressivos da comunicação, os sentidos absorvidos na indelével contemplação de uma vacuidade que exige música capaz de ombrear com a música que se faz ainda ouvir. Será exequível tal exigência? Palavra a palavra, sílaba a sílaba, num sibilo arborescente tento fazer culminar o que me vai no corpo numa disponibilidade vígil, que estarei a escrever que não consigo deslindar um caminho e muito menos uma desfragmentação da consciência? Será linguagem o que se precipita da língua? Haverá um aceno e um conivente apelo na revolução que se imprime diante dos meus olhos?

7/1/2021

A REALIDADE

A realidade de ser não é real. Não me parece real. Aflito por não compreender o que o inconsciente ditou aos meus ouvidos, esbaforido pelo disparate, olho imensamente espantado o que ficou escrito, repetindo muito baixinho, até atingir o silêncio, essas frases descomuns, sensível ao desamor que súbito sinto pela minha transfuga existência. E a pergunta é sempre a mesma, mesmo se não formulada, quem sou eu? Ou então, eu não sou eu? Perco-me numa desolação desassossegada, era tempo, com a minha idade, de acoitar vivências, experiências, mesmo que soubessem a ilusões. Estou tão nu como quando nasci, morrerei nu na salubridade de um cadáver que nunca soube como morrer? Compreendo, as palavras acendem desconfianças nas metamorfoses por que passei, não me deixam alinhar uma história, suspeitam da memória, dos passados leitos em que o rio eu descansou longe das asperezas da vida infrene. A realidade de ser é verdadeira, contrapõe ferina a consciência ferida no seu orgulho, quem quer existir luta pela sua sobrevivência, uma loucura não abriga ninguém do sofrimento e do espasmo. A realidade de ser, a realidade de ser, canta eleita essa expressão inexpressiva, mais intuída, mais implícita, mais intrínseca que a verosimilhança de qualquer verdade que possa ser evidenciada. Onde estarei? Vivo ainda? Tenho família? Tive pais? Devo permitir, liberal que sou, o paroxismo do inconsciente, deixá-lo deflagrar em estultices obnoxias como se pretendendo assumir, arrebatado, o privilégio da inteligência, dos oráculos míticos, obsoletos? Ser não tem como ser, ouço uma voz veloz como um raio interferir no arrazoado grave que vou compondo, a intromissão corrompendo esta tentativa de um compromisso. Melhor pois deixar as coisas como estão, assim, inacabadas.

7/1/2021

POSTERIDADE

Uma ou duas salas de um pavilhão da escola
em frente arderam, o acontecimento ficou registado
em vídeo, não sei para que posteridade,
sei que vejo e ouço agora mesmo os miúdos
regressados ao local do sinistro, como se costuma
dizer. Que bom, replicar-se o costume
veiculado pela língua e pela timorata tradição.
Não sei porquê, eu que me embaraço nos porquês
alinhavados ao longo dos meus livros,
lembro-me desses que deveriam ser famosos
versos, pelo menos para a cultura literária nacional,
do primeiro poema do meu primeiro livro,
escritos talvez em mil novecentos e sessenta e sete:
“Sem camena não sei como poetizar a vida,
transfigurar o real em mito paradisíaco”, seguro
de que aquele *sem*, sinal de privação, é,
como dizer, fundamental para a leitura, isto é,
para uma tentativa de compreensão, da minha obra,
de todo um percurso mais talvez ligado
às vicissitudes da vida vivida que aos imperativos
propriamente literários e absurdamente poéticos.
Deveria, às vezes penso, perder algum tempo
a comentar os meus livros, já que mais ninguém o fez.
Se a minha escrita foi sempre o corolário
de uma leitura, por que não, da minha parte,
uma leitura do que ficou escrito ao longo dos anos?
Não seria interessante? Por exemplo, só eu
saberei e saberia explicar a intrusão daquele *camena*
inusitado e desusado, elaborando alguns traços
explicativos de não me ter servido do termo *musa*
muito mais comum nestes tempos exarados.
E que se revelaria muito mais premonitório dado
o caso da importância da música nos textos futuros.
A explicação seria psicológica e facilmente
autobiográfica, o que ainda hoje, ao que parece,
faz torcer o nariz de muitos críticos da nossa praça.
Há coisas que nunca mudam mesmo quando mudam.

14/1/2021

EXCEPTO

O mundo confina-se e define-se pelo aparente caos que organiza nas suas teias governativas, ninguém sabe nada de nada e todos, aparentemente, têm razão. Excepto os que falecem. Não ficam no mundo para poderem dizer as suas firmes razões. Sepultos sem indícios específicos da civilização onde viveram não se queixam da falta do protocolo. Algumas famílias deblateram em sofrimentos e lágrimas pela partida do ente querido não ter sido assinalada pela transcendência do evento, mas que fazer? Só há regras e tradições nos limites da possibilidade, mas agora é o acaso que dita as suas fantasias, a imaginação da natureza convulsa avulta de tal maneira no sentido das mutações que ninguém compreende muito bem o que acontece. O mundo deixa de ser mundo para advir mudo deslize de um tempo imprevisível, que maturidade se poderá encontrar no medo e na estupefacção? As casas são descobertas pela companhia que agora fazem, aspectos da sua aquiescência irrompem como transacções de uma economia desconhecida, “nunca me tinha apercebido disto”, dizem aqueles para quem os objectos foram sempre objectos, ciciam aqueles que nunca repararam numa porta ou nunca se deleitaram com o céu azul que se atrevem a divisar pelas janelas argonautas. Viver-se-á já num outro mundo? O presente tornou-se um futuro? O passado nada mais é que nostalgia vinculada a um despropósito? O presente é tudo o que há, isto? Ou é tudo esta parede terrivelmente branca em frente do olhar? Poder-se-á escrever nela algo que fique para a posteridade? Mas estas casas onde vivemos durarão mais do que uma fracção do tempo? Quem virá habitar este espaço defectível, que homens e mulheres ousarão sobreviver? Confinados a perplexidades existenciais devolvemos ao conflito que infesta uma parca inexperiência.

14/1/2021

A PASSAGEM

Não estar bem, como é agora o caso,
também é uma possibilidade de experiência,
uma ocasião para se ponderar até que fundo a fenda
do medo ou da ansiedade se entranhou na carne.
Mas que dizer atingirá o real fazendo-se
realidade, história, memória de um acontecido?
As palavras são firmes incisões no corpo
entorpecido pela rotina dos gestos escravos,
mas conseguirão ascender à profusão das emoções
que nos anavalham e estilhaçam? Muda
a língua que muda na sensibilidade que perpassa
como uma derisão do que foi, do conceito
que já não nos abraça? A cabeça não sabe pensar
uma resposta. Está demasiado ocupada
com as sugestões de uma apoplexia ou um desastre,
teme que o minuto seguinte expluda feroz
e ingovernável. Sobe a tensão, o antagonismo,
o fastio de ser, de ser alguém impondo ao mundo
a sua presença sempre precária, adventícia.
Que fazer? não é uma solução para nada, antes fere
no seu desassossego lívido, uma barreira,
um obstáculo obrigando quem respira a deixar-se
ir numa apatia incapaz de contornar a aporia.
Não haver nada a fazer, mas esperar devolutamente
que tudo se resolva na eclosão de um desenlace
caridoso é um motivo para uma intuição
anárquica, apetece pois ferir de encontro ao nada
o corpo que nos alarma de imprecisões
nefastas. Não se pode voltar atrás. Aguentar,
mussita a voz que crepita no seio da derrota amarga,
e entre a vida e a suposta morte vive-se o zelo
de uma escrita que nos desfigura num atroz meneio
de forças que se ignoram mas nos dominam.
Escravos da dor, impregnados de sofrimento, somos
antiquíssimas velas de um barco que perdeu
o seu mar, o seu rasto, a sua razão de ser imagem.
Imaginar um fim do tempo não é a passagem.

14/1/2021

CONTINUAR

Como continuar este delírio, viver, viver, passar pelo desejo de outra coisa que não o temor de um alor esfriando a vivacidade do olhar, a alegria esurina que nos enleva? Qualquer coisa desengonçada, um aperto na garganta, uns olhos ínvios que fecham o redor minam a esperança de um amanhã, cair no chão será tarefa para a minha idade? Nunca se sabe. Não poder estar fora, fora do fora, fantasma de mim auferindo o fim de uma aventura alinhada pelo sofrimento que me galvanizou a experiência terrestre. Devo continuar? O peito carcomido rola numa respiração desconcertada, a demora ressalta do incomensurável desconhecido como se não houvesse mais do que carne nesta sensação de uma hora que se perde. Devo continuar? Levanto-me, o corredor é um túnel inespecífico, leva-me ao norte do apartamento que me encerra, um frio espesso contorna-me o corpo, os passos que dou convertem-se numa consciência desflorada pelos requintes da malignidade. Terei que sofrer estes percalços no hábito com que me habitam e conspurcam, ouço exclamar o vazio de uma voz excruciante, não sou eu quem escorrega nesta maldição, nesta calamidade destemperada, outro há em mim que se desdobra em esquipáticos espelhos devolvendo-me espantalho velho para nenhuns pássaros. Não sei afugentar a morte que me lambe na língua proscriita em que me escrevo, sim, devo continuar? Para quê? Ninguém me ouve, onde estou, se não é o inferno, e não é, é um abstracto fogo que me afoga nas suas lâminas surdas, a distância entre mim e mim estraçalha-me.

14/1/2021

SEM BITOLAS NEM MEDIDAS

Plagio-me descaradamente como se não devesse nada à ideia que hoje se faz da literatura, mas no plágio que comprovo sinto-me seguro de que afinal sempre há uma identidade que vai aqui e ali sofrendo pequenas mutações sem destruir o núcleo de um centro afectivo, idiossincrático, temático, obsessivo. Sinto-me bem, sou eu que obviamente explano os mesmos traços do temperamento e as mesmas configurações das ideias que sobressaltam no pensamento, assim como das emoções que gizam a sensibilidade. Não olho agora para o lado, como tanta vez o fiz, mas olho para a frente, e a frente não é uma parede nua e branca onde destilo artística a representação de um mundo inefável. A frente é como uma janela, se não é mesmo uma janela, onde diviso o espaço-tempo que aflora trazendo até mim sensações e acções que aceito como manifestações do real buscando uma interpretação nas perspectivas relacionais onde instauro uma realidade. A minha, a dos outros, a dos eventos fugazes que perpassam fugindo à atenção púbia. Relaciono-me pois com o mundo, esse fundo de um mistério desvelado, sem me atrever a considerar a realidade que enformo a verdade, prefiro mil vezes a cauta verosimilhança, indiferente a filosofias e estéticas e convicções que viajam pelas idades julgando idiotas que trazem uma definitiva confirmação do ser. Tudo é história e tudo é interesse, achar um apogeu ou uma cimeira ou uma genialidade não é mais que fazer pouco da existência do que palpita em todas as obras que traduzem uma presença, uma vivência, a experiência de uma vida sem bitolas nem medidas políticas.

15/1/2021

O FUTURO

Os miúdos e as miúdas brincam no recreio, usam máscaras, mas nada os impede de ser crianças. Não é um espectáculo que assista, antes é a curiosidade de um velho vivendo agora longe da família, da filha e da neta. Meu próximo aniversário não terá os parques convivas a que estou habituado, felizmente há a mulher para fazer companhia. O futuro não tem cor nem lineamentos, adivinhar pode ser uma arte transcendente, não a possuo para poder dizer que acontecimentos virão saudar a nossa presença na terra. Em aberto está tudo, e esta deiscência não traz alegria nem paz. Que fazem esses miúdos e essas miúdas? Brincar é só um verbo, mas captar seus gestos a língua não o consegue, céleres esbracejares necessitavam de uma máquina de filmar, não a tenho aqui à mão. Em frente o recreio e a tela onde escrevo, insiro na luz que não é do sol, mas da tecnologia, certas palavras que sinto que não acertam no real como está a ser vivido e testemunhado. Sol, há-o, mas perturbado pelo passar de nuvens que nem sequer são soturnas. Deve estar frio pelas roupas que vestem, neste apartamento o frio viola qualquer música dos sentidos, a electricidade é cara neste país, a factura do mês anterior já me deu uma ideia cruel do que me espera se desejar ter o conforto de um corpo contemporâneo. O progresso sempre foi uma ilusão. Míticos subúrbios das gentes apartadas, o inverno não perdoa aqueles que não sabem enfrentar o medo, o medo de se abrir caminho onde não há caminho, mas apenas a esperança amíntica de uma solução dos problemas humanos. Nenhum futuro nos espera neste pobre país.

15/1/2021

CRIMES

Há qualquer coisa que tenho para dizer,
e isto dura há semanas, mas quando me sento
com a intenção de deixar escritas as revelações
que me obsidiam sem que as possa captar
com uma mão da memória, fico paralisado,
até mesmo triste, por a velhice se perder livre
de remorsos e de considerações escusadas.
Não faço a mínima ideia do que tenho a dizer,
mas sei que tenho a dizer algo, verdade
que nem importante nem essencial, mas algo
que quer existir e vir ao mundo da escrita
e está impedido devido ao falhanço infeliz
daquilo que ainda chamo de memória, não
possuindo um outro termo, uma outra palavra.
Servi-me de tantos vocábulos ao longo
da vida, espalhei-os em livros escassamente
lidos pela comunidade, não é indecente
o que me aconteceu, ter tecido rendilhados
parecidos com os que se fazem na vila
onde nasci, e daí natal, essa Vila do Conde
passada a cidade, o que não deixa de ser
uma contradição ou um disparate paradoxal.
Enfim, os contrerrâneos fazem o que podem
para serem contemporâneos, o verbo
poder atinge neste porisma um paroxismo
que se não me enerva conserva no estilo
de agora uma precisão absolutamente inútil
e desnecessária. Desconfio, devo dizer,
do poder, dos poderes, e quando se trata
dos poderes da terra ou deste mundo
fujo desgovernado para os recantos frágeis
de um isolamento que me permita viver
a parte de hominalidade que me cabe.
Nem sempre é fácil. Houve compromissos
que me deixaram um gosto amaríssimo
na boca, mas tive ou tinha que sobreviver,
e sobreviver obriga muitas vezes a crimes.

18/1/2021

O CORAÇÃO

A tarde de ontem magnífica, um sol epulótico vibrando no azul do céu como se fosse possível ao sol vibrar no conluio da minha visão com a sensibilidade quase física do corpo que nos sustém entre trabalhos que se levam talvez a cabo, talvez num continuum de gestos irmanados ao sabor da natureza que passa. Desde o almoço às primeiras sombras do dia não houve tempo para uma contemplação desinteressada, o fogo perpassava pelas canas abatidas um mês antes, mas mesmo assim verdes e sonoras nos seus estalidos estertorados denunciando o crime que eu e minha mulher praticávamos com um denodo testemunhável. Mas limpar aquela língua do terreno era um objectivo que acalentava obsessivamente desde há uns anos, só agora, confinados, nos demos ao labor de um desejo amíntico amarfanhado pelo decorrer do absorto tempo em esquecimentos que não auguram nada de bom, talvez, também, nada de mal. Não podemos ser melodramáticos. Viver não merece hoje uma tirada metafísica, muito menos transcendente, fiquemo-nos pelo fogo e pela dança de suas chamas crepitando na inefabilidade de uma música tão móvel que era o prazer que iluminava nossos olhos num encanto ainda inclassificável. Ontem foi um dia de cansaço. Terei idade para pegar numa enxada ou numa forquilha? O coração parecia às vezes tão alarmado como o fogo, e o temor não é uma palavra prescindível sobretudo para quem foi identificado, há muito, como um hipocondríaco. Parava, recomeçava, em frente o calor da fogueira, atrás o calor do sol apalpando minhas costas numa carícia que nunca vi descrita nos livros de antanho.

18/1/2021

NEGATIVE CAPABILITY

Não dá gosto depositar palavras sobre a nívea tela quando é um cinzento esbranquiçado que amortalha o céu e toda a atmosfera que envolve o prédio onde se vive. Dia para esquecer? Já está esquecido, possa ele perdurar as horas que lhe apetece. Felizmente que há um chorrilho de blues abrindo a tarde com alicerces de uma certa esperança, afinal a música é um consolo, desliza pelo tempo subindo e descendo tempos de guitarra que surdem no corpo como arrepios de uma felicidade ébria. Ouço, já que não posso nem desejo ver, o cinzento, essa cor terrível que faz ainda o elogio obscuro de algumas pensadas elites ajaezadas em fatos finos como comparações que perdem todo o propósito. O país esbarra no seu descontrolo subtil, ouvir os políticos actuais é tão deprimente que se sente até uma certa indecência nos seus lábios arredondados. Não sabem o que fazer. Em que pensarão? Evos de crises mais ou menos sanitárias explodem em exortações ao povo, mas o povo, eles ignoram, há muito deixou de existir, só há pessoas reais, e a persona da erudição, essa máscara, detesta desgovernadamente as máscaras mais ou menos higiénicas que poderiam suspender a acção oculta do já famoso vírus. A história do globo jaz edaz numa incerteza e numa capacidade negativa que faria pensar duas vezes Keats, se ele fosse vivo neste tempo e nesta época dada a impensáveis anacronismos. Fala-se mesmo da Idade Média que nunca foi medida nem mediana nos seus halos como nos seus cataclismos, a catástrofe emergiu como uma palavra possível, afinal o progresso não é, ao que parece, muito progressista, a vacina demora mais tempo a ser fabricada, penso eu, talvez abusivamente, que uma bomba atómica. O núcleo sempre foi um problema, este problema merecia todo um poema se eu fosse disso capaz.

19/1/2021

A CHUVA

Peço desculpa, ter vindo até aqui,
sem saber porquê, sentindo apenas
uma urgência, lançar-me indevido
na luz da tela do monitor, mas só
palavras emergem negras no branco,
agora sáfaro, que me seduz. Respiro
este nada que tenho para dizer, leio
o que vigora à minha volta, à frente,
a chuva cai desmedidamente dúctil
sem que se depare com uma medida
que traduza em língua a evidência.
E o vento lesto vergasta as frondes
verdes e molhadas das árvores raras
que o subúrbio acalenta, tudo o mais
são prédios, são edifícios, e precisas
ruas onde escorre a água essencial
que não alimentará nenhum vicário
rio. Haverá, apesar da sombra gris
que alimenta a atmosfera, resquício
de alguma beleza? Parece-me, hoje,
que o termo, o vocábulo, a palavra
beleza perdeu qualquer referência,
qualquer conceito, embora muitas
vezes ainda se exclame, que beleza!,
não sem se deixar de sentir um eco
do que passou, essa sensação quase
vital que fez parte da configuração
do mundo, da história, das culturas.
Ao anular-se a beleza, desapareceu
também a noção de fealdade, tudo
pode ser arte, dizem os artistas, até
o que fere os sentidos mais invictos.
Tudo se indeterminou, a alcançável
natureza como o artefacto, a palavra
eleita hoje é *indecidível*. Que ganho
para a humanidade com a insegura
perda de uma dicotomia? Ignora-se.

21/1/2021

APARÊNCIAS

Sozinho neste apartamento dilatado,
a manhã severa no seu nevoeiro genuíno,
sinto uma tristeza difusa impregnar-se
no meu corpo como um outro nevoeiro,
uma tonalidade quase afectiva, disposição
para me abraçar ao porisma com um fervor
que me deixa deveras envergonhado.
Afim sou um velho, não deveria
deixar-me invadir por sentimentos
que desfiguram as sensações céleres
que perpassam diante de mim edificando
um mundo ou a sua contrafacção,
que aprendi com o decorrer dos anos?
Nada. Não me incomoda o silêncio
aracnídeo que pervaga esta habitação
incapaz de se habituar à minha presença,
afim fui sempre um dúbio estrangeiro
em qualquer lugar da terra, as raízes
metafóricas que deveriam ligar-me
à terra nunca ousaram crescer nos veios
onde o meu corpo desflora a consciência.
Ou vice versa. Que sei eu? Identificar
o quer que seja não é tarefa fácil,
às vezes pergunto a mim próprio
se pertença à confluência do mundo,
se há ser em mim capaz de me denunciar
como a presença de um homem. Hoje,
nesta manhã indecisa mas profícua,
uma sombra insubmissa alerta-me
para o que poderá acontecer em breve,
terei coragem de dialogar com fantasmas
inexistentes, com tentações de tentativas
frustradas deplorando a vivacidade
de uma sensibilidade que não quer
sentir o que se passa em redor? Onde estou
nem é um espaço nem um tempo, onde
vivo vivo de aparências que não aparecem.

24/1/2921

MÁSCARAS

Vejo da janela que dá para o recinto
da escola com os seus pavilhões amorfos,
ao longe, no outro lado da sua periferia,
cabeças que passam numa fila indiana
quase ininterrupta, e pergunto-me atónito
o que se passará nessa rua adjacente.
Não sou capaz de distinguir as máscaras
do nosso quotidiano inadjectivado, sou
tomado por uma surpresa alucinante,
mas a curiosidade não terá uma resposta.
Domingo nos calendários mitológicos,
eleições na república da democracia
local, nunca votei para legalizar o poder
dos carrascos que servem as ambições
do capital. Meu dia, se houver vida e sorte,
será alguma leitura de poetas ingleses
mais ou menos românticos, duas ou três
horas de uma meditação recaindo no amor
das palavras que se espriam em poemas
então compreensíveis historicamente.
Não me faltarão os dois ou três filmes
que roubo à complexidade da internet,
essas imagens de uma contemporaneidade
instalada na ficção do tempo, histórias
que seria incapaz de alinhar, mas que dão,
mesmo assim, algum prazer aos olhos
míopes que se perdem na algazarra fútil
e inútil de uma azáfama que não leva a nada,
ou só leva ao nada de nossos destinos
destituídos e corrompidos pela angústia
do medo e da cobardia que nos amaldiçoa.
Soa quase como uma maldição impérvia
esta insensibilidade da época, o rictus
da indiferença coroa aqueles que fingem
uma cegueira perante a miséria negra
que escorrega nos meandros do planeta.
Nenhum voto mudará o que quer que seja.

24/1/2021

DESMEDIDA

Uma semana sem sol e eu desprovido da energia
que preciso para me manter vivo e em pé,
tudo em volta parece adormecido, o tempo evoluído
para uma paragem em que nenhuma aragem
da consciência consegue determinar uma acção
mais ou menos fisiológica ou meramente intelectual.
A sensação, estou perdido, onde vou parar
neste redemoinho de nada, que realidade alicerçarei
perante o amorfismo do real, e esquecido
de mim transporto-me para uma dimensão inusitada,
tacitífua, escorregando num espaço diluído
e numa comisseração indelével e irremediavelmente
irremeável. O que vai pelo mundo escapuliu
a qualquer ideia ou pretensão de mundo, o que existe
devolve a quem sou uma máscara indefinível,
trago comigo um corpo que me suporte, ou serei só
a dor que por vezes arvora o ínvio sofrimento
dos passados que visitei como se não soubesse viajar?
A pergunta crapulosa, onde estou?, ressurgue
como um apocalipse da contingência mais desenfreada,
palavras de dicionários nunca visitados excisam
qualquer desvelo de uma emoção ou de um abandono
escrupulosamente evitando o sentimento,
houve um homem em mim? Pareço duvidar. Há agora
alguém que possa ouvir este silêncio sombrio,
da ausência radiante desse astro que me abandona hirto
como se a morte não fosse mais um fadário?
Quando, nos limites do céu, surgirá novamente a luz
do sol e a sua presença benfazeja, preciso
de respirar, de absorver a quentura que me afaga todas
as vezes que o sinto palpar dentro de mim
como um coração dançando no perímetro arquejante
das suas válvulas celulares. Sol, sol, sol, ciclo,
repito desvairado e visceral, a canção de tal forma gasta
que a experiência da voz inaudita deixa de fazer
sentido no sentido perdido da desmedida teratológica
a que me presto no empréstimo de mim mesmo.

27/1/2021

ILUSÃO

E lanço olhos figulinos e mádidos todas as vezes que o sol parece rebentar com o manto de cinzento que encapsula esta parte da terra, uma alegria breve estremece nas minhas entranhas, ei-lo, ei-lo que vai aparecer, mas o desejo confunde-se com o amorfo clarão que não toma forma, o tempo passajando a esperança com o definhamento que tem lugar. Não foi ainda desta vez, suspira-se. Não há azul nesta abóbada tantas vezes pensada celeste, apenas uma lava esbranquiçada sem um começo nem fim à vista, apenas estas intromissões de um acervo de súbito calor que não dá para aquecer o corpo ou mesmo somente o olhar. Algo, qualquer coisa sonegada ou postergada, insinua-se na consciência, o que será? Saberei extrair da experiência que vivo neste momento preciso a precisa noção da realidade onde me perco, me transfiguro, me desvio, ou terei que permanecer para sempre afónico, inviável, eco do que não teve lugar nem tempo, ilusão de um ser icónico que parece desejar que a língua não o eleja a uma das muitas manifestações da representação estética e antropomórfica? Será que o sol, mesmo quando aparece, é um silêncio sideral sulcando o mistério do universo, a sua existência arbitrária e melancólica, como uma intrusão e um inviolável ataque? E que tudo o mais é só língua e linguagem de homens e mulheres que não compreendem nada de nada no torvelinho e no turbilhão onde afloram como manifestações sagazes de uma interesseira teimosia em dar consistência ao que se esgueira pelos dedos, mesmo que estejam enclavinhados? Será que o sol é só solidão longínqua abrindo-se aos mundos e à terra em explosões de luz amena mas incapaz de uma amizade, de um zelo, de amor? Que relação pois a minha com esse astro inefável? Apenas um engano? Aturdido pelo pensamento abandono a janela com a sensação de ser um órfão.

27/1/2021

A SEDUÇÃO

De rastros, rastejando por onde não há chão
nem uma superfície abstracta, pretendo abrir
caminho no sofrimento da minha vida, o sol
desaparecido, a cabeça tresloucando dores
que não podem ser evitadas. Olho boquiaberto
para a incisão do real, vejo coisas específicas
misturando-se aos objectos que não abrigam
nenhuma possível sensibilidade. A casa arde
numa metáfora risível, a língua aspiciente
tortura em convulsões avulsas a consciência,
que atmosfera é esta que me desvirtua cego
na imensidão de uma miséria sem solução?
Rastejo pelos olhos míopes até às periferias
do redor, há palavras que se furtam à tradução
do que sinto, que sinto? Isto é algum caminho
que abro, ou só a ilusão de que com armas
da malícia e da inteligência consigo mesmo
assim sobreviver, nulo de esperança, um rasto
do que resta da aventura que fui descobrindo
com o tempo de vida? A quem interrogo? Há
aí alguém que me ouça? Nem a música hoje
prospera neste espaço da alucinação orgíaca,
o silêncio devolve-me a respiração, é o arfar
que me arqueja um diálogo comigo mesmo?
Serão apenas ruminações estas inexoráveis
reflexões, estas incoativas meditações, estas,
como dizer, percepções da presença carnal
que mal me cabe? Caibo dentro deste ocluso
sofrimento, não sentir a luminosidade mais
ou menos acusmática que me tempera o dia
a dia num absorver de mim mesmo lançado
ao acaso da sorte e do mais adstringente eco
da contingência, essa mão que me acaricia
num ciclo que me absolve do medo mádido
que me empesta de perplexidade e de nudez?
Serei, ou estarei condenado a ser, a sedução
hipotáctica de um discurso que não desvela?

28/1/2021

DIÁLOGO

Não posso dizer que seja a tristeza
o que me trespassa, afinal sempre houve dias
desprovidos do seu sol, mas que palavra
saberá traduzir o que sinto, como não me chega
à consciência o sentimento que me abre
a este eclipse, a esta elipse, a este silêncio pleno
de insinuações grávidas? A inexpressão
tolhe-me a capacidade de inventar uma palavra
derivada do seu esplendor etimológico,
será que nunca foi sentido este acmástico ruído
de um sentido que se furta à inexorável
confrontação da língua que me serve de suporte
e de hábito? Deixei de habitar o possível?
Não há memória dentro de mim que me liberte
desta suspensão, não há história plausível
de quem tenho sido dia após dia, inconcludente?
Não é a tristeza o que me assalta, o termo
que emprego é apenas uma catacrese, uma coisa
que gira e gravita em círculos abissais, eis
que roda expressando todo o tempo do universo,
sem origem nem fim, uma excrescência,
talvez um meteorito, uma luz cintilante que cega
a consciência ao ponto de anular a ocasião
que me poderia talvez salvar. Sinto-me atordoado
com este cerco vulnífico, vitupero a hora
como se nela coubesse uma demora para a raiva
que se perfila nos meus nervos enjaulados,
impensado penso que talvez fazendo tempo, esse
delírio intempestivo, porque ninguém o faz,
talvez consiga alcançar o que não está nem estará
ao meu alcance, a deiscência transponível
de um verbo capaz de se consubstanciar na palavra
que me falta. O real impede-me qualquer
realidade. Não há diálogo que me abeire da ignota
verdade. Se fosse ao menos verosímil, aqui
e agora, o que escrevo, talvez esta tristeza inulta
soubesse encontrar um caminho para o nada.

28/1/2021

TEM QUE SER

Tem que ser, mulher e eu temos que ir até ao terreno,
passando pelo supermercado, tem que ser. Sentimos
a falta da vegetação, das árvores, de passear,
mesmo com este tempo ignominioso,
por todos aqueles metros quadrados de terra.
Um nevoeiro opaco, uma humidade tresloucada,
que se lixe, este fim de semana tem que ser.
Tem que ser. O apartamento, sempre acolhedor,
apesar do frio, mas há roupas que o contrariem,
adquiriu os seus limites. São apenas dez quilómetros
a fazer para se chegar ao campo, no meu automóvel,
uma passagem para uma outra margem, dizia
a canção, agora digo eu, preciso de ir ver
como estão as roseiras, as plantas nos seus vasos
à espera de ganhar raízes, as estacas dos marmeleiros,
da vinha, os enxertos, preciso, precisamos,
e onde não há humanidade, como no terreno,
não há vírus. Tem que ser. São apenas duas noites,
domingo à tarde regressaremos ao apartamento,
duas noites com aquecimento central
e o calor do recuperador dilatando-se na sala
de estar, já que não entra nos quartos.
Para que quero o azinho que comprei ano passado?
E depois, trabalhar a terra foi a ideia que irrompeu
nas nossas preocupações, fazer uma hortinha,
plantar vegetais, cenouras, couves, tomates,
sei lá, voltar à terra que sempre nos alimentou
quando se tem a gentileza de a amanhar com carinho.
Carinho, a palavra ressoa aos meus ouvidos
como uma revelação daquelas antiquíssimas,
disse-o tantas vezes, estupidamente talvez, a vida ama,
por que não amar a terra com denodo e esperança,
fazendo da natureza a nossa natureza,
mesmo se me cheira a idealismo o que arvorou
neste discurso expressamente feito para meu bem.
Caros senhores e caras senhoras, vou furar
o confinamento. Felizmente que ninguém me ouve.

29/1/2021

A DOR

A chaga do lado, invisível como todas as chagas,
oferta-me dor quando bem lhe apetece,
um sigilo nas entranhas que vivificam o corpo
quando a saúde não chega mesmo a ser desespero.
Que estou a dizer, que não faço sentido?
O sofrimento da carne é-me tão visceral
que não precisa de uma língua para se fazer sentir,
esviscerado não sei se seria capaz de viver
um minuto que fosse na pacacidade adquirida.
Que raio estou a dizer? Foge-me para longes
hermenêuticos a urgência de apagar num supetão
este remoinho de dor não só carnal como insciente,
estarei consciente de alguma morte real
que me espera no fim do impérvio caminho?
Mas eu não vou por nenhum caminho, a estrada
inexiste, abro apenas alas por onde penetro,
seguro que nenhum fim será alcançado
enquanto estiver vivo. Mas poderei viver com a dor
persistente que não claudica nem esmorece,
este medo intelectual que é sentir dentro de mim
um fora que me alaga de desprezo e irrisão?
Consultei especialistas, fizeram-se exames,
nada, nada de visível interrompe como um cancro
a saúde que deveria experimentar, mas a dor
ora amorfa ora aguda leva-me a uma acuidade triste,
este desejo de desaparecer do corpo,
evoluando pelas ilusões de climas periféricos
onde poderia encontrar a alegria que tanto me falta.
A dor expulsa-me de uma identidade
e de uma cultura, é uma verruma introduzida
onde menos me sei ler, um dedo maldito
introduzindo-se na minha carne como se deuses
imprevistos se disfarçassem de cutelos
ou mesmo de facas apontadas ao meu fígado.
Não, enganem-se, não sou Prometeu
nem nunca prometi nada que fosse outro que eu,
nunca o fogo me iludiu ou atraiu. Traí uma vocação?

1/2/2021

A PERGUNTA

Horas que me insurjo contra mim mesmo,
e a pergunta adíafora, que tenho, que tenho,
o que é isto? Num sofrimento extemporâneo
e convulso pretendo ignorar a dor vulnífica
que não me larga, que é isto que a ciência
não é capaz de desvendar perante a alerta
que lhe lanço? Não sei o que ser, viver vai
decompondo-se num medo matreiro sugando
quanto sou do que sou de homem envelhecido.
Estarei a viver a minha morte no específico
espaço de um corpo, nos primórdios nocentes
que me levarão à explosão de um fim iníquo?
Ou é só sugestão o que sinto, uma mordaca
alveolar impedindo-me da alegria de um lar
que gostaria de partilhar com os meus, entes
de tal maneira queridos que nem ousa partilhar
com eles o que me aflige. Preocupados estão
já com o acontecimento que acomete o mundo,
todos os dias torturados pelas notícias mais
televisivas que o jornalismo consegue criar.
Morre-se de qualquer coisa. Qualquer coisa
arde cenosa no meu ventre estarecido, ter
consciência da dor não é uma dança detrusa
dos sentidos, fazer mais exames será talvez
uma solução. A vergonha que sinto, passar
novamente pela medicina como quem passa
de mão em mão numa pobreza imprevisível
e imprevista, incomodar desesperadamente
os diagnósticos estabelecidos, pôr em questão
o que a maquinaria hospitalar trouxe de bom
para a descoberta das convulsões doentias.
Nenhuma terapia me salva, nem a porética
de uma escrita alarmada me suaviza a ânsia
que de tão sentida não faz mais sentido: sou
um amálgama sem paradigma, um enigma
sem possível decifração e que só encontra
a sofreguidão de um sofrimento insepulto.

1/2/2021

UMA FAMILIARIDADE

Mas não haverá nenhuma beleza nestes dias dessolados, ou, senão a beleza, pelo menos uma sensação de perda, sendo que esta perdição não é negativa nem desoladora, antes, ao se perpetuar dia após dia, configura uma luz peculiar, uma penumbra dolorida, um crepúsculo líquido onde nos sentimos eclipsados pela materialidade lívida do que é e nos envolve em acenos de uma familiaridade a que não estávamos há muito habituados. O sentido deste sentimento ou desta percepção dissolve-se ctônico nos sentidos do corpo que nos assegura uma existência, ilude-nos talvez com carícias nunca conhecidas do coevo catálogo onde chafurdamos à procura de uma novidade. Os passeios húmidos da rua em frente passeiam diante de mim como uma concorrência inopinada, desmentem um qualquer irrealismo que possa subsumir a arte visual que nos catapulta para encenações de real que nos deixam muitas vezes confusos ou indiferentes, sabendo assim distinguir o que nos é apropriado quando a implícita desordem ou o inoperante desregramento do insentido se instala nas nossas consciências como uma catástrofe. E digo, continue pois a surdir no horizonte a factual falta de horizonte, o perto tem a sua atracção, deveria aliás ser sempre o nosso convívio e a nossa companhia, que sol não nos abrasaria em cinzas se tentássemos cegos aproximarmo-nos, num desvelo de uma paixão sensual, do seu estúpido fulgor e sua inebriante incandescência? Um apaziguamento acalenta estas meditações medidas pela truculência de uma inesperada sabedoria, a velhice conterà em si, como dizem, proporções de uma alegria que a juventude jamais compreenderá? Tudo é branco acinzentado neste nevoeiro alto e compacto, felizmente não possuo uma alma para comparar incomparáveis. Nem o que se desenvolve dentro de mim é uma ideologia débil propondo à minha sensibilidade uma dor ou o sofrimento. Não vale a pena sofrermos o real. Antes fazermos, férteis de esperança, da sua crueldade um abrigo onde possamos ser, no conflito da sua diversidade, a diversidade humana.

2/2/2021

SER

Entre o som de trás, de um blues traumatizado,
vindo do outro lado do apartamento frio,
e a visão do que a enorme janela me dá a ver
quando levanto a cabeça, pois estou atento ao teclado
que me inspira a escrever palavras servindo-me
das suas letras, entre é onde aparentemente estou.
Não está mal nem está bem. Não estou mal
nem estou bem. Estou como sempre estive, entre,
quando não estou envolto por todos os lados
numa atmosfera que se revela quase uma inescapável
fera, para sintetizar o que pretendo dizer.
Não pretendia dizer nada disto, salvo que ouço
os blues deslizando sensuais pelo começo da tarde
em certo sentido, nem por isso sentido,
incarácterística. Não me perguntem porquê.
Nem me perguntem o que estou a fazer aqui, para lá
de estar a escrever que estou aqui, este aqui
esperando um alcance filosófico que sou incapaz
de elaborar e muito menos de desenvolver.
Mas este é o estado de coisas. Ou das coisas? Ignoro.
Em frente a imperturbável escola, apetece-me
acrescentar, deserta, mas que tem a ver o verdadeiro
deserto com tudo isto? Isto é um subúrbio
onde pontifica um edifício e nele um apartamento,
e dentro dele, escrevendo, eu, como não podia
deixar de ser. Até podia, bem pensado.
Deixar de ser, se ser fosse um conceito disponível
nos dias que correm. Não vou debruçar-me
sobre as aventuras do ser nos dois últimos séculos,
outros o fizeram e não foram, ao que me dizem,
por isso mais felizes. Feliz, era o que eu gostaria de ser.
Não sei porquê, pois essa palavra enigmática
aponta para tanta coisa da vida íntima das pessoas
que posso estar a incorrer num erro catacrético
ao empregá-la assim tão superficialmente. Só nos blues
que ouvi ao longo dos anos tive a possibilidade
profusa de ser profundo, se faz sentido dizê-lo assim.

2/2/2021

FRONTEIRAS

Obscurecido pela pouca luminosidade que penetra neste quarto onde estou, embora a janela e eu estar junto dela seja um facto incontestável, procuro não sentir o que me é fora ou exterior. Basto-me em quem sou, cicio álalo e pervígil, mas será verdade ou antes uma ilusão que pretendo concoctar no mericismo de mim mesmo, um eu sem predicados embora impregnado das vozes mais díspares que a anódina humanidade já imaginou ou auditou. Imaginar que sou um homem iludiu durante anos ou décadas este eu, evo e coevo ao mesmo tempo, se me pode permitir a assunção que faço de mim mesmo, de mim outro. Obscuro sou um desejo sem concebível finalidade, o prazer jaz como um oásis deserddado pela sorte, afinal a vida sempre teve um começo e um fim, não me parece que a morte seja um desejo ou prazer realizável nos domínios implausíveis do corpo. Morre-se sem identidade como se viveu em fortuitas noções de identidade, a ilusão sempre ébria escolhe fímbrias de delírios férvidos, um espelho refluindo ao invés falha nas coordenadas da história pessoal, ir por ali foi acertado, ficar por aqui traz algum ganho? Nunca se sabe, isto é, nunca se soube. Agonia é uma tez tanto obscurecida como iluminada, é uma imagem repudiando o insensível tempo onde se desflora a existência. Do espaço nem se fala, esquartejado em fronteiras deplora o planeta terra.

2/2/2021

ESSA PROMESSA

Cansado dos afazeres domésticos, lavar com água a ferver varandas não é, penso eu, tarefa para um gajo da minha idade, sobretudo quando as varandas acumulam o lixo que desce, não do céu, mas dos andares superiores, ou, se quisermos, de cima. Para mim é tudo igual. Frase ambígua, às vezes deixo-me cair nestes desleixos semânticos, digamos agora que tudo isto se deve ao cansaço que se avolumou no meu corpo e também na consciência. Verdade que ouço blues uns atrás dos outros, até poderia dizer quem está a manifestar-se neste momento, mas qual o interesse? São blues, e isso chega. Cansado. Isto de se ser velho é uma chatice, o desejo é fazer coisas, levar a cabo certas tarefas, mas o corpo falha. Falha. E está tudo dito. A manhã despertou fria, as nuvens não se cansam de palmilhar o céu profano, se fossem humanas talvez, e é sempre talvez, não fossem tão dúcteis na sua viagem para lado nenhum. Brancos podres, esponjosos, disseminados em filosofias baratas que não convencem ninguém, nem da sua utilidade nem tão-pouco da sua beleza atmosférica. São outras, mais escuras, que trazem chuva, não estas esbranquiçadas e sem o peso das gotículas fundamentais para a terra. Terra, vou trabalhá-la esta tarde, no terreno, tanto que fazer para que a primavera transporte consigo algumas flores, alguns frutos. Se o vento do norte, cáustico, não deitar abaixo essa promessa. Poder-se-á ainda viver de promessas? Com a idade provecta onde me refugio ainda posso consentir-me ilusões? Há sempre uma esperança, mesmo quando não há.

5/2/2021

LIBERDADE

Cicia-me Bob Dylan no seu já famoso “Murder Most Foul”, enquanto conduzo o automóvel para Sintra rodeado de cinzento e de chuva, “Freedom, oh freedom. Freedom cover me, I hate to tell you, mister, but only dead men are free.” A quem o dizes, amigo, como se eu não soubesse, como sei que um homem morto não é já um homem. É um cadáver, um corpo isento, uma coisa para ser queimada ou para apodrecer, como a ideia de liberdade que ainda impera no mundo. O que há, no mundo, é a servidão consentida, algumas migalhas caindo nas cabeças cansadas de biliões de homens e de mulheres, as crianças educadas para produzirem. Liberdade, que eu veja, só a do capital, tudo o mais são cantigas. Não como as tuas, quase sessenta anos de operosa tarefa oferecendo visões mais ou menos reais do que foi acontecendo. Disseste tantas vezes, cantando e musicando, não deveria haver liberdade para se explorar os outros, disseste aos liberais que o mundo poderia ser diferente, infligiste golpes fatais contra a corrupção vigente na democracia onde nasceste e tens vivido, cantor de causas que efectivamente nunca foram ouvidas pela maioria que faz um mundo, poucos, como eu, sentiram que a tua voz não era despicienda, pelo contrário, denunciava a tragédia que dizem muitos historiadores ser impossível nos nossos dias, remetendo-a para Grécias antigas como a erudição. E no entanto, parecendo paradoxal, nunca ouvi tantas vezes a palavra comunidade como nessa América onde vivi oito anos da minha inexorável vida, era um engano com que as pessoas se iludiam, era um costume vindo sabe-se lá de onde quando o onde perdeu há muito um lugar e a necessidade de tempo? A terra povoada de tribos, na sua diversidade ambígua e traumática, dispersa pelas fronteiras humanas que a dilaceram em divisões pueris de um medo infeliz, não pode conceber a importância da liberdade.

7/2/2021

ANIVERSÁRIO

Aniversário cabisbaixo e boquiaberto,
debuxo dedáleo de um “que poderia ser, se”, se
a família não se reduzisse só a duas pessoas,
a minha e a da minha mulher.

Filha e neta e genro reduzidos neste tempo
hematóide e viral a uma distância,
a que separa facciosamente as nossas casas
inermes. Não é o fim do mundo. É o fim
de um hábito, de um costume, de uma tradição?

Espero que não. Há uma velhice
que gostaria de sentir a companhia dos seus,
pungente sentimento um pouco estiolante,
mas poder-se-á pensar que haverá
mais ocasiões para estes festejos eufêmicos
quando a idade avança irremeável
e proterva? Até quando viverei? Estar
vivo como estou não é já um ignavo espanto?
Uma maravilha histórica? Alguma vez,
depois de crescido e sofrido na carne psíquica,
imaginei que poderia atingir, assim,
tão visceralmente, os setenta e tal anos?

A senescência foi já um poema escrito
quando tinha uns vinte anos, lembro-me agora
do seu conteúdo? Vou ver. Vi. Nada a ver
comigo nem com o dia de hoje.

Tratava-se de outra senescência, li,
“de um mundo tábido” (o que quererá dizer
tal adjetivo?), não prefigurava a idade hiante
que se avolumou no meu corpo
nem na minha consciência anfigúrica.

Anos não se fazem nem nunca se fizeram,
antes passam desgovernados pelo acaso
e pela contingência. Porque faz sol
poderei dizer que o sol me quis brindar, cadivo,
com a sua presença? Terei nele outro
membro da família, um irmão, hoje saído
da obumbração cenosa de um céu enublado?

8/2/2021

PROFILAXIA

Um sol adumbrado na sua profilaxia ábdita
vagueia taciturno pelo vígil céu consumido
de nuvens altas disparadas para um túmido fim
de tarde que poderia muito bem ser diferente.
Quem se importa hoje com o bem? O tempo,
pelo menos o atmosférico, está sempre, dizem,
para além do bem como do mal, sua filosofia
não é responsável pelo desgaste que causa
nas populações da terra quando se atreve
a cobrir partes do planeta de um cinzento
hiemal, percluso, verrumoso, se é que este
adjectivo existe na cordura dos dicionários.
Há sempre a esperança que exista sédulo
o que nos irrompe na consciência invejável
onde muitas vezes navegamos indiferentes
a escolhos e escolhas, se não há o que não há
tem que haver uma possibilidade para que haja
o que poderá agir no mundo da significação
e da actividade humana. O que é o presente
se não o futuro a deslizar para o passado?
A premonição a advir memória? Vive-se
entre essas duas dimensões do real, dizer
que há muita escória na história dos povos
como dos indivíduos é desejar do mundo
o que a humanidade do homem não poderá
nunca dar: uma verdade, uma reconciliação.
Sejamos multiscientes, tenhamos a coragem
de não obedecer a nenhum destino, o fado
é um fardo intolerável para a consecução
de uma liberdade que nos aproxime de veras
das coisas que enxameiam as nossas casas
e nossas meditações cunctatórias, do astro
que nos ilumina nos dias de perseverança,
desse sol tantas vezes solitário e solidário,
não façamos um deus, aceitemo-lo inumano
e vital como uma ajuda para o que der e vier
na prossecução figulina de nossas existências.

8/2/2021

MOMENTOS

Não, já não refocilo nas palavras como outrora, agora deixo-me ir numa complacência ambígua e talvez ambivalente, não digo que não, agora passeio eucrásico pelos limites da contingência, testemunho da farragem de sentidos que aspiram a emoções que me são, desde já, desnecessárias. Porque sentir é bom. Penso que já escrevi algures esta frase, mas importo-me pela repetição? Não. Afinal não podendo fazer nada do dia de hoje, vi esta possibilidade, entreter-me displicentemente com a língua, muitos dirão, materna, nunca senti uma verdadeira matriz em nada, tudo zangarilha à minha volta como se eu fosse um centro viável. Detesto a ideia de centro, confesso, mas o contexto é que determina o valor de uma palavra, disse há muito um filósofo. Ou um gramático? Grama-se esta falta de memória com uma burilada sabedoria, sempre detestei os adjectivos, mas quem como eu ama a fruição do real, tem que se atirar no abraço dos acontecimentos sem medo, mesmo se, vezes sem conta, se sofre a crueldade do que é estando a ser. Por mim, devo dizê-lo, estou a ser alguém que escreve diante de um monitor diante da janela que dá para as redondezas, estranha palavra, não é, esta última, cheia de imperativos quase sexuais, como se houvesse na sua textura um cupidinoso desmaio dos nossos sentidos mais íntimos. Agora que cheguei a este ponto, voando na alistridência de sonoridades difidentes mais do que escrevendo na apologia de um chão terrestre, não sei, deveras, como continuar, suspenso em imaginações vazias espero que o peso do meu corpo me faça tombar como quem cai na real, mas o real vasculha breve uma profusão de realidades acessíveis às dádivas da compreensão, quem poderá viver sem a segura afirmação da segurança, quem ousará ler o nada que edifica tantos momentos que nos desvanecem?

9/2/2021

TUDO

Pronto para mais um porisma, ouço-me dizer,
cheio de vitalidade, as palavras fluindo na tentação
de significarem qualquer coisa de vivido
e de real, que se passa no que passa por um mundo,
é a pergunta, mas a resposta já foi tantas vezes
dada. Não vou falar do mal nem das encenações flébeis
de políticas que sobressaltam as sociedades,
tudo é vigente, o vulnífico e o vulgívago, a imensidão
tácita de propostas que se evidenciam hostis
ou inóspitas não suportam muitas vezes a intensidade
de um sofrimento e muito menos de uma dor
que penetra no corpo inseguro das comunidades
mais ou menos terrestres onde bambaleamos sem rede.
Golpes de estado? Onde? Guerras e guerrilhas?
Onde? Pobreza esviscerada? Onde? Tudo
parece ocorrer como se houvesse verdadeiramente
um tudo, onde está, que não o vejo? Apreender
será a mesma coisa que compreender? Quem, falando
agora seriamente, compreende alguma coisa?
A vida leva-nos pelos acasos das convulsões ilícitas,
traz-nos alegrias como tristezas, às vezes
fere-nos tão descomunalmente que pensamos o fim
como uma consolação vinda por bem. Bem
se pode fingir que não se vê, mas as coisas entram
tão selvaticamente nos nossos corações aflitos
que de balde nos escondemos da pressão dos eventos.
Ventos de desassossego são imagens, também
há metáforas para quem não está desiludido
com o correr do tempo, a história, a história, suspiram
os especialistas do comentário televisivo, escória
deixou de fazer parte dos dicionários contemporâneos.
Há, sempre houve perdas, mesmo na perdição
onde às vezes nos sentimos sepultos, será que vivemos
ainda ou tudo, afinal, é uma ficção graveolente?
Ignoro. Por alguma coisa não sou um poeta
nem um filósofo, serei um homem? Ser, ser, a língua
não sabe dizer mais nada? E o mundo, que sabe dizer?

9/2/2021

APARENTEMENTE

Poderia deixar de vir aqui, a este conforto
de palavras, testemunhar este finalmente sol
que se expande em luminosidade numa metamorfose
atmosférica que me deixa num estado de jubilação?
Poderia ser ingrato esquecendo-o ou iludindo-me
ao pensar que poderei viver sem a sua presença?
Um convívio é a coisa mais linda que pode acontecer
a quem vive sem preconceitos e aceita dos outros,
do sol, por exemplo, as suas razões e os seus devaneios.
Divago pois debaixo desta tonalidade efectiva
culminando na afectividade que me dispõe a sentir
como um mundo esta região do planeta, pena os homens
e as mulheres não estarem presentes com suas falas
e seus anseios, pena não ver as crianças da escola
brincando em recreios que aturam as suas impertinências.
Mas o sol, que é tudo e é nada, menos um ser humano,
não deixa de me humanizar num sentido inequívoco
e policresto, meu corpo não se podendo abrir
numa desmesurada ferida consente que o coração
metafórico sinta a alegria de uma companhia
e de uma disponibilidade, e embora ninguém
me possa ouvir, digo, estou aqui, estou aqui, e este aqui
não é um enigma nem um mistério nem uma voz.
É um apartamento aparentemente apartado de tudo
quanto passa e fervilha de azáfama, mesmo se hoje
o que nos aceita como humanos seja um confinamento
felizmente, espero eu, provisório. Porque tudo
é provisório é que se poderá alcançar a esperança,
de que tempos melhores saudarão aqueles que não querem
morrer sob o império dos interesses daqueles
que não sabem viver, ou pensam que a vida é acumular.
A vida, quer se queira quer não, é desgaste e perda.
Não há mal no que há e é, é assim, nós sempre o soubemos
quando víamos os nossos avós e pais desaparecer
do nosso convívio, quando sentimos que até as memórias
esvaecem com a passagem do tempo, um passado
passado a limpo no esquecimento de nós mesmos.

12/2/2021

IMPULSO

E este desejo, talvez insano e estreme, não querer estragar o dia com demasiadas palavras e demasiadas emoções, para simplesmente gozar esta visita um pouco inaudita depois de dias onde imperou o cinzento húmido da desmoralização. Digo-me muitas vezes, não ligar ao tempo, que se lixe as eventualidades atmosféricas, mas viver aqui foi uma opção, foi o desejo de ter como companhia a maior parte do inverno um sol, talvez periclitante, não digo que não, mas mesmo assim sol. Poderia ter ficado noutras paragens do planeta, tive ofertas, se regresssei aqui foi porque não podia aturar por mais tempo temperaturas abaixo da minha condição, mesmo que a neve me emocionasse num carinho que fazia tremer meu corpo não só de frio como de um arrepio estético ascendendo quase a um sublime, impossível na nossa época. Conheço, sempre soube as limitações a que estava sujeito, não foi por acaso que a ambiguidade dessa palavra, sujeito, como identidade, me fez confusão. Mas a moeda não tem sempre duas faces? E a moeda, mesmo hoje, persiste nas nossas sociedades, mesmo quando se procura apagar a sua presença com digitalizações de uma perfunctória funcionalidade, por razões que poderão ser interpretadas como ambíguas. Fazer de conta que não há dinheiro é uma face da ideologia perspicua em todas as regiões do globo, como se houvesse um progresso em não se expor materialmente o que dizem que faz mover, alegremente, o mundo. Confesso, às vezes sinto-me tão pobre que não reconheço a riqueza que me cerca, quase me apetece estender a mão, Mas mesmo pobre, como já fui, nunca o fiz, preferi roubar ao capital a subsistência de que não podia abdicar. A esmola não é mola para nenhum impulso, para nenhum futuro.

12/2/2021

UM SENTIDO INCOMENSURÁVEL

Embevecido pelo diálogo isento de qualquer ratificação
estendo-me convulso e sereno pela superfície
das sensações, pareço que estou vivo, que sinto em mim
trepidar um acervo de meticulosos desígnios,
como se a eternidade fosse possível e não uma ilusão.
Tanto para fazer! Como consentir esta quase
mistificação do pensamento, eu que nunca quis fazer
nada de nada, que nunca senti uma vocação,
que vi sempre o mundo, até certo ponto, como um eco
ilusório de uma fala que não sabia distinguir
o começo de um fim, o corpo de uma alma, um desejo
de um prazer. E no entanto tenho tanta coisa
para fazer, cuidar da terra que me coube, esse terreno
onde planto árvores com um amor que me abre
e dilacera por ser roubado àqueles que mais amo, essa
família que mesmo assim constituí, sem saber
muito bem como. A sexualidade, essa voz de um corpo
humano apesar de tudo, ciciou-me, tem que ser,
tem que ser, e eu cedi. Quis durar no tempo ontológico
que me fugia com acenos de suicídios idólatras,
quis sentir na mão o prazer de afagar um corpo de mulher,
os cabelos de uma filha, a possibilidade de ter
num abraço misterioso a minha neta, palpitando da força
da infância, quando se atirou contra os meus braços
num movimento tão perplexo que me fez sentir o sentido
de uma inviolável presença na presença que era.
Tanto para fazer! Consinto-me um homem deste planeta,
não tenho mais mundo do que este onde deposito
os meus pés com o carinho e o cuidado que fariam inveja
a muita poesia e a muita filosofia que ainda hoje
procuram dar conta do que acontece ou se inventa. Fazer
o que faço no campo das mudanças constantes
e contínuas não é uma poiesis, é uma praxis, a actividade
de um empreendimento que não me subjuga
nem me esmorece, antes me oferece um cansaço bom
onde entrevejo a possibilidade da alegria viver
nos nossos sentidos como um sentido incomensurável.

12/2/2021

FIM DE SEMANA

Três dias de trabalho, fim de semana saudável com um sol finalmente imarcescível num céu impoluto de um azul silencioso, perto do chão onde os passos ainda sentem a água que caiu na semana precedente, com uma enxada viril limpando o que resta das canas selvaticamente expurgadas no mês passado, e agora este corpo onde o cansaço persiste mesmo depois da noite dormida entre o sonho e o pesadelo. Três dias e duas noites nesse terreno que tem sido suado uma tentação para um desejo abrupto de acção na realidade das matérias, das coisas, da carne. Cansado, e apreensivo. A pergunta que me faço, terei ainda idade para estas realizações de um eu que pretende dissolver-se numa feraz actividade, debaixo do calor primaveril do sol? Não seria, já agora, muito melhor alegrar-me com as débeis enxertias que intento em certas árvores, o dedo sentindo a casca, um apogeu de sensibilidade, como se o meu nome fizesse sentido, embora carvalhos só tenha três, longe da casa, figuras de nenhuma presença emancipadora, vegetais vultos da dissemelhança, se me posso permitir estabelecer a diferença entre a carne sanguínea, minha, e a seiva sedutora que sobe pelos ramos dessas árvores um pouco abandonadas, confesso, à sua sorte. Silvas é o que mais há nessa terrosa terra, são as inimigas por excedência, a enxada procurando a todo o custo despossui-las da raiz que teima em não deixar o conforto da escassa alimentação. Já escrevi, em exílios desmedidos, livros contendo o título de Raízes e Portos. Foi tempo. Agora os símbolos despedem-se de mim como se já tivesse idade para ter juízo. Ignoro se o juízo é coisa que se possa ganhar, às vezes o porisma leva-nos para meandros semânticos que só nos envergonham. Terá razão este juízo?

15/2/2021

O PRESENTE ICÁSTICO

A meteorologia do país perdeu a cabeça, no domingo dizia que as temperaturas iam subir, na segunda que iam baixar. Para quem, como eu, que vive no tempo, do tempo, esta disparidade deixa-me num estado de terra. Que vou fazer hoje, quando pensava continuar no terreno úvido as enxertias capazes talvez de remoçar as árvores? Mais um dia perdido? Dos dias achei-os sempre convidativos à assunção do prazer, mas foi a dor, muitas vezes, que se abraçava a mim num gesto que nunca compreendi, como se o meu corpo contivesse um ódio que me verrumava as carnes e as entranhas, como a consciência policresta. Que vou fazer hoje? Continuar a reler, com amor e ardor, o livro “Wallace Stevens – The Plain Sense of Things”, um estudo interessantíssimo, ou aventurar-me até ao campo, os afazeres fáceis chamando-me como se vissem em mim o homem que vai desaparecendo dos cúmulos do planeta? Dizem que há futuro, e eu acredito. A finitude talvez seja sempre pessoal, propaga a humanidade para a conclusão sucessiva de gerações, qual delas a mais propensa para o erro e a jactância, mas também para avanços mínimos de uma conquista que demorará talvez séculos, se houver ainda terra capaz de nos aceitar e abrigar. Há quem pense, os que sabem pensar, que por vezes na história das várias culturas surge uma brevíssima quebra, uma ruptura, outros diriam, uma mutação ígnea, com consequências para o convívio das gentes. É possível. Já não me parece que seja possível a meteorologia acertar cem por cento científica ou tecnológica no tempo que fará no dia seguinte. Uma pena. Espera-se tanto de quem não espera que o tempo se evidencie, espera-se tanto da magia que preludia a realização de planos a médio prazo. Mas é com o presente icástico que se tem que viver.

16/2/2021

AQUI

Sou o primeiro homem do mundo sem mistério.
Que fazer deste verso, desta linha? Que argumentar?
Diz-se tanta verdade assim como um disparate
que assoma e surge e cliva a consciência do momento.
Porque o problema é este, haverá homens
com algum mistério imbuído nas suas entranhas?
Desconfio. Já soube o significado primevo da palavra
mistério, não tenho pachorra para ir ao dicionário
redescobri-lo. Faça-o quem alguma vez, num tempo
mais ou menos futuro, se atrever a vir até aqui.
Aqui, este porisma. Há lugares para tudo,
até para não ser, ou não se ser, se for, claro, possível.
É possível, devo pois concluir, que há ou houve homens
com um mistério? De que lhes teria servido? Não faço
a mínima ideia. Ouço este blues cantado agora
como uma distorção do Blackbird dos Beatles, talvez
da lavra de Paul McCartney, Blackbird singing
in the dead of night, e acho que a memória deve ser
um mistério, que a música é um outro mistério.
Terá Bettye Lavette algum mistério nessa voz
que me abre numa emoção estranguladora, amável,
como se o tempo pudesse ser revivido, vívido,
como agora revivo essa primeira frase retirada
de um poema do livro “Suor do Tédio”, por mim
escrito, sem que compreenda muito bem o que de mim
passou para o tempo, que não para a minha memória.
Houve algum mistério na escrita desse poema?
Se houve, não me lembro. Perde-se pois e ganha-se
tempo como se fossemos uma criança brincando
no espaço de uma talvez imaginação, talvez
mesmo de uma fantasia, uma criança incapaz de mim
como talvez eu fosse incapaz de um eu eucrásico
e muito menos de um mim efêmero e evasivo.
Não, a língua não contém nenhum mistério.
Poemas e porismas passaram por aqui, e que aqui
é agora este, pergunto, que não é esta tessitura saturada
de uma nomenclatura que me absorve de mistério.

17/2/2021

UMA CLARIVIDÊNCIA

Com esta dor do corpo sem ferida visível,
quase constante, ou durando horas, como poderei
obter uma clarividência digna desse nome
quando procuro escrever o que os dias me ofertam
assim tão casualmente e indiferentes
à minha pessoa, um velho homem que não saiu
de nenhum romance americano, longe
por alguns quilómetros do oceano, dirigindo
o olhar à minúscula serra agora destituída e rasurada
por um nevoeiro que persiste em ser atmosférico?
Como poderei transcender-me num êxtase
ou mesmo mergulhar num ínstase feito da atenção
de emoções que me dançam num apogeu
que poderia ser dos sentidos se o sentido carnal
não se resumisse à obsidiante e imperecível
dor que me enlaça? Não me compreendo
quando não compreendo o meu corpo desfigurado
em metamorfoses do que se poderia chamar
de torturas, se a hipérbole não fosse indesejável
nesta precisa ocasião. Uma voz sussurra-me
mais do que me cicia, estás perdido, estás perdido,
e realmente sinto-me perdido na verbalização
que teço com um denodo que me demora
em linhas de palavras, estes arquejos e arpejos
de uma música que por vezes me atordoa
de confusão e de dispersão, o real de tal maneira
cruento que o próprio acto de escrever surge
quase como um paliativo para a terapia desejada.
Nunca soube o que fazer, e nunca se tratou
de uma verdadeira indecisão. Não me conhecer,
na exímia acepção do verbo, não me permite
reconhecer-me como um homem realmente aberto
à humanidade do futuro que chega insidioso
como uma perdição do fluxo instantâneo no ávido
presente que se perde em iminente passado.
Passo por mim imbuído de dor, o corpo cataloga
cataclismos, a mente desmente a sua possibilidade.

18/2/2021

A CONDIÇÃO HUMANA

Mas não haverá mais nada para lá do tempo?
Há. Mas o corpo sofre tanto com as transformações do tempo que a dor impõe-se sem que seja um sofrimento assinalável. Como ignorar o corpo? A dor? As dores? Este inverno não se demove perante a injunção estúpida que lhe atiro às ventas, e com razão, o tempo não tem ventas nem ouve nenhuma voz humana que dele queira acercar-se. Ser entre as manifestações atmosféricas e as casas frias de bolsas escassas, o dinheiro neste país não dá para tudo, o preço da energia, sendo o que é. Paga-se o preço de se viver no país e sem proventos que nos permitam uma vida civilizada. Civilização, para mim, neste contexto, seria um corpo envolto de calor, um calor negando a natureza ou fazendo-lhe frente para a protecção de um estar. Ser e estar são complicações nada metafísicas, são tão físicas que a consciência do homem desperto é obrigada a concluir que a matéria é um dado essencial no concerto das filosofias febricitantes, se é que ainda as há. O parco horizonte dado pela janela pode não ser uma paisagem, é um país incapaz de conforto para a maioria da população. Valerá pois a pena perguntar, o que vai pelo mundo? Sei, as variantes da peste que assaltou o planeta sem nenhuma consideração pelos seus inestimáveis habitantes. Haverá nesta última adjectivação alguma ironia? Não há. Inestimável é um termo ambíguo, para quando o termo desta selvagem queda na mendicidade da espécie humana? Corpos sofrem em hospitais, alguns transformam-se ignaros em cadáveres sem darem por isso, as famílias também devem sofrer esses lutos pungentes, quem não sofre pela perda de alguém que ama? A luta que se trava é imensa, dolorosa, a condição humana desloca-se da sua humanidade para advir a frágil folha que cai da árvore varrida pelo vento da loucura.

19/2/2021

AUSÊNCIA

Música, livros, sofá, televisão, há tudo isso, por que não contentarmo-nos provisoriamente com isso? Que falta nos faz o fora se é na casa que está o abrigo? Mas será, para todos, o conforto? Desconfio. Ando ultimamente muito desconfiado, não por causa do confinamento associal, os amigos longe, em outras paragens do globo, os vizinhos gente a quem se diz, bom dia, boa tarde, boa noite. Bom e boa são adjectivos carinhosos, confesso, mas uma comunidade pode viver só do bom, do boa? Ignoro se esta pergunta é uma boa pergunta. Dizer, devo dizer mais uma vez, nunca pude compreender (há quanto tempo não rimava?) o que chamam de mundo, nunca compreendi as humanidades espalhadas culturalmente pelo planeta solitário dardejando e acumulando órbitas que me são tão incompreensíveis como os círculos hermenêuticos. Que os corpos se atraem, eu sei pela experiência vivida, mas assim tão certinhos deixa-me o gosto de uma matemática que nunca compreendi. Não sei se estou a brincar, o clima não é para flostrias, veja-se o que vai de neve e de fogo pelo globo, ora demasiado frio aqui, ora demasiado calor ali, numa intemperança que não se quer metafórica. Mas é. É neste ser do ser que às vezes me afundo, o abismo redundantemente abissal, outras vezes mesmo abismal, dependendo da ocasião afectiva. Ser-se homem, como sou, é uma aventura ilícita, é talvez um acaso com alguma sorte, ter vivido e estar vivo com uma provecta idade. Não ousou porém ser velho. Não tenho paciência. As dores que me vulgarizam em vulníficos testemunhos da presença às vezes quase me outram, se o verbo tiver a felicidade de expungir a sua extraordinária extravagância em existir. Outros o empregaram já, poucos, mas sem grande sucesso. Às vezes dói qualquer coisa na ausência da nossa consciência.

19/2/2021

ACERTAR

Aquilo que mais detesto, introduzir um ele quando é na primeira pessoa que experiencio o real que me investe de traduções mais ou menos felizes do que acontece, essas realidades que nos permitem dizer, a minha realidade é muito diferente da tua, permanecendo o real inefável e contundente como um abraço neutro e natural, tudo passando por tudo, um todo tão esplenético que às vezes se sente que sentir perdeu o seu sentido e a sua pertinência. Por quê o ocidente, nas suas ficções mais ou menos maltratadas, introduziu esse ele que nos é inacessível? Por que gostamos tanto de máscaras? De apostarmos num outro o que nos é consciência inelutável e sensível da vivência quotidiana, muitas vezes assertiva através de memórias que saltam do vazio da contingência para nos fertilizar com passos dados no passado? Não importa. Vou pois macaquear a tradição: Ele gozou a tarde de sol como há uma ou duas semanas não o fazia, ora sentado na sua espreguiçadeira maleável ora movendo-se por entre as árvores, a sair da hibernação vegetativa, à procura de botões que lhe dessem a felicidade de ver chegar a primavera que o alicia de flores e de verdes que nenhuma tela até hoje conseguiu, compreensivelmente, reproduzir. E viu, excitado (consciente da etimologia) vários pessegueiros e algumas ameixoeiras exporem ao sol as suas minúsculas intumescências quase peludas, penugentas seria talvez o melhor adjetivo, mas importa, já agora, como realmente importou a artistas e poetas célebres e canónicos, o emprego da palavra “certa” quando tudo nos é incerto, desprovido de um sentido que nos permita acertar com o real?

22/2/2021

CONTRADIÇÕES

O tempo escasseia, quero dizer, para depositar nesta futura página de um possível futuro livro este porisma, mas o desejo é compulsivo, vir, vir até esta escrita que cresce a olhos vistos, vir ver o que há hoje a dizer, e esse dizer é-me eco de uma incógnita. Vou abandonar-me ao fértil desânimo que tantas vezes me empolga abstruso como um intruso na sua intumescência ignava, que não imaginária. Antes iminente, o acontecer do que sucede, esta aparição amável, este cego delírio de uma coisa que me toma e me inebria ao ponto de não reconhecer a pessoa que escreve como uma modalidade da pessoa que vive. Viver nunca deixará de ser um fascínio, mesmo na dor, pão quotidiano, companhia a que não me habituo por mais habitual que seja a sua presença ignóbil. Estou a meio caminho, é porético o gesto pleno onde me englobo, mas no fim da página haverá uma data que harmonizará o tempo com o feito da temporalidade, o fim inevitável. Alicerçam-se planos, às vezes somos aristotélicos sem querer, a vida surpreende-nos com contradições, Dylan numa das suas canções do seu último álbum diz, ou canta, “I’m a man of contradictions”, se o é ele porque não poderei ser eu? Aceito, concedo. Luz nesta manhã a descambar para a tarde, o almoço quase pronto, diz-me a mulher, um segundo mais, respondo-lhe, mas olho o branco da tela frontal e receio que me demorará algum tempo finalizar a improvisação em que me dissipo e me atenho. Rápido, rápido, ouço a voz de ninguém sussurrar ao meu ouvido alienado, não desejo nem por nada chatear a minha mulher, que me dirá, se chegar atrasado ao repasto, não sabes que a comida esfria rapidamente? Esfria, é verdade. Se numas coisas atraso-me noutras avanço desmesurado, nunca é a verdade o que alcanço, mas será qualquer coisa.

2/3/2021

O PASSAR DO TEMPO

Qualquer coisa me tem impedido de vir escrever e eu não sei o que é. Demasiado cansaço braçal para os meus proveitosos anos? Talvez. Tenho relido livros empolgantes sobre a atitude Wallace Stevens e deixado nas margens das suas icásticas páginas notas que a leitura renovada me suscita. Suscitar, como todos os verbos que terminam em “citar”, empolga-me pela importância, diria quase, ontológica, existencial, da sua etimologia. Aprende-se muito com o regresso ao passado, já que regressar ao futuro nos é impossível. Embora se tenham feito filmes sobre esse esdrúxulo acontecimento. O cinema pode tudo. Até empolgar em espectáculos mais ou menos inocentes aqueles que não se importam de ser uma audiência. Curioso pela aparição deste “empolgar” dirijo-me pressuroso ao dicionário. “Ter força, ter valor”, eis o resultado da perquirição. Poderei ter força, digamos, psíquica ou, já agora, intelectual, coexistindo com o cansaço do corpo exposto aos rudes trabalhos do campo? Verdade que não possuo as máquinas excelentes que a tecnologia trouxe à lavoura, a enxada icónica transporta-me talvez etimologicamente histórico para situações anacrónicas onde o trabalho já foi a expressão de uma tortura. Felizmente, no meio de tanta azáfama suarenta, posso abandonar, caída no chão, a enxada, e deliciar-me em passeios lentos e atrevidos por entre as árvores que florescem vivas a olhos vistos. O grande sono hiemal acaba-se talvez fecundo nas diversas cores que dardejам das copas apinhadas de sensações visuais, cor, não sei porquê, remete-me para coração, e meu coração exulta feliz, se se pode ainda utilizar tal imagem. Ganhou-se muito com o passar do tempo, perdeu-se também muito com o seu passar. Há palavras defuntas ávidas de vir à tona uma vez mais, de vir à vida, mas será possível à civilização aceitar uma presença que foi, quando o presente nos cega de tanta tecnologia?

11/3/2021

O MAL E O BEM

O texto anterior não me deixou triste.
Não me deixou alegre. Deixou-me como tudo
o que nos deixa, num estado sem estado,
numa ausência que não é demissão política
nem afanosa expressão do pessimismo.
Mas ser deixado, dizem as psicologias ágeis,
comporta sempre um trauma, uma ferida
que não se pode evitar. É da natureza das coisas,
até da natureza humana, ser-se humano,
quem gostaria de ser um robô impedido de ter
veias e artérias substituídas por cabos?
Bem, já não digo nada. A nossa indiferença
perante o mal que perpassa pelo mundo
parece mesmo querer dizer que já não somos
o que pensamos ser, sentir deserta a terra
como um atrevimento da sensibilidade inútil.
Sentir, a dor ou a alegria, é o maior bem
que me é dado viver. E quando não há dor,
então é a maravilha. O corpo diverte-se
com o que já foi apelidado de alma e é hoje
um vazio, mas este vazio espera zeloso
um conteúdo, talvez o futuro consiga inventar
qualquer coisa que substitua essa perda,
essa inexistência, inexistência não é o futuro?
Aquilo que deseja aparecer, eclodir, tão
perto do que somos mesmo quando não damos
por nada, esvaídos na contemporaneidade
que nos abstrai e consome. Há processos, há
acessos de real com que não contávamos,
por que não haverá o novo como contraponto
às novidades da moda mercantil e nocente
deste percalço histórico, o ubíquo capitalismo?
Os pobres, para não os abstrair em pobreza,
não são um ferrete nas consciências tantas vezes
infelizes que nos assumem? Os explorados
não são os escravos desta civilização intolerável?
Viver-se de migalhas leva a terra à harmonia?

11/3/2021

A ESTÉTICA DA ESTUPIDEZ

Dores de cabeça também acontecem,
mas fazem algum sentido aparecer num porisma
de um livro, mesmo se esse livro é porético?
Não tenho cabeça para responder a essa pergunta,
por isso continuo, como sempre continuo,
esperando que alguma coisa aconteça para lá
da dor de cabeça. Um texto um pouco chato, não é?
Tenho que conviver com essa chatice, afinal
pouco da experiência da vida é assim tão excitante,
e nós vivemos, que remédio. A menos
que se tenha coragem de pôr fim à vida. Confesso,
não tenho essa coragem. Mas já estive muito
perto desse passo um pouco disfórico, ou talvez não,
já que dizem que na morte há uma certa libertação.
Detesto estas rimas que não são intencionais,
diversões a um pensamento lábil que procura estar
à altura do real, mas que fazer? Jurei tantas
vezes nunca mais delinear esta pergunta, por inútil,
mas ela surge, diriam alguns, de supetão.
E não há nada a fazer. Não sou propenso, digo-o
conscientemente, à repressão. “Let the being
be” já foi uma sentença que me seduziu,
quererá dizer alguma coisa de tangível, se o ser,
não ser, me traduz em alguns engulhos dilacerantes?
Este adjectivo, hiperbólico, também me surgiu
tão catacrético que sou obrigado, agora, a reconhecer
a importância desta figura na minha maneira
de ser. Evitei a rima final, mas ela está lá, isto é,
aqui. Hoje a despossessão, talvez devido à dor
de cabeça, é um facto, e é também uma interpretação
inócua. A língua, quando me descuido, prega-me
destas partidas, mas partidas para onde?
Este onde nada tem de enigmático, embora às vezes
eu sinta que significa mais do que o que significa,
querendo inaugurar uma nova metafísica,
a velha abolida dos receios políticos e filosóficos.
Mas a estética da estupidez não receia a estupidez!

12/3/2021

A BELEZA DAS FLORES

Não há abelhas. Para milhares de flores
umas quatro ou cinco esvoaçando entretidas,
perdendo-se quase sempre nas flores
dos trevos, sem dúvida mais atraentes na cor
que a brancura outrora virginal do branco.
Não há abelhas. Como poderei ter
alguma fruta quando chegar o tempo
da colheita? Nada é pois o que se antecipa
na consciência prospectiva que falece
perante a visão do desastre. Não há abelhas.
Nem outros insectos que as possam substituir.
Ainda vi duas borboletas esparecendo
em voos indescritíveis, aterrando em ramos
convidativos, poderão fazer o trabalho
das abelhas? Não sei. Uns bons quinze minutos
passei entre as árvores, na esperança de ver
chegar mais abelhas, mas nada. Nada
é como fiquei, sentindo que a terra
e as suas criaturas estão a ser dizimadas.
Os insecticidas, diz-me o vizinho, eis o mal.
Mal posso perceber a razão de tudo isto,
oferecem ao palato humano químicos
e os humanos, homens e mulheres, é claro,
comem toda a merda que lhe dão. Não é só aqui,
esclarece-me o vizinho, é em toda a parte.
Despeço-me dessas palavras acabrunhado,
quase como um menino infeliz,
incapaz de compreender o que percebo
como um mal da contemporaneidade.
E ando eu a dar de comer succulentos estrumes
às árvores florescidas, para quê? Bosta
de vaca com palha, essa mistura tradicional
que já pouco se usa. Há outros produtos,
azotos e potássios, disse-me o senhor
que me arranjou os quatro metros cúbicos
de uma potencial fertilidade. Para quê?
Não há abelhas. Resta-me a beleza das flores.

15/3/2021

UM QUALQUER CONTEÚDO

Estou mesmo parado diante do monitor, ou estava, ou estou, nessa folha branca de uma agilidade temerária, se pensarmos que existe sem preconceitos nem desejos. Não posso dizer que sinto o desejo de ser o veículo para um qualquer conteúdo, sei que vivi em diferentes continentes, saber traz-me alguma felicidade ou enriquece quem quer que seja? Seja eu ou sejas tu, que muda do mundo? Muda esta letra u depois de tão assiduamente usada? Acho que não. Letras, como as das canções, são líricas na língua em que as ouço, estarei a cometer o crime de não ser civilmente patriota? Há quem pense que sim. Haverá quem pense que não? É possível. A alegria de viver quando se aventura em alacridade será diferente do que queríamos significar, de dizer? Ignoro. Ignoto o caminho futuro, o futuro dos caminhos ainda mais ignoto. Valerá a pena de continuar este arremesso de uma atitude porética, ou deverei parar aqui mesmo, imbuído da sensação avulsa que sacode todo o meu corpo? Continuo cada vez menos eu mesmo, eu próprio é uma construção querida, caridosa, alheia ficção de uma verdade que se desmente todas as vezes que deseja impor-se à lei da leitura interpretativa. Em frente a luz da tarde não se deixa eclipsar por esta luz do monitor. Sinto-me bem assim, entre duas luminosidades, são mãos amáveis, porque se deixam amar, as que albergam em mim um desejo sem uma acataléptica intencionalidade, mas a intenção existe, viver este porisma como quem vive vívido o momento que dura desde o pérvio começo.

15/3/2021

A IGNORÂNCIA

Entalado entre releituras matinais e um almoço frugal espero poder escrever qualquer coisa capaz de ser sentida por quem sou, um homem cheio de afazeres agora que o tempo se aproxima da primavera a passos nem tão largos como isso. Trabalhar, no duro, com a minha idade, traduz que zelo ando a pôr na efemeridade? Aborrece-me dizer que não sei, sei algumas coisas, mas algumas coisas escapam ao que sei e sou obrigado a dizer que ignoro. Tanta ignorância não me deixa feliz. Paro. Parei. Sei o que vou escrever a seguir? Saber, como compreender, não são fáceis tarefas, as coisas do mundo passam sem qualquer respeito pela pessoa que sou, passam e eu testemunho-as ora perplexo ora indiferente, nada me dizem, não soletram uma rara possibilidade de interpretação, são como mudas mudanças facultando falas de outras línguas, se não for o silêncio o que as caracteriza. Ajo perante essas acções, não digo que não, mas não será uma reacção isto que chamo, inocentemente, diálogo com o real? Que diálogo? Relação seria um melhor substantivo. Terei ainda tempo para continuar ? Sinto já nas narinas o cheiro de qualquer coisa, é comida, mas que vitualhas estão a ser cozinhadas? Vou fugir deste imbróglio com uma pergunta à mulher? Sim, porque eu convivo com uma mulher, esta é a verdade.

16/3/2021

DOS EXAGEROS

O homem dos exageros, ei-lo, eis-me, todo partido depois de semanas de um insano labor no terreno de que sou, sem qualquer vergonha, proprietário. Desfeito em dores musculares e outras, este outras concedendo à imaginação a sua liberdade nem sempre bem aproveitada, mas enfim. Tive que ver através da máquina, esse bendito tractor, as coisas voltarem a uma ideia que se faz do que deve ser o cuidado posto no casamento com a selvagem natureza da terra. Não pára, a terra e a sua vegetação, por vezes estética, a beleza, a beleza, diz um aparvalhado observador das flores silvestres que atapetam um chão barroso, a porcaria, diz um olhar desgostoso do caos amorfo que cresce como uma expansão do universo impérvio. O corpo nem sequer deblatera de tão ferido, estúpido, é a injunção dessignificante, já tinhas idade para ter juízo. Mas o campo, a sua envolvimento, obriga-me a levantar da leitura de um livro e a dirigir-me feliz e curioso e prazenteiro ao local do crime, que há hoje a fazer, e há sempre qualquer coisa que exige de mim um esforço, uma atenção, uma inadiável acção: ir tentar contrariar a natureza, ora cortando aqui, ora abrindo na terra uma clareira capaz de conter a árvore que espera o seu abrigo. Sabendo que depois terei mais trabalho para dar de beber a tanto produto do meu desejo infrene: fazer do nada um pomar, outros diriam, um éden, um espaço aprazível pleno de um esmero e da possibilidade de alguns frutos. O vento destrói tudo, diz-me uma voz mais que amiga, verdade, mas insisto, insisto, uma natureza humana contra a indiferença da natureza agida dos percalços que me são já conhecidos. Todos os anos é a mesma coisa, tantas flores, escassos resultados. A teimosia que ponho na minha actividade não tem nada de são, é bem possível que o exagero seja mais uma doença no número de doenças de que sou objecto e sujeito. Exagerado até ao limite da dor, que pressinto da vida?

18/3/2021

DO BARULHO AO RUÍDO

Atarantado pelo barulho de máquinas que ajudam a levantar mais um prédio mesmo em frente da fachada nordeste onde se encontra o apartamento sólito onde habito certos dias da semana, vou tentar sair desta obumbrção ajudado pelas palavras que acalento num vazio do cérebro. Esse oco não se faz eco, jaz fugaz numa disponibilidade amíntica, surde quando menos se espera, espero estar à altura deste momento. Ei-lo, se for credível que uma língua o consiga transportar para um solecismo atrevido, este desleixo do real que ao ser realidade turva de razões as impressões primeiras. Pois é, mais bairros quase dormitórios fazem as delícias da economia caseira, o país tem que albergar os seus cidadãos, e dizem que as crianças são apetências escassas na desenvoltura inespecífica do moderno. Não posso dizer que não durmo a pensar onde alojarão os carros das famílias médias, os espaços raros não foram tidos em conta na dolorosa planificação urdida nas câmaras quase, só quase, ardentes. A política policia as redondezas de uma forma estranha, às vezes fica-se com a ínvia sensação de que ninguém dá por nada, fazendo dos interesses dos ávidos construtores a medida de todas as coisas. A medida, eis o problema. Uma civilização rege os comportamentos das massificadas humanidades, as comunidades falecem de um poder que as possa vir proteger da dor, das dores de cabeça, do ruído acéfalo onde o quotidiano se alevanta.

23/3/2021

A PRIMAVERA

Dizem que a primavera chegou
e eu acredito. O sol talvez tenha chegado
para ficar, mas o vento frio da nortada
corta ao corpo todo o prazer de um calor.
E depois as casas ainda estão frias.
E as electricidades caras, incompatíveis
com o que se aufere da parca pensão.
É assim, dizemos indecisos na proporção
de um pensamento que não consegue
alcançar a verdade da sensação, é assim,
e depois nada. Nem todos os dias
se fazem país aprazível ou civilização
civilizada, o país é pobre, sempre foi pobre
desde que nasci, e setenta e tal anos
de pobreza esmorece qualquer felicidade.
Há locais muito piores. É verdade.
O corpo não raciocina, e é pena, e sofre
indiferente a certezas que circulam ávidas
na desmesura do planeta. A primavera
chegou. Tudo na mesma. A vida
incapaz de um testemunho, duma fala
que nos pudesse acariciar em momentos
mais ou menos depressivos, a vida
marimba-se para o que nos acontece.
Cheguei a sugerir, pleno de confiança,
a vida ama, a vida ama, sensaboria
de um desejo mais do que uma esperança,
a vida, afinal, não ama. Confiemos
no amor dos que nos são mais próximos,
há sempre uma família, senti-la bem
viva dentro da esfera das possibilidades.
É possível que a alegria esteja a gozar
uma metamorfose, que o invisível
contentamento nos contenha nos limites
da nossa humanidade, é possível, não
digo que não, e se o dissesse, a vida
seria muito diferente? Só a morte é certa.

23/3/2021

DE TODO

Acordei num delírio de frases
que engravidaram o começo da vigília,
passei uma boa hora deslizando em arrazoados
que irrompiam na consciência como se houvesse
realmente uma corrente, eram tumultos
verbais ora ordeiros ora caóticos, todo eu
perdido numa obscuridade que o quarto favorecia.
Que ficou de todo esse delírio? Nada.
Minto. A frase: Hoje estou de todo. Ignoro
como estas palavras juntas podem significar
alguma coisa, mas significam.
E fico até aturdido pela beleza pressentida,
estou de todo, cicio agora, sussurro agora, estou
de todo, enlevado numa disposição
para a profundidade que me não é atreita.
Todo o mundo poderá convergir em toda a gente?
Parece que sim, a língua demonstra-o
comovidamente restituindo ao real a realidade
de experiências muito similares
na sua aparente discórdia. Será o mundo
gente? Gente que vive toda na expectativa ávida
de uma segurança e de alguma felicidade,
se a alegria aparecesse seria ainda mais foyente.
Emociono-me com o começo deste dia,
há sol nas redondezas, pouco vento, apenas
uma brisa para que tudo surja quase
apanágio do que vive e existe e respira. Sopros
fizeram mitos e sustentaram religiões,
que regiões ainda sofrem a inabitabilidade
de uma paz, de um arremedo
de aprazíveis rotinas capazes da darem
ao humano a sua parte e parcela de enlevo?
Há muito sofrimento ceifando multidões várias
do planeta, é vê-los, esses corpos e esses rostos
em televisivas reportagens derivando
da má consciência que atordoa o mundo rico,
embora haja sempre uma explicação para a pobreza.

24/3/2021

O POEMA PASSANDO A PORISMA

Leio o poema Ulisses, há muito escrito,
e fico confundido com a presença de palavras
que esqueci, termos só decifráveis
em dicionários edificantes. Mas mesmo assim,
entre a confusão e o enlevo icástico sinto
que qualquer coisa acontece nesse texto ingente,
um cheiro a descoberta, uma audição
quase sublime, se o adjectivo não for adulterado,
como se pudesse apalpar e reter nos olhos
a perspectiva relativa de uma visão do mundo
mais perspicaz e epidíctica que a ideia
que se faz de um real que nos foge a cada instante.
Sinto que poderei hoje ser louco ao ter sido
louco para fazer coexistir um Ulisses navegante
com um Orfeu emblemático, mas sinto
sobretudo a possibilidade do mistério possuir
um avesso onde posso espairecer os meus sentidos.
Certos versos vindiços introduzem em mim
uma alegria desculpável, ser-se homem
é, como se diz agora, macaqueando a língua
inglesa, complicado, ser-se mulher é um espanto
perante a acumulação de desconhecidos
humores e irreprimíveis actividades adversas.
Ulisses, como poema, não me permite dizer nada.
Só repassá-lo uma, duas, mais vezes,
pressentindo que horas de escrita geniais
não fazem de quem escreve um génio, menos
ainda um poeta, por mais vontade que a figura
tenha de sobreviver ao cataclismo adusto
da contemporaneidade. Não sou o fantasma
de Ulisses nem de Orfeu, restrinjo-me à operação
do escrevedor que testemunha factos e coisas
que possivelmente nunca serão história.
E como isso é bom. Solícito e quase comovido,
depois de lidos os versos que navegaram
diante dos meus olhos cansados, peguei atrevido
num dicionário e decifrei as palavras esquecidas.

26/3/2021

ESCREVER

Não me atrevo sequer a reflectir no que acabei de escrever, mas a sensação é nevralgica, de que não consegui dar do que era uma ideia, um testemunho mais ou menos caucionante, um apetite para que a inteligência ou a estupidez pudesse coincidir com o arrojo da sensibilidade, nada, e este nada fere-me não como falha ou falhanço, mas como impossibilidade real de um abraço a quem lê estas linhas obscenas. Por mais que procure vir à boca da cena parece sempre que fico nos negros bastidores da inoperância, como se o medo e a timidez vivessem ainda no meu corpo desmedidamente perplexo, nocivo, obstupefacto. O teatro ainda me aponta para a tragédia e a divindade, e eu desejo ficar longe do mericismo obtuso onde outros homens se perderam de enganos. Vou abandonar o barco? Mas o que me traz aqui, se não é o elogio do palco, age como angústia e ansiedade, às vezes até penso que sou feliz, às vezes julgo que sou viável, mas viver compadece-se do que se pensa ou julga? Isto não é vida, deixar em rostos carcomidos pelo tempo um espaço que se quer inaugural, a vida não carece de palavras, e palavras é tudo o que tenho a oferecer ao mundo ignoto por onde passeio os meus passos aracnídeos, tecendo teias que não conseguem reter da experiência do acontecimento ou do facto nada de nada, ou só aproximações tão catacréticas que não podem ser carismáticas. Ulisses e Orfeu prometeram uma interpretação do que é ou do que foi em peregrinações arcaicas, são restos de rastos, apanágios letais do que não poderá ser num futuro qualquer. Reflectir não é um mal. Nem um bem. E escrever, um dia, há-de mudamente acabar.

26/3/2021

UMA CERTA AFABILIDADE

Digo, qualquer coisa, qualquer coisa,
como se existisse o que digo, mas hoje é um nada,
que também existe para mal da minha perplexidade.
Um nada feito de tudo a que tenho acesso.
Acedo porém a qualquer coisa de concreto,
estigmatizo um paradigma para a prática
de um pragmatismo profano, inessencial
para uma qualquer filosofia que foi ou mesmo
que seja? Estou devastado pela mudez do real.
Exauro mecanismos de uma psicologia provavelmente
datada, não é que me importe, mas gostaria hoje
de atingir uma dimensão tão imensa e intensa
que o comensurável fosse capaz de se medir
com o incomensurável. Medida e desmedida acertam
o passo com a experiência dos dias, mas os dias
que passam incrédulos só me trazem afazeres
de uma irrazoabilidade teratológica. Rio-me perdido
com este teratológico, ainda navego nestas águas?,
repreendo-me, e uma certa afabilidade
das coisas que me envolvem, se me envolvem,
espairece no sentido de uma liberdade que liberta,
sou um homem, a frase que me salta aos ouvidos,
sou uma homem, e só não acrescento, velho,
porque nada tem a ver com nada. Há sempre,
quer se queira quer não, uma possibilidade à frente,
um futuro não é só um furo no recesso
ou na espessura de um muro, ele advém
de tal maneira apaixonado que viver torna-se
uma insondável exteriorização de uma superfície
reflectindo não pensamentos desbravados pela mente
nem pelo cérebro, mas sensações de percepções
que ultrapassam a presença do espelho
que espalhamos na circunferência periférica
da nossa verdade. Escusado será dizer que não faço
a mínima ideia do que estou a escrever,
mas é bom sentir em mim um mundo vívido
que o mundo das notícias ainda não pôde maltratar.

29/3/2021

CONTINUAR

Na disposição em que me encontro, seria capaz de continuar este derrame paradoxal da sensibilidade, há um fluido movendo-se que me comove, será o tempo na sua manhã amarfanhada pela cegueira de uma nebulosidade à flor da pele, será o espaço inalcançável da vista que não bispa desta janela mais do que algumas copas de árvores inomináveis, seus nomes perdidos na ignorância a que voto, inócuo, o esplendor da vegetação que sobrevive nestas paragens suburbanas. Procuo reflectir sobre a minha existência de hoje, procuro, procuro, mas não acho nada. Acha para uma fogueira sempre me senti, não sei porquê, às vezes temos a sensação de que alguém nos vive sorrateiramente, às vezes achamos uma estupidez o que se sente, fará algum sentido trazer à língua impressões avassaladoras que carecem de qualquer objectividade? Ignoro. Escrevo este ignoro com um engulho do que se chama consciência, com a minha idade, cada vez mais provecta, deveria saber algumas coisas, sei, mas o que sei não ascende à escrita, evita a comunhão de uma comunidade atreita ao sortilégio do mutismo sensual e sentimental. Arvoro, que nem uma árvore, um livro etimológico cerceado pelo enigma, a paixão quer dizer muitas coisas, nem só sofrimento, nem só desejo de prazer, afinal as mulheres são do real a sua fórmula mais carinhosa, apesar de tudo, e este tudo deixa-me entregue a uma causalidade onde o sonho dévio se mistura ao caminho impérvio da insolvência. Quis escrever uma outra palavra, escrevi-a, mas a sua ortografia foi denunciada pelo inteligente programa onde elejo a repercussão, mudei-a ou evitei-a, a porética usa por vezes de estratégias que me deixam atarantado. O mundo e suas dores necessitam também de uma porética, mas a tradição exige para a realização o seguimento de estritos planos.

29/3/2021

A TERRA DO TERRENO

O senhor do tractor vai lavrar o terreno,
e eu que não sou terra gostaria também de ser
lavrado, não sei se fisicamente, se psicologicamente,
se ontologicamente (se tal fosse possível).
Também socialmente, já agora. A terra,
depois de desmatada, vai sofrer a incisão técnica
de duas lâminas metálicas que a sulcarão de vestígios
mais fundos que qualquer escarificação moral.
Depois, passada uma semana ou duas, um outro
aparelho ou maquinaria (a fresa, é o nome) virá alisar
a terra para que o terreno fique composto (palavras
do dono do tractor). Nunca compus o que quer
que seja, não sou músico, mas a antevisão prolética
dessa superfície, mesmo se levemente rugosa,
deixa-me sonhador, ou activa-me para extensões
quase ideológicas que me são estranhas.
Sempre suportei a natureza como ela é, caótica,
outros diriam mesmo, anárquica, sempre
aceitei a vegetação na sua diversidade daninha,
para quê pôr asseio ou limpeza ou ordem
no que cresce sem pedir licença? Penso, talvez
estupidamente, estou a ficar velho, o desejo de pureza
que sempre me arrepelou emerge agora sem sentido,
com um sentido que me obriga a pensar
que homem tenho sido, fui, serei. E não sei,
para meu pesar, responder. Nasci, vivo, mas quem
sou? Este quem inebria-me de confusão, não
de medo, é-se sempre uma idiossincrasia, é-se,
e esse é-se soa-me a uma nota numa melodia
que nunca comporei. A minha inclinação sempre
foi a música, mas nunca se realizou porque não houve
perícia que lhe desse voz. Escrevi centenas
de textos ao som de músicas que ritmavam o ardor
de uma necessidade, afastar a morte do campo
das minhas opções, fugir de apelos que me ciciavam
injunções desonestas e abstrusas. Porei pés
nesse chão lavrado, e se puder sentir-me-ei feliz.

30/3/2021

ROSAS

Rosas, senhor, são rosas,
e não haverá pão para quem
não deseja engordar. Haverá
alguns legumes, e o convívio
das primeiras rosas que agem
no olhar como carícias férteis
ondulando pelo corpo ávido.
Ávido de vida, a imaginada
e a vivida, são horas expostas
a uma virulência do pensar,
palavras abrindo como rosas
que pontuam de primavera
a primavera que se alcançou.
Há sempre um alcance algures
na reviravolta dos sentidos,
às vezes a impressão deixa-se
arrastar para a ausência adusta
do que inexistente, consegue-se,
mesmo assim, viver na terra
de ninguém, e ninguém sopra
uma realidade positiva, imo
translúcido de alguém ouvido
na dimensão quase anacrônica
de uma arcaica sensação ínvia
ou mesmo perdida. O corpo
padece das costumeiras dores,
conviver com o mal é um mal
que não beneficia ninguém, é
pois tempo de espaçar o medo
numa manifestação adurente,
se é que se sente o inominável
na voz do que acontece, razão
para muitas meditações ébrias
quando o conluio da esperança
com o desânimo se faz mundo
e experiência e eco. O que será
a sabedoria? Acalentar rosas?

30/3/2021

CÉU E TERRA

Céus esbranquiçados pelas poeiras do deserto africano, o sol, quando ligeiramente visível, uma bola de luz, e os tempos ainda não são apocalípticos. A temperatura agradável. O trabalho difícil, arrancar aos sulcos de trinta centímetros as pedras emersas depois do temporário e esporádico cataclismo. Com a ajuda da mulher, que horas depois generá as dores das costas como quando se levanta todos os dias da cama. Cansados. Não vale a pena desenvolver um discurso para sugerir este cansaço físico, cansados é como estamos. E sedentos de bebidas. Comendo um iogurte dispensamos alguns minutos para nos dizermos como o terreno está diferente, e até, se possível o termo, embelezado. Anos de descuido são agora destruídos pelo zelo tecnológico de um tractor que passa e repassa ao longo do terreno. Filmei dois minutos dessa façanha agrícola. Alguns filósofos, e estou a pensar num que teve um sucesso jornalístico considerável, censurar-me-iam pelo meu atrevimento. As suas teorias de simulacros imponderáveis e hiper-realistas acusar-me-iam mesmo de ser um dos cúmplices do estado de coisas em que vai o mundo. Importo-me? Estou me cagando para as teorias do defunto filósofo. Filmei, não para viver de recordações afanosas, mas para reter ou testemunhar o momento, a história não é só dos meios de comunicação, e os historiadores têm sempre as suas agendas. Mas o que me ficou do dia, para dizer a verdade, foi esse céu, vi-o como uma ameaça, embora a natureza tenha as leis que merece, e divaga em manifestações carentes de sindicatos ou outros grupos mais ou menos políticos. O país lá vai, nem melhor nem pior, sempre mais ou menos na mesma, isto é, sem história. As epidemias são percalços civilizacionais, vivemo-las entre receios e indiferenças, cada geração gerindo a ideologia que mais lhe acerta com os preconceitos usuais. Céu e terra nada dizem do que importa à humanidade.

31/3/2021

ÚNICO SABER

Num debuxo dedáleo, longe de qualquer ideia
facciosa do que poderá ser o porisma,
sem pesar a acuidade das palavras hematóides
que se insurgem contra quem escreve,
este eu que me divulga num discurso hiante,
inscrevo, neste branco simulando aceso
uma página virgem do que da vida se acende,
uma presença que muitos dizem ausente
quando brincam com conceitos e peripécias.
A vida continua. O tempo transporta-me
para o futuro como se nada fosse, não há fosso
nem abismo no diário percurso do real,
apenas factos, acontecimentos, ideias, acertos
de emoções que se contradizem às vezes,
afinal, a sensibilidade, como se a define hoje?
Ninguém sabe, e esta ignorância não é
um mal, poderá ser um bem se for bem vivida,
se fizer algum sentido esta impressão
que por vezes nos anavalha quando sentimos
uma estranha liberdade no apagamento
de qualquer ilusão de conhecimento. Vive-se
numa dimensão sem limites nem medida,
o que pode acontecer não se denuncia ameno
num pré-aviso, e tudo pode acontecer
a quem está vivo. Direi pois, como se fossem
muitos este eu meu, vivamos dia a dia
na esperança de que a noite nos trará uma paz
induzida pelo descanso, a noite pérvia
que se ilumina de candeeiros caseiros concita,
aqueles que nada esperam das promessas
tantas vezes esporádicas da política, a saborear
a respiração como um gozo uníloquo.
O mundo na realidade não se mundifica nem
modifica, há sempre guerras aludindo
ao desrespeito pela humanidade dos homens
e das mulheres e das crianças, a hora
é da impotência, vivámo-la como único saber.

1/4/2021

MUDANDO DE ASSUNTO

Na terra que perdeu o pouco de telúrico
que ainda existia deposito algumas sementes
de vários vegetais comestíveis,
sem estar consciente do estado emocional
que possivelmente nem sequer preside
ao arroubo de uma intenção e de um desejo.
A horta é agora o passo em frente.
Há sempre, por mais que se diga que não,
um futuro no presente, uma seta
desejando encontrar um alvo invisível,
ou só explícito na antecipação inexpugnável
em que se vive. Os planos poderão
não ser do ser, mas eles existem tauxiados
na carne de que nossos corpos quentes
subsistem, o passado passou, passa
aliás pela fímbria do que se apresenta factual
aos nossos sentidos, desaparece o tempo
no mesmo instante em que aparece,
e entretanto vive-se de experiências casuais,
ocasionais interpretações do acaso
que não nos ilude nem se perfila cenoso
como muitos pensam que sim. Assim Assim,
eis um bom título para um futuro livro,
se houver tempo para vivê-lo fértil
no tumulto das divagações históricas.
Mudando de assunto. Algumas enxertias
fazem a felicidade de meus olhos, o coração
bate na simplicidade de uma excitação
quase amorosa, passei uma árvore
para outra árvore, eis o feito, e dito assim
até parece que cometi um crime. Ignoro
o porquê desta intrusão na ignava
consciência, às vezes desconheço-me,
porquê esta súbita sensação, que crime
haverá em acasalar duas árvores num filho,
se me é permitida esta opima analogia?
Será porque vou anular a árvore primeira?

1/4/2021

HOMEM ATMOSFÉRICO

O prazer que é ver a chuva caindo, caindo,
começos de um Abril para as águas mil,
e o temor, que vai acontecer às flores
das minhas árvores? Ficarão encharcadas,
apodrecerão caindo miseravelmente no chão,
como estas rimas inexplícitas caindo toscas
no branco fictício de uma página imaginária?
Entre é como estou, entre o prazer e a dor,
confuso num dentro de mim que não pode
reflectir nenhum fora, nem absorve a chuva
nem a absolve do possível mal que está
a causar. Moral da história, não se pode
ter tudo. Ver agora a chuva entristece-me,
apesar do seu fascínio, e senti-la contra o vidro
da janela desperta-me qualquer coisa, o quê
um mistério irresolvido. Pairo indeciso
nesta confusão, um sentido monstruoso
abeira-me da perplexidade dos sentidos,
ouvi-la, que cai, esta chuva esperada
pelos boletins meteorológicos. Acertos
da ironia, desta vez acertaram, tantas vezes
falham estrepitosamente nas antecipações
que promulgam. Homem atmosférico,
sou, desde sempre o tempo impressionou
a minha estesia, desde sempre soube
a importância das acções da atmosfera
na minha psique. Um dia sem sol não é
um dia. Uma neblina persistente perturba
a percepção que tenho das coisas. O cinzento
oblitera-me, obumbra-me, embora aceite
as nuvens porque deslizam em viagens
silenciosas pelo horizonte da indelével
contemplação. Passou a chuva. Uma luz
líquida banha agora a minha displicência,
estou triste, estou alegre? Não sei. A luz
introduz nos meus olhos uma visão amável,
afável para ninguém não esqueço as flores.

1/4/2021

LENTAMENTE

Aproximo-me muito lentamente desta superfície, não para ser convictamente superficial, perfunctório mas para gozar o tempo da escrita como um tempo inscrito na incitação do mundo, da mútua existência, da comparência das coisas que nos podem restituir como vigências do real, e por isso hiulca realidade. Aproximo-me intruso mais do que silencioso halo, anteparo da consciência, antologia das profusas circunstâncias onde me desenvolvo, um sorriso na intumescência dos lábios, artefactos da hora. Sou quem sou e isso basta-me. Gozar o infinito do verbo, compassadamente, sentindo um ardor vindo da luminosidade do exterior, do fora, fora de qualquer metafísica, antefísico testemunho de qualquer coisa, seja um pensamento devoluto, seja uma emoção desvairada. Lentamente indo no movimento impregnado de línguas cordatas, vendo aparecer um sédulo desenho sem desígnio que o possa justificar numa conclusão perclusa. Estou onde estou, isto não é um aqui nem um ali, o tempo não se deixa espaçar, mas sinto que tenta tentar-me com fabricações especiosas, calo-me no que escrevo, não construo nem invento, creio muito sinceramente que crer passou do tempo, perdeu-se no infinito da sua insubstância, adusto clamor de uma ferida que não me alcança mais, ou por agora. Deixo a hipérbole na sua figuração tresmalhada, gozo sem atropelos os momentos desta respiração, inspiração e expiração, o peito subindo e descendo num ritmo que me reconhece animal. Sou um homem. Lentamente desperto para os sentidos do corpo, ouço os ruídos cadivos das percepções anagógicas, sorrio com o dislate, os dois dedos, um de cada mão, vincam as teclas conduzindo às letras que surgem na tela inerme, será um ataque esta minha intrusão na apostasia do tempo onde a ironia não figura como resposta?

1/4/2021

URGÊNCIA BÁSICA

Mordido por uma bicheza do campo,
talvez uma carraça, concutido na hipocondria
que me abastece de temores, fui
à Urgência Básica do Hospital, sete horas
de espera enquanto o inchaço informe me alagava
de suores que realmente não existiram,
mas são expressão da consabida língua comum.
Isto há mais de uma semana. O inchaço
passou, os dois locais do crime permanecem
apesar dos antibióticos e de outras manifestações
da conjuntural farmacêutica. Perdi
como que a noção do livro que entretanto
estou a escrever, só hoje, depois de alguma releitura
de um livro que comprei há mais de vinte
anos em Harvard, ao preço de cinco dólares,
e que hoje a Amazon vende por cento e catorze
dólares, me veio o impulso de chegar
aqui, sempre ignorando que aqui se presta
ao apelo que sinto de me expor
convicto à afabilidade da língua portuguesa
onde evoluo num devaneio tão racional
que penso até infligir um traço indisfarçável
da minha personalidade discursiva.
Desvio-me de uma curiosidade doentia,
saber o que vai ser a aparência da consciência
não é um saber, antes uma conformidade ilusória,
terei coragem de parar aqui mesmo, se aqui
nada tem que ver com mesmo? Estagno
na meditação que exerço como um forçado,
forço-me e forcejo-me nesta entrevista
incompletude da forma, o conteúdo
contenta-se com o que advém num mimetismo
que até me faz medo. As carraças voam
levadas pelo vento, nenhum sopro é espírito,
e no entanto perco-me na obsolescência
do acontecido ainda incapacitado
pelas marcas intrusas na perna mordida.

12/4/2021

A CRIATIVIDADE

Descanso, segunda-feira, depois de três dias de canseira, o terreno está a dar cabo de mim. Mas as coisas têm que ser feitas, replico ao olhar censor da mulher, e lá vou, enxada aos ombros, pelos esboços de caminhos que os pés vão pisando no chão ainda verde de uma primavera implícita. As raízes das canas abatidas não são brincadeira para um homem da minha idade, labutando vem-me à memória a estupidez de Deleuze inaugurada pelos seus famigerados rizomas. O pensamento tem que ser radical, mas eu atarefo-me a libertar a terra dessas raízes impostoras, há jovens árvores a ser plantadas, senão este ano no próximo ano, se, é claro, ainda estiver vivo. Vivo no suor tépido de um corpo que sempre colidiu comigo, às vezes sinto uma impressão felizmente delével, fazer as pazes com o corpo seria um feito quase sublime. Ninguém mais acredita no sublime, há-os, eu sei, que ainda ousam propagandear uma tradição nem tão velha como isso, e há quem os eleja como o melhor da sensibilidade plenamente pátria. Felizes os que são felizes, a frase não é minha, penso eu, de onde veio ignoro, ignorar o corpo é uma impossibilidade compungida. Desfiz-me de algumas raízes das canas agora encanecidas ou já levadas ao fogo, o verão vem sorrateiro em cada dia que passa, fazem-se planos no país, talvez, é a palavra, talvez a crise esteja ultrapassada pelos finais de agosto. Assim espero. Que seria dos homens, e das mulheres, sem planos? Entes à deriva, perdidos em si mesmos, no tédio de uma falta, a criatividade humana lida mal com o mal que nos devora em hora de reflexão. Que vai ser de mim? deixou de ser a pergunta, tantas vezes angustiante, tantas vezes angustiada, não é preciso ser-se louco para se compreender a vesânia que jaz pacífica nas mentes mentirosas.

12/4/2021

SER É ISSO

Ser-se velho, peço desculpa de o dizer assim, é uma merda. Digam o que disserem. Falam-me de sabedoria, que sabedoria ganhei eu? Nenhuma. Sei como viver da melhor maneira? Não. Sei evitar os percalços nefários que surgem a cada passo? Não. A linguagem pode ser porética, a prática existencial é porética, mas saio sempre vencedor da luta a que o real me obriga? Não. Logo, ser-se velho, é ser-se, mas é uma merda, e não peço nenhuma desculpa a ninguém. A cabeça completamente obnubilada, esse céu enublado cai sobre mim e não sei o que fazer, olho as nuvens que por vezes me dão o sentimento de uma felicidade intransponível e sinto um ódio muito especial por essa massa disforme acumulada sobre a minha cabeça. A dor é de um cinzento esbranquiçado, gravita grifo de uma língua que me ultrapassa, onde estou não coincide com esse onde onde gostaria de ser um homem, mesmo se velho, são. Consultei, esta manhã, um médico simpático, por outras razões que não a obnubilação. Vou fazer umas análises ao sangue como as faço todos os anos, saber o que se passa no ctónico mutismo do corpo é o objectivo. Triste por acabar de escrever este dislate, objectivo foi e é um termo que me arrepia, a vida obriga-me por vezes a transpor a racionalidade em que me fio. Fio finíssimo, é verdade, mas quem tem uma consciência como a minha serve-se de todos os apetrechos que possam ajudar a deslindar um caminho, a razão é-me tão coexistencial como a inenarrável intuição que alicerça com hesitações indisfarçáveis a profusão das decisões atónitas que tenho de tomar a cada segundo. Ser é isso.

20/4/2021

O MISTÉRIO DO ENIGMA

Deixar o ser ser. Deixar o ser ser. É a música.
Mas que significa tal frase? Deixar de compreender
o que aparentemente compreendi em tempos idos
quererá dizer alguma coisa? Poder-se-ia não deixar
o ser ser? Deixar ou não deixar que sentido traz
ao ser? E ser, seja o que for, poderá ser deixado
ou não deixado? Não compreendo. Às vezes digo,
não compreender é a melhor forma de compreender.
Que digo quando o digo? Sei o que digo? A língua
fornece-nos soluções para nos desenrascar, o real
tem em conta essas soluções? Deixo de ser quem sou
ao fazer da interrogação um estilo indesmentível?
De deixa em deixa, mas sem ser teatral, ouço-me
em certas palavras que nem chego a debitar, ouço
às vezes diálogos que fogem à possibilidade do real,
ou, pelo menos, de uma relação com o real. Fico
não extático, mas estático, num ínstase corroído
pela ausência do esplendor, fico aturdido, a força
da corrente linguística levando-me para apogeus
que desmentem qualquer auge, qualquer vibratilidade
com o que se poderá pensar que é o ser. Ao nada
devolvo-me arrependido por também não ter acesso
a uma compreensão, ser e nada soam-me tauxiados
como um título, uma dispersão quase contemporânea
na afabilidade com que teço este arrazoado anódino.
Haverá algures um mistério que nunca habitará
a minha consciência, a minha sensibilidade, falta
que me obriga a visitar estes lugares tumefactos?
Imprevisíveis? Quantas voltas não dei em círculos
fechados a qualquer inteligência, como aquela
que pressupõe a sua quadratura? Que diz o dizer
que prodigalizo com uma leviandade incontestável?
Que ser e ser-se não é a mesma coisa? Não haver
uma afirmação no que profiro, sobretudo declarativa,
deixa-me triste e indevido, de vida nem sempre
quem escreve vive, mas pode-se fingir uma argúcia
onde se perdem todos os que deixam o ser ser. Enigma.

20/4/2021